

M E M Ó R I A S
D O
I N S T I T U T O O S W A L D O C R U Z

Tomo 66

Fascículo 1

1968

**REVISÃO DO GÊNERO *OPHIDASCARIS* BAYLIS, 1921
(NEMATODA, ASCARIDOIDEA) ¹**

J. F. TEIXEIRA DE FREITAS

Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Guanabara

(Com 23 estampas)

Os representantes do gênero *Ophidascaris* Baylis, 1921 são nematódeos mais ou menos cilíndricos, de cor geralmente branco-amarelada, com cutícula estriada transversalmente e com extremidades atenuadas, podendo atingir grandes dimensões (há espécies em que as fêmeas alcançam 25 e 27 centímetros de comprimento). A porção anterior do corpo é geralmente mais delgada que a porção posterior; quando a diferença entre seus diâmetros é mais acentuada o helminto apresenta um aspecto tricuriforme. Existe às vezes um entumescimento uniforme na porção posterior do corpo, entre o nível da abertura vulvar e o da abertura anal. A boca é circundada por três lábios e três interlábios bem desenvolvidos, estes sempre menores que aqueles; na face interna dos lábios, próximo de seu bordo anterior, podem existir serrilhas de pequenos dentes. Na base dos lábios, partindo dos interlábios, existem sulcos cuticulares transversos, às vezes bem pronunciados. O esôfago é alongado, claviforme, desprovido de ventrículo e de ceco. O intestino é mais ou menos retilíneo, geralmente largo e de paredes espessas, não possuindo cecos; às vezes termina por um reto nítido. As fêmeas são didelfas, opistodelfas, ovíparas, com vulva de situação variável, desde o terço anterior do corpo até seu quarto posterior. O ovejeter é freqüentemente longo e dirigido para trás. O aparelho genital feminino se situa, todo ele, do nível da abertura vulvar até a região pré-anal, ocupando somente a porção posterior do corpo. Os ovos são esféricos ou sub-esféricos, raramente ovóides; geralmente não embrionados na ocasião da postura, têm casca levemente rugosa ou esculpada, e possuem dimensões variáveis, desde pequenos (0,030 mm) até grandes (0,100 mm). A extremidade posterior das fêmeas apresenta

¹ Recebido para publicação a 13 de abril de 1967.

Trabalho do Instituto Oswaldo Cruz (Divisão de Zoologia, Seção de Helminologia) realizado, em parte, com auxílio do Conselho Nacional de Pesquisas.

o orifício anal a distâncias variáveis de seu ápice, que pode ser arredondado, mucronado ou cônico. Os machos possuem dois espículos bem quitinizados, de base alargada e ponta geralmente arredondada; podem ser desiguais, sub-iguais ou iguais e geralmente possuem asas membranosas largas. Não possuem gubernáculo. O aparelho genital masculino se situa na metade posterior do corpo. A extremidade posterior dos machos geralmente apresenta leve curvatura ventral e possui o orifício anal, freqüentemente grande, situado a distâncias variáveis de seu ápice, que, como nas fêmeas, pode ser arredondado, mucronado ou cônico. As asas caudais são geralmente ausentes; quando existem são estreitas e muito curtas, pós-anais. As papilas caudais são sempre presentes: podem ser pré, ad ou pós-anais, geralmente numerosas, dispõem-se, com ou sem regularidade, na face ventro-lateral do corpo, gradativamente aumentando os espaços que as separam à proporção que se distanciam da abertura anal. Às vezes existe uma papila mediana, ou um par submediano, pré-anal, no bordo anterior do ânus. As papilas ad-anais são raras; quando existem são representadas por um ou dois pares. As papilas pós-anais são pouco numerosas (a maioria das espécies possui seis pares), excepcionalmente ausentes; algumas delas (geralmente o primeiro par) podem apresentar terminação dupla. Parasitos heteroxenos, tendo, em natureza, anfíbios como hospedadores intermediários, podem entretanto, experimentalmente, fazer sua evolução larvar inicial em camundongos. No estágio adulto são parasitos de répteis, principalmente cobras, sendo encontrados, habitualmente, no estômago e no intestino delgado, onde podem causar lesões mais ou menos graves.

O estudo de conjunto que realizamos, com análise cuidadosa da literatura, mostrou-nos quanto desconhecemos sobre suas espécies; expomos tôdas as dúvidas e incertezas que se nos apresentaram, sugerindo novos estudos que permitam ampliar e esclarecer nossos conhecimentos.

A possibilidade de uma mesma espécie parasitar ofídios diferentes e, também, a ocorrência de parasitos diversos em um mesmo indivíduo trouxeram, a nosso ver, algumas das confusões que encontramos. Além disso, a pouca atenção que tem sido dispensada à igualdade ou desigualdade dos espículos, órgãos de grande importância sistemática, à posição relativa da vulva, ao número e disposição das papilas caudais dos machos, às dimensões dos ovos, originou enganos e erros que, em 1967, tentamos corrigir em nota apresentada à Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro.

Agradecimentos — Expressamos nossos agradecimentos a: Professora Anna Hoineff, pela cópia de algumas das figuras que documentam o trabalho; ao Professor Paulo F. Bührnheim e ao Sr. Thomas Michael Lewinsohn, pela tradução dos artigos em alemão, e ao Professor Dmytro Zajciw, pela tradução dos trabalhos publicados em língua russa.

HISTÓRICO GERAL

O gênero *Ophidascaris* é estabelecido por BAYLIS no número 4 do volume 12 da revista *Parasitology* que, embora datado de dezembro de 1920, só é dado à publicidade a 10 de janeiro de 1921 (cf. Index-catalogue of medical and veterinary zoology, 1938 (2): 278); nêle foram incluídas 9 espécies: *O. filaria* (Dujardin, 1845), *O. radiosa* (Schneider, 1866), *O. obconica* (Baird, 1860), *O. mombasica*, então descrita, *O. gestri* (Parona, 1889), *O. papillifera* (Linstow, 1897), *O. solitaria* (Linstow, 1903), *O. naiiae* (Gedoelst, 1916) e *O. intorta* (Gedoelst, 1916). As cinco últimas são consideradas como prováveis integrantes do gênero proposto.

Em 1922 ORTLEPP e BAYLIS & DAUBNEY assinalam formas imaturas de *O. filaria* em pulmão do ofídio hospedador; o primeiro autor faz tentativas no estudo da evolução dessa espécie, obtendo, a partir de ovos embrionados, larvas no fígado e pulmões de camundongos.

Em 1926 YORKE & MAPLESTON relacionam as mesmas espécies incluídas no gênero por BAYLIS em 1921.

Em 1927 WALTON descreve *O. labiatopapillosa*; logo depois, em 1929, SPREHN publica a descrição de *O. arndti* e, decorridos dois anos, HSÜ & HOEPPLI descrevem *O. excavata*.

ROBINSON, em 1934, descreve *O. baylisi* e refere ter encontrado imaturos de *O. filaria* em vários órgãos do organismo hospedador e adultos com as extremidades cefálicas em um nódulo da parede do estômago.

Em 1935 YAMAGUTI descreve *O. natricis* e VAZ publica a descrição de *O. trichuriformis*, descrevendo as lesões do estômago do animal parasitado, documentando seu estudo com várias figuras elucidativas.

WALTON, em 1936 e 1937, publica os resultados de suas pesquisas sobre a evolução de *O. labiatopapillosa*, demonstrando ser essa espécie um parasito heteroxeno, que evolui em anfíbios.

Ainda em 1937 SCHUURMANS-STEKHOVEN descreve *O. amucronata*.

No decorrer do ano de 1938 três espécies são descritas: *O. microspicula* e *O. genoheteromegala* por KREIS e *O. travassosi* por VAZ, e uma outra espécie, *O. excavata* é transferida para o gênero *Amplicaecum* Baylis, 1920, de acôrdo com o reestudo do material tipo, feito por HSÜ & HOEPPLI.

Em 1939 CABALLERO descreve *O. ochoterenai* e três anos mais tarde JOHNSTON & MAWSON descrevem, *O. varani*; três anos depois, em 1950, SCHUURMANS-STEKHOVEN descreve *O. crassilabiata* e, logo no ano seguinte, é publicada a descrição de *O. sicki* por FREITAS.

Em 1951 SKRJABIN, SHIKOBALOVA & MOZGOVOI relacionam 20 espécies no gênero: *O. filaria*, *O. amucronata*, *O. arndti*, *O. baylisi*, *O. genoheteromegala*, *O. gestri*, *O. intorta*, *O. labiatopapillosa*, *O. microspicula*, *O. mombasica*, *O. najae*, *O. natricis*, *O. obconica*, *O. ochoterenai*, *O. papillifera*, *O. pyrrhus*, *O. radiosa*, *O. solitaria*, *O. travassosi* e *O. trichuriformis*.

1953 MNZGOVOI nos "Ascaridata parasitos dos animais e do homem e doenças causadas por êles", que constituem o volume 2 dos "Princípios de nematodologia" de SKRJABIN, reúne, em língua russa, as des-

crições de tôdas as espécies incluídas no gênero, num conjunto que, embora sem análise crítica, é extremamente útil. Excetuando *O. solitaria*, *O. papillifera* e *O. pyrrhus*, publica Mozgovoi uma chave prática para determinação das demais espécies (não incluindo nela *O. sicki*), que, adaptada e traduzida, é a seguinte:

- | | |
|---|---|
| 1. Corpo com a porção anterior delgada e a posterior alargada, com aspecto tricuriforme | <i>O. trichuriformis</i> Vaz, 1938 |
| —. Corpo com a porção anterior sem adelgaçamento pronunciado | 2 |
| 2. Fileiras de dentes labiais ausentes | 3 |
| —. Fileiras de dentes labiais presentes | 5 |
| 3. Vulva no terço anterior do corpo | <i>O. gestri</i> (Parona, 1889) |
| —. Vulva na metade posterior do corpo | 4 |
| 4. Vulva logo depois do meio do corpo; 24 pares de papilas pré-anais; ovos pequenos (0,035 — 0,045 mm de diâmetro); hospedador: <i>Coluber quatuorlineatus</i> | <i>O. genoheteromegala</i> Kreis, 1938 |
| —. Vulva no terço posterior do corpo; 30 pares de papilas pré-anais; ovos relativamente grandes (0,090 x 0,080 mm); hospedador: <i>Python reticulatus</i> | <i>O. baylisi</i> Robinson, 1934 |
| 5. Interlábios ausentes | <i>O. natricis</i> Yamaguti, 1935 |
| —. Interlábios presentes | 6 |
| 6. Vulva no terço anterior do corpo | 7 |
| —. Vulva no meio do corpo ou logo atrás | 9 |
| 7. Papilas pós-anais ausentes | <i>O. microspicula</i> Kreis, 1938 |
| —. Papilas pós-anais presentes | 8 |
| 8. Polpa labial com duas saliências anteriores, das quais partem ramificações numerosas; cauda, em ambos os sexos, com espinho terminal | <i>O. intorta</i> (Gedoelst, 1916) |
| —. Polpa labial com saliências anteriores, das quais partem ramificações não numerosas; cauda sem espinho terminal | <i>O. amucronata</i> Schuurmans-Stekhoven, 1937 |
| 9. Ovos muito pequenos (0,030 x 0,028 mm) | <i>O. labiatopapillosa</i> Walton, 1927 |
| —. Ovos de tamanho médio ou grandes (0,064-0,100 x 0,058-0,100 mm) | 10 |
| 10. Seis (6) pares de papilas pré-anais | <i>O. radiosa</i> (Schneider, 1866) |
| —. Mais de 21 pares de papilas pré-anais | 11 |
| 11. Quatro (4) pares de papilas pós-anais | <i>O. obconica</i> (Baird, 1860) |
| —. Cinco (5) e mais pares de papilas pós-anais | 12 |
| 12. Polpa labial com duas saliências anteriores | 13 |
| —. Polpa labial sem saliências anteriores | 15 |
| 13. Saliências anteriores da polpa labial com ramificações numerosas; vulva muito atrás do meio do corpo, dividindo-o na relação de 7:4 | <i>O. filaria</i> (Dujardin, 1845) |
| —. Saliências anteriores da polpa sem ramificações; vulva no meio do corpo | 14 |
| 14. Papilas labiais simples; espículos com 1,6-1,7 mm de comprimento; saliências anteriores da polpa labial falciformes; 5 pares de papilas pós-anais e 21 pares de papilas pré-anais | <i>O. arndti</i> Sprehn, 1929 |
| —. Papilas labiais duplas; espículos com 4,64-5,4 mm de comprimento; saliências anteriores da polpa labial semi-lunares; 6 pares de papilas pós-anais e 35 pares de papilas pré-anais | <i>O. najae</i> (Gedoelst, 1916) |
| 15. Sete (7) pares de papilas pós-anais; espículos com 2 mm de comprimento; vulva um pouco atrás do meio do corpo | <i>O. travassosi</i> Vaz, 1938 |
| —. Cinco (5) pares de papilas pós-anais; espículos não menores de 2,7 mm; vulva no limite do segundo com o terceiro terço do corpo ou ainda mais perto do ápice caudal | 16 |
| 16. Um (1) par de papilas pós-anais com ápice duplo; vulva no início do último quarto do corpo; espículos com 3,7 mm de comprimento | <i>O. ochoterenai</i> Caballero, 1939 |
| —. Tôdas as papilas pós-anais simples; vulva no limite dos terços médio e posterior do corpo; espículos com 2,7-2,98 mm de comprimento | <i>O. mombasica</i> Baylis, 1921 |

Em 1954 KHERA descreve *O. ajgaris* e HARTWICH propõe a subfamília *Ophidascaridinae*.

Ainda em 1954 e em 1955 SPRENT dá à publicidade os resultados de seus estudos sobre a evolução de *O. filaria*.

Em 1956 MOZGOVOI & ROMANOVA descrevem *O. macrospicula* e em 1957 HARTWICH relaciona no gênero 18 espécies: *O. filaria*, *O. amucronata*, *O. arndti*, *O. baylisi*, *O. crassilabiata*, *O. genoheteromegala*, *O. intorta*, *O. labiatopapillosa*, *O. microspicula*, *O. mombasica*, *O. najae*, *O. obconica*, *O. ochoterenai*, *O. pyrrhus*, *O. radiosa*, *O. sicki*, *O. travassosi* e *O. trichuriformis*.

Em 1959 THOMAS, reestudando o tipo de *O. varani*, transfere-a para o gênero *Amplificaecum* Baylis, 1920, propondo para ela um novo nome: *Amplificaecum mackerrasae*, por estar *Amplificaecum varani* preocupado por Baylis & Daubney, 1922.

Em 1960 CHABAUD descreve *O. solenopoion* e em 1961 YAMAGUTI, em seu "Systema Halminthum" relaciona no gênero 24 espécies: *O. filaria*, *O. ajgaris*, *O. amucronata*, *O. arndti*, *O. baylisi*, *O. crassilabiata*, *O. genoheteromegala*, *O. gestri*, *O. intorta*, *O. labiatopapillosa*, *O. microspicula*, *O. mombasica*, *O. najae*, *O. natricis*, *O. obconica*, *O. ochoterenai*, *O. papillifera*, *O. pyrrhus*, *O. radiosa*, *O. sicki*, *O. solitaria*, *O. travassosi*, *O. trichuriformis* e *O. varani* (essa última desde 1959 incluída no gênero *Amplificaecum*).

Em 1962 ASH & BEAVER fazem a evolução de uma espécie que presumem ser *O. labiatopapillosa* Walton, 1927.

Em 1966 FREITAS relaciona 31 espécies: *O. filaria*, *O. obconica*, *O. gestri*, *O. papillifera*, *O. infundibulicola*, *O. solitaria*, *O. naiae*, *O. intorta*, *O. mombasica*, *O. labiatopapillosa*, *O. arndti*, *O. baylisi*, *O. natricis*, *O. trichuriformis*, *O. amucronata*, *O. microspicula*, *O. genoheteromegala*, *O. travassosi*, *O. ochoterenai*, *O. pyrrhus*, *O. crassilabiata*, *O. sicki*, *O. ajgaris*, *O. macrospicula*, *O. solenopoion*, *O. robinsoni*, *O. daubaylisi*, *O. wui*, *O. caballeroi* e *O. hsuei*; as cinco últimas, baseadas em identificações errôneas encontradas na literatura, são consideradas novas para a ciência.

SISTEMÁTICA

Julgamos, de acôrdo com o estudo que fizemos, que a sistemática dêsse interessante grupo de nematódeos pode ser assim apresentada:

Ophidascaridinae Hartwich, 1954

Ophidascaridinae Hartwich, 1954: 1190

Ophidascaridinae Hartwich, 1957: 218, 247, 248

Ophidascaridinae Osche, 1958: 505, 507, 508, 509, 514, 515, 517, 524, 544, 551

Ophidascaridinae Sprent & Mines, 1960: 196, 197

Ophidascaridinae Kreis, 1966: 187, 206

Ascarididae. Lábios com pré-lábio estreito, unido ao eulábio, em forma de faixa. Asas labiais pouco desenvolvidas ou ausentes. Interlábios presentes ou ausentes. Asas cervicais ausentes. Esôfago cilíndrico. Ceco intestinal dorsal ausente. Órgãos genitais, em ambos os sexos, restritos à metade posterior do corpo ou também localizados na primeira metade. Fêmeas com 2, 4 ou 6 úteros. Vulva situada antes, depois ou

no meio do corpo. Cauda do macho cilíndrica, com apêndice terminal pontudo, bem distinto. Heteroxenos, evoluindo em anfíbios. Parasitos de répteis, principalmente cobras.

Gênero tipo — *Ophidascaris* Baylis, 1921.

Reproduzimos acima, traduzida e adaptada, a diagnose dada por HARTWICH em 1957.

Histórico — Essa subfamília é estabelecida por HARTWICH, em 1954, com a seguinte diagnose:

Lábios com pré-lábio estreito, em forma de fita, sem asas labiais; parasitos de répteis e anfíbios; gênero tipo: *Ophidascaris* Baylis, 1920.

Em 1957 HARTWICH, definindo-a em chave, amplia sua diagnose anterior e acrescenta: A essa subfamília pertencem todos os ascarídeos de répteis com esôfago simples, sem ventrículo e cujo intestino não possui ceco dorsal. Os gêneros reunidos nela são, tanto morfológica como ecológicamente, muito parecidos, podendo-se considerá-la como um grupo natural no sistema dos ascarídeos.

KREIS, em 1966, define-a do seguinte modo:

Lábios com ou sem interlábios; esôfago cilíndrico; ceco intestinal ausente; fêmeas com 2, 4 ou 6 úteros; vulva em geral na metade posterior do corpo; espículos iguais; cauda do macho com ápice arredondado; parasitos, em geral, de cobras.

Comentário — A essa subfamília devem pertencer, também, os gêneros *Polydelphis* Dujardin, 1845 e *Hexametra* Travassos, 1920, como refere HARTWICH em 1957 (cf. p. 248).

Ophidascaris Baylis, 1921

- Ophidascaris* Baylis, 1921: 412
- Ophidascaris* Baylis & Daubney, 1922: 272
- Ophidascaris* Baylis & Daubney, 1923: 552
- Ophidascaris* Stiles & Brown, 1924: 1961
- Ophidascaris* Baylis & Daubney, 1926: 1-2
- Ophidascaris* Yorke & Maplestone, 1926: 255, 262-263
- Ophidascaris* Walton, 1927: 58, 59
- Ophidascaris* Sprehn, 1929: 280
- Ophidascaris* Canavan, 1929: 84
- Ophidascaris* Canavan, 1931: 214
- Ophidascaris* Harwood, 1932: 43
- Ophidascaris* Robinson, 1934: 481
- Ophidascaris* Vaz, 1935: 42
- Ophidascaris* Baylis, 1936: 35, 44
- Ophidascaris* Schuurmans-Stekhoven, 1937: 14, 17
- Ophidascaris* Kreis, 1938: 336
- Ophidascaris* Vaz, 1938: 495, 496, 497, 498
- Ophidascaris* Caballero, 1939: 74
- Ophidascaris* Johnston & Mawson, 1942: 113
- Ophidascaris* Walton, 1943 a: 5

- Ophidascaris* Johnston & Mawson, 1947: 23, 24
Ophidascaris Schuurmans-Stekhoven, 1950: 337, 338
Ophidascaris Skrjabin, Shikhobalova & Mozgovi, 1951: 441
Ophidascaris Freitas, 1951: 255, 257
Ophidascaris Mozgovi, 1953: 39, 40, 41, 44, 134-135, 137, 145, 146, 154
Ophidascaris Khera, 1954: 32, 35
Ophidascaris Hartwich, 1954: 1176, 1183, 1190
Ophidascaris Freitas, 1955: 17
Ophidascaris Mozgovi & Romanova, 1956: 84
Ophidascaris Hartwich, 1957: 218, 247, 248
Ophidascaris Osche, 1958: 501, 503, 507, 508, 524, 539, 544, 552, 553
Ophidascaris Chabaud, 1960: 98, 99
Ophidascaris Yamaguti, 1961: 161, 162
Ophidascaris Horchner, 1962: 187
Ophidascaris Ash & Beaver, 1963: 765, 768, 769
Ophidascaris Kutzer & Lamina, 1965: 211, 212, 222, 227, 229
Ophidascaris Kutzer & Grünberg, 1965: 155, 157
Ophidascaris Freitas, 1967: 27

Ophidascaridinae. Corpo forte, alongado, com cutícula estriada transversalmente e com extremidades atenuadas. Bôca trilabiada. Lábios quase quadrados, com ângulos arredondados. Lábio dorsal, em geral, levemente menor que os ventro-laterais. Interlábios presentes, geralmente bem desenvolvidos. Serrilha de dentes labiais presente ou não. Sulcos transversos pós-labiais presentes. Esôfago relativamente curto, claviforme. Ventrículo ausente. Cecos esofágiano e intestinal ausentes. Aparelhos genitais, em ambos os sexos, situados, em geral, somente na porção posterior do corpo.

Fêmeas didelfas, opistodelfas, ovíparas. Vulva de situação variável, porém geralmente situada na metade posterior do corpo. Ovos de casca rugosa ou esculturada. Cauda pouco atenuada.

Machos com dois espículos iguais ou desiguais, geralmente providos de asas. Gubernáculo ausente. Asas caudais em geral ausentes. Papilas caudais presentes: numerosos pares pré-anais, ad-anais raras e geralmente seis pares pós-anais.

Heteroxenos, evoluindo em anfíbios. Parasitos de répteis.

Espécie tipo — *O. filaria* (Dujardin, 1845).

Outras espécies — *O. obconica* (Baird, 1860), *O. radiosa* (Schneider 1866), *O. gestri* (Parona, 1889), *O. papillifera* (Linstow, 1897), *O. infundibulicola* (Linstow, 1903), *O. solitaria* (Linstow, 1903), *O. naiiae* (Gedoelst, 1916), *O. intorta* (Gedoelst, 1916), *O. mombasica* Baylis, 1921, *O. labiatopapillosa* Walton, 1927, *O. arndti* Sprehn, 1929, *O. baylisi* Robinson, 1934, *O. natricis* Yamaguti, 1935, *O. trichuriformis* Vaz, 1935, *O. amucronata* Schuurmans-Stekhoven, 1937, *O. microspicula* Kreis, 1938, *O. genoheteromegala* Kreis, 1938, *O. travassosi* Vaz, 1938, *O. ochoterenai* Caballero, 1939, *O. pyrrhus* Johnston & Mawson, 1942, *O. cras-*

silabiata Schuurman-Stekhoven, 1950, *O. sicki* Freitas, 1951, *O. ajgaris* Khera, 1954, *O. macrospicula* Mozgovoï y Romanova, 1956, *O. solenopion* Chabaud, 1960, *O. robinsoni* Freitas, 1967, *O. daubaylisi* Freitas, 1967, *O. wui* Freitas, 1967, *O. caballeroi* Freitas, 1967, *O. hsuei* Freitas, 1967 e *O. cretinorum* sp. n.

Histórico — Esse gênero é proposto por BAYLIS, em princípios de 1921, com a seguinte diagnose:

Ascarinae. Lábios quase quadrados, com ângulos mais ou menos arredondados e geralmente tão largos quanto longos; lábio dorsal levemente menor que os ventro-laterais; interlábios geralmente desenvolvidos; sulcos cuticulares transversos fundos, partindo dos interlábios e parcialmente circundando a base dos lábios; esôfago relativamente curto, sem bulbo ou ventrículo; cecos esofagiano e intestinal ausentes; vagina e úteros dirigidos da vulva para trás; útero com dois ramos paralelos; vulva geralmente atrás do meio do corpo; órgãos genitais, em ambos os sexos, geralmente confinados à porção posterior do corpo, que algumas vezes apresenta um espessamento fusiforme. Espécie tipo: *O. filaria* (Dujardin, 1845).

Em 1924 STILES & BROWN definem-no em chave e reproduzem a diagnose original.

Em 1926 BAYLIS & DAUBNEY dão-lhe a diagnose seguinte:

Asas cervicais ausentes; lábios quase quadrados; lábio dorsal levemente menor que os ventro-laterais; serrilha de dentes labiais presente; interlábios geralmente bem desenvolvidos; sulcos transversais pós-labiais presentes; esôfago sem bulbo ou ventrículo; 4 a 6 pares de papilas pós-anais presentes, o mais anterior freqüentemente com terminação dupla; papilas pré-anais numerosas; espículos subiguais, alados; vulva geralmente na metade posterior do corpo; aparelhos genitais masculino e feminino geralmente na porção posterior do corpo, que algumas vezes apresenta espessamento fusiforme; dois úteros; canal alimentar de répteis.

Nesse mesmo ano YORKE & MAPLESTONE, definindo-o em chave, apresentam a diagnose:

Ascarinae. Lábios quase quadrados, com ângulos mais ou menos arredondados, quase tão largos quanto longos; serrilhas de dentes labiais presentes; interlábios presentes; sulcos cuticulares transversos pós-labiais partindo dos interlábios para circundar a base dos lábios; aparelho genital, em ambos os sexos, confinados à porção posterior do corpo, que algumas vezes apresenta um espessamento fusiforme; cauda do macho obtusamente cônica; asas caudais ausentes ou rudimentares; numerosas papilas pré-anais; espículos iguais ou sub-iguais; gubernáculo ausente; vulva geralmente atrás do meio do corpo; vagina dirigida para trás; dois úteros; ovíparos; ovos com casca pontuada; parasitos de cobras e lagartos.

Em 1936 BAYLIS define-o em chave e reproduz a diagnose de BAYLIS & DAUBNEY.

Em 1951 SKRJABIN, SHIKHOBALOVA & MOZGOVOI dão sua diagnose em russo.

Em 1953 MOZGOVOI, em russo, define-o em chave, dá sua diagnose e apresenta uma chave prática para determinação de 17 espécies.

HARTWICH, em 1957, define-o em chave e dá-lhe a seguinte diagnose:

Ophidascaridinae. Lábios quase quadrados, com asas labiais ausentes ou pouco desenvolvidas; interlábios presentes; asas cervicais ausentes; órgãos genitais localizados na metade posterior do corpo, em ambos os sexos; vulva situada perto ou, em geral, atrás do meio do corpo; dois úteros; parasitos de cobras.

Em 1961 YAMAGUTI dá sua diagnose e define-o em chave; acrescenta serem seus representantes parasitos ocasionais de anfíbios.

Em 1963 ASH & BEAVER apresentam seus caracteres, em curta diagnose, de acôrdo com BAYLIS e com YAMAGUTI.

Em 1965 KUTZER & GRÜNBERG apresentam, também, sua diagnose.

Comentário — Esse gênero, que tem como espécie tipo, por designação original, *O. filaria* (Dujardin, 1845), distingue-se, com facilidade, de *Polydelphis* Dujardin, 1845 e de *Hexametra* Travassos, 1920 pela presença de interlábios e por possuir o aparelho genital feminino do tipo didelfo.

***Ophidascaris filaria* (Dujardin, 1845) Baylis, 1921**

(Est. 1, figs. 1-6)

- Ascaris filaria* Dujardin, 1845: 177, 653-654
Ascaris filaria Diesing, 1851: 160
Ascaris rubicanda Schneider, 1866: 31 (*sic*)
Ascaris rubicunda Schneider, 1866: 42 p. p., text-fig., 343, pl. 1, fig. 8
Ascaris filaria Linstow, 1878: 184
Ascaris filaria Stossich, 1896: 79, 106
Ascaris filaria Parona, 1898: 12-13
Ascaris filaria Linstow, 1903: 109
Ascaris rubicunda Linstow, 1903: 109 p. p.
Ascaris rubicunda Railliet & Henry, 1910: 95
Ascaris filaria Railliet & Henry, 1910: 95, 96
Ascaris filaria Skrjabin, 1916: 35, 37, 46, 113, 116, 121
Ascaris filaria Gedoelst, 1916: 4, 86, 88
Ophidascaris filaria Baylis, 1921: 412, 413-414, fig. 1
Ophidascaris filaria Baylis & Daubney, 1922: 263, 272
Ophidascaris filaria Ortlepp, 1922: 97, 98, 99
Ophidascaris filaria Baylis, 1923: 2
Ophidascaris filaria Baylis & Daubney, 1923: 554
Ophidascaris filaria Stiles & Brown, 1924: 1961
Ophidascaris (Ascaris) filaria Baylis & Daubney, 1926: 2
Ophidascaris filaria Yorke & Maplestone, 1926: 262, 263, fig. 180 A-B
Ascaris filaria Walton, 1927: 58

- Ophidascaris filaria* Walton, 1927: 58, 59, 150
Ophidascaris filaria Thwaite, 1927: 233
Ophidascaris filaria Sandground, 1929: 2
Ophidascaris filaria Canavan, 1931: 214
Ophidascaris filaria Baylis, 1936: 44-46, fig. 7
Ophidascaris filaria Schuurmans-Stekhoven, 1937: 16
Ophidascaris filaria Vaz, 1938: 495, 496
Ophidascaris filaria Caballero, 1939: 76
Ophidascaris filaria Chow, 1939: 22
Ophidascaris filaria Baylis, 1940: 402
Ophidascaris filaria Johnston & Mawson, 1942: 110, 112, 113
Ophidascaris filaria Johnston & Mawson, 1947: 24
Ophidascaris filaria Johnston & Mawson, 1948: 101, 104
Ophidascaris filaria Skrjabin, Shikhobalova & Mozgovi, 1951: 441, 442, fig. 190 (1-3)
Ophidascaris filaria Freitas, 1951: 257
Ophidascaris filaria Mozgovi, 1953: 135, 136-139, 299, 302, figs. 80 (1-3), 81
Ophidascaris filaria Hartwich, 1954: 1175, 1176, 1186, 1187, 1208, pl. 8, fig. 33
Ophidascaris filaria Skrjabin, Shikhobalova, Sobolev, Paramonov & Sudarikov, 1954: 608, 609, 617, 618
Ophidascaris filaria Khera, 1954: 35, 36
Ophidascaris filaria Sprent, 1954: 609, 614
Ophidascaris filaria Chabaud, 1955: 110
Ophidascaris filaria Sprent, 1955: 40 p. p.
Ophidascaris filaria Mawson, 1955: 1, 6
Ophidascaris filaria Hartwich, 1957: 218
Ophidascaris filaria Osche, 1958: 499, 501, 503, 514, 515, 544, 561, fig. 10 m
Ophidascaris sp. Sprent, 1959: 35
Ophidascaris filaria Chabaud, 1960: 96, 98
Ophidascaris filaria Sprent & Mines, 1960: 183, 195, 196
Ophidascaris filaria Yamaguti, 1961: 162, pl. 17, fig. 157 a-b
Ophidascaris filaria Hörchner, 1962: 187
Ophidascaris filaria Chabaud, Brygoo & Petter, 1962: 528
Ophidascaris filaria Ash & Beaver, 1963: 768, 769
Ophidascaris filaria Kutzer & Lamina, 1965: 211, 218, 229
Ophidascaris filaria Kutzer Grünberg, 1965: 156, 157, 169, 171, fig. 18
Ophidascaris filaria Kreis, 1966: 187, 206
Ophidascaris filaria Freitas, 1967: 27, 28, 29

Comprimento — Macho com mais de 110 mm; fêmea com mais de 170 mm.

Largura — Macho 1 mm; fêmea 1,5 mm.

Corpo cilíndrico, muito alongado, atenuado anteriormente. Cutícula estriada transversalmente. Lábios com duas papilas cada um. Pa-

pilas do lábio dorsal com terminações duplas. Lábios ventro-laterais com uma papila grande, ventral e outra menor, dorsal. Lábio dorsal com bordo anterior levemente emarginado e ângulos arredondados. Polpa labial de cada lobo multirradiada na extremidade livre, com um lóbulo com aspecto de chifre de veado dirigido lateral e posteriormente. Interlábios presentes, curtos, obtusamente cônicos. Sulcos basais pós-labiais bem desenvolvidos. Fileiras de dentes labiais marginais presentes. Esôfago com 5 a 7 mm de comprimento, alargado posteriormente. Poro excretor situado a 1,4 mm da extremidade cefálica.

Fêmea didelfa, opistodelfa, ovípara, com vulva situada muito atrás do meio do corpo, dividindo-o na relação de 7:4. Vagina simples, muscular, com 0,15 mm de diâmetro, às vezes dirigida para diante e depois dobrando-se para trás e, pouco atrás do nível da abertura vulvar, apresentando uma dilatação oval, de aproximadamente 0,4 mm de comprimento por 0,27 mm de largura, que se continua por uma porção reta e ímpar, de 4 mm de comprimento por 0,4 mm de largura. Úteros paralelos, largos, um pouco sinuosos no início e depois retilíneos, dirigidos para trás. Ovidutos estreitos, com 0,7 mm de comprimento, dilatados no ponto de junção com os ovários. Ovários dobrados para diante logo após sua origem, atingindo o nível dos úteros e dobrando-se, então, para trás, terminando a 1,5 mm do nível do ânus. Ovos esféricos, com 0,065 a 0,073 mm de diâmetro. Cauda obtusamente cônica, com 0,3 mm de comprimento.

Macho com espículos levemente desiguais, alados, com 4 mm e 4,8 mm de comprimento por 0,06 a 0,07 mm de largura com as asas, arredondados na extremidade distal. Cauda obtusamente cônica. Papilas caudais presentes. Papilas pós-anais em número de 6 pares, sendo o primeiro, com terminação dupla, situado logo atrás da abertura anal e os cinco restantes dispostos em grupo quase circular, perto do ápice caudal.

Habitat — Estômago e intestino de *Python tigris* Daud., *Python reticulatus* Gray, *Python sebae* (Gm.), *Python molurus* (L.), *Python spilotes* (Lacép.), *Python variegatus* (Gray), *Python* sp., *Bitis gabonica* (Dum. & Bibr.), *Varanus* sp., *Aspidites melanocephalus* (Krefft) e *Morelia argus* (L.) (hospedador experimental).

Distribuição geográfica — África, Ásia, Oceania e Austrália.

Reproduzimos, traduzida e adaptada, a descrição de BAYLIS (1921), bem como sua figura; reproduzimos, também, as figuras de SCHNEIDER (1866), de YORKE & MAPLESTONE (1926) e de HARTWICH (1954).

Histórico — Essa espécie, encontrada em grande quantidade por Perrottet, em Pondichéry, no ano de 1837, em uma volumosa serpente indicada sob o nome de “boa” (provavelmente *Python* sp.), na qual

ocupava uma espécie de bolsa gelatinosa por fora do estômago, é descrita por DUJARDIN, em 1845, com os seguintes caracteres:

Comprimento — Macho 96 mm; fêmea 170 mm.

Largura — Macho 1 mm; fêmea 1,5 mm.

Corpo cilíndrico, muito alongado; cutícula com estrias transversais muito finas; extremidade cefálica com 0,27 mm de largura; três lábios presentes, com 0,184 mm de largura, cada um com duas papilas; esôfago com 7 mm de comprimento, mais largo posteriormente, onde mede 0,6 mm de largura; ventrículo ausente.

Fêmea com vulva situada a 107 mm da extremidade anterior, nos três quintos do comprimento do corpo; útero inicialmente filiforme, pregueado, com 4,5 mm de comprimento, e depois dividido em dois ramos cilíndricos, espessos, com 22 mm de comprimento, dirigidos para trás; ovos quase globosos, com 0,066 mm de comprimento, com casca finamente reticulada ou alveolada.

Macho com dois espículos iguais, com 4 mm de comprimento por 0,061 mm de largura; cauda conóide, com dupla fileira de 20 papilas pouco salientes.

Em 1851 DIESING dá, em latim e abreviada, a descrição de DUJARDIN, referindo como hospedador *Astrophis tigris*.

LINSTOW, em 1878, refere-a em *Python tigris* Daud.

Em 1896 STOSSICH dá, abreviada e em italiano, a descrição de DUJARDIN; coloca-a na 6.^a secção: *Formas inquirendas* e como hospedador refere *Astrophis tigris*, de Pondichéry, que em seu catálogo de hospedadores aparece como *Python tigris* Daud.

Em 1898 PARONA relata o encontro de alguns exemplares dessa espécie em um tumor do estômago de *Python reticulatus*, capturado por MODIGLIANI em 1894, na ilha de Mentawai, na costa ocidental de Sumatra; êsses exemplares, do sexo feminino, possuíam dimensões e ovos como descritos por DUJARDIN.

Em 1910 RAILLIET & HENRY estudam material colhido em um *Python sebae* por LAVERAN e PETTIT, no Instituto Pasteur de Paris, descrevendo-o da seguinte maneira:

Comprimento — Macho 110 mm; fêmea 150 a 165 mm.

Largura — Macho 1 mm.

Corpo muito alongado, subcilíndrico, um pouco mais atenuado anteriormente; boca com três lábios e três interlábios curtos; lábios com uma crista denteada e com a polpa formando, na extremidade de cada um dos lobos, um lóbulo dirigido para fora e para trás, desdobrado em uma dezena de ramos, que lhe dão o aspecto de chifre de alce.

Fêmeas didelfas, ovíparas, com vulva situada atrás do meio do corpo, mais ou menos nos 4/7 posteriores; ovos subglobosos, com casca finamente alveolada e com 0,070 a 0,073 mm de comprimento por 0,065 mm de largura.

Macho com dois espículos ligeiramente desiguais, com 4 mm e 4,75 mm de comprimento, com asas em goteira, o conjunto com 0,06 mm

de largura, e com a extremidade livre arredondada; extremidade caudal encurvada ventralmente, formando uma volta de espira; papilas caudais presentes: 25 a 30 pares pré-anais, laterais, dispostas mais ou menos regularmente, 1 par de papilas duplas imediatamente pós-anal e um grupo de 5 pares de papilas, duas internas e três externas de cada lado, dispostas quase em círculo no cone terminal do corpo.

Julgam RAILLIET & HENRY que o material estudado por DUJARDIN seja, provavelmente, de *Python molurus*; julgam, ainda, que *Ascaris rubicunda* Schneider tenha sido descrita de exemplares de *Ascaris filaria* e *Ascaris pythonis* Retzius, misturados. Dizem, além disso, que *Ascaris infundibulicola* Linstow, 1903 deve ser considerado um sinônimo duvidoso da espécie de DUJARDIN.

SKRJABIN, em 1916, assinala-a em *Bitis gabonica*, de acordo com material coletado pela Expedição Dogiel e Sokolof na África Oriental Britânica. Informa SKRJABIN que a espécie de DUJARDIN fôra referida, até o momento, nos seguintes ofídios: *Astrophis tigris*, *Python reticulatus* e *Python sebae*.

Ainda em 1916 GEDOELST aceita a sinonímia proposta por RAILLIET & HENRY e refere exemplares colhidos em *Python sebae* por BRODEN, em Leopoldville.

Em 1921 BAYLIS, aceitando as sinonímias de *A. rubicunda* e *A. infundibulicola*, descreve a espécie de DUJARDIN (ver descrição acima), indicando-a como espécie tipo de *Ophidascaris*, gênero então proposto. BAYLIS cita como hospedadores *Python molurus*, *Python reticulatus*, *Python sebae*, *Python spilotes* e *Varanus* sp., este último proveniente de Zanzibar, estando o material nêle colhido, e provavelmente o único estudado por BAYLIS, depositado no Museu Britânico. *Python spilotes* é pela primeira vez referido como hospedador de *O. filaria*. Como distribuição geográfica da espécie BAYLIS refere África, Índia, Península da Maláia e Arquipélago, Australásia.

Em 1922 BAYLIS & DAUBNEY assinalam sua ocorrência no aparelho digestivo de *Python molurus* e de formas imaturas no pulmão de *P. molurus* e *Python reticulatus*, no Jardim Zoológico de Calcutá.

ORTLEPP, ainda em 1922, informa ter coletado formas imaturas nos pulmões de um *Python molurus* que morrera no Jardim Zoológico de Londres, e, pouco depois, fêmeas adultas de *O. filaria* em dois espécimes de *Python spilotes*. Com ovos embrionados dessas fêmeas obteve a migração de larvas no fígado e pulmões de camundongos.

Em 1923 BAYLIS assinala-a em *Python molurus* no Egito.

Em 1926 YORKE & MAPLESTONE publicam duas figuras originais, porém não informam o hospedador nem a proveniência do material que estudaram; a figura da extremidade cefálica não mostra os lóbulos multirradiados referidos por RAILLIET & HENRY (1910) e representados por BAYLIS em 1921.

Em 1927 WALTON, revendo os nematódeos da Coleção Leidy, cita-a em *Python molurus*, material coletado por J. D. HATCH, em *Python* sp. (? *P. molurus*) e, em dúvida, em *Heterodon platyrhinus niger*.

No mesmo ano de 1927 THWAITE assinala-a em *Python molurus* proveniente de Matale, no Ceilão.

SANDGROUND, em 1929, refere-a em *Python* sp. nas planícies de Rutchuru (*sic*), no continente africano; os espécimes que examinou tinham sido coletados pela Harvard African Expedition em 1926-27.

Em 1931 CANAVAN assinala-a em *Python spilotes*, na Austrália e Nova Guiné, com os caracteres:

Comprimento — Macho 90 mm; fêmeas 95 a 110 mm.

Lábios com sulcos basais; polpa labial multirradiada; corno da polpa dirigido para trás como representado por Baylis; interlábios e serrilha de dentes presentes.

Em 1936 BAYLIS reproduz sua descrição e sua figura de 1921; apresenta um curto histórico, define-a em chave, pelo hospedador, e considera o macho de *Ascaris rubicunda* Schneider seu sinônimo, colocando a fêmea da espécie de SCHNEIDER na sinonímia de *Polydelphis attenuata* (Molin, 1958) (*cf.* p. 51).

VAZ, em 1938, não aceita a sinonímia de *Ascaris rubicunda* Schneider, proposta por RAILLIET & HENRY em 1910, porque SCHNEIDER, à página 35 diz possuir sua espécie 4 ovários, esquecendo-se, entretanto, de que RAILLIET & HENRY consideraram o material de SCHNEIDER constituído de duas espécies misturadas, das quais uma era idêntica à espécie de DUJARDIN.

Em 1939 CHOW assinala-a em *Python reticulatus* na Indochina francesa (atual Vietnam).

Nesse mesmo ano BAYLIS refere-a em *Python sebae* no Congo Belga (atual República do Congo).

JOHNSTON & MAWSON, em 1942, assinalam-na em Tuggerah, como parasito de *Python spilotes*, dando para o macho o comprimento de 105 mm e para a fêmea 165 mm, acrescentando não haver acentuado engrossamento posterior do corpo e ser a polpa labial semelhante à que fôra descrita por Baylis. Informam, ainda, que essa espécie fôra referida por Canavan, em 1931, na mesma espécie de *Python*, que estivera 3 meses em cativeiro no Jardim Zoológico de Filadélfia, mas que era proveniente da Tasmânia.

Seis anos mais tarde, em 1948, êsses autores assinalam-na em West Burleigh, Queensland, parasitando *Python variegatus*.

Em 1951 SKRJABIN, SHIKHOBALOVA & MOZGOVOI citam-na e reproduzem as figuras de BAYLIS e de YORKE & MAPLESTONE.

Mozgovoi, em 1953, aceitando a sinonímia de *Ascaris infundibulicola* Linstow, proposta com reservas por RAILLIET & HENRY em 1910, não considera *Ascaris rubicunda* Schneider idêntica à espécie de DUJARDIN, colocando-a na sinonímia de *Polydelphis attenuata* (Molin, 1958) (*cf.* p. 191). Define a espécie em chave, dá um curto histórico, reproduz, em russo, a descrição de BAYLIS (1921); reproduz, ainda, as figuras de WU & HU (1938), de BAYLIS (1921) e de YORKE & MAPLESTONE (1926), acrescentando uma outra, de SKRJABIN (inédita), mostrando os nematódeos fixados à parede do estômago. Como hospedadores MOZGOVOI refere *Python molurus*, *Python reticulatus*, *Python sebae*, *Python* sp.,

Python spilotes, *Astrophis tigris*, *Bitis gabonica* e *Varanus* sp. e como distribuição geográfica: Índia, ilhas da Malásia, Congo, Vietnam, Austrália, Nova Guiné, Egito, Ceilão, China e Java.

HARTWICH, em 1954, publica uma figura do lábio dorsal e refere como sinônimos *Ascaris rubicunda* Schneider, 1866 e *Ophidascaris* sp. Hsü, 1933; não informa o hospedador nem a proveniência do material que viu. Sua figura mostra em cada ângulo da polpa labial um lóbulo alongado, porém não multirradiado e, além disso, a margem do lábio não é deprimida, como figurou BAYLIS.

Ainda em 1954 SPRENT informa ter dado a camundongos ovos embrionados de *O. filaria* de *Python spilotes* e observado crescimento considerável das larvas no fígado; larvas também foram encontradas, enquistadas, na musculatura geral, principalmente dos membros anteriores. Camundongos dados a um *P. spilotes* não infestado, há pouco tempo em hibernação, permitiram, 4 meses depois, no começo da estação quente, quando ocorreu sua morte, encontrar numerosas larvas em vários estágios de desenvolvimento, desde larvas de 3.º estágio em várias partes do corpo (várias enquistadas nos pulmões, músculos e parede intestinal) até adultos localizados no intestino.

Em 1955 SPRENT realiza sua evolução em camundongos e no ofídio *Morelia argus*, informando:

Os adultos ficam agrupados em cacho, com a parte anterior do corpo profundamente penetrada na parede do estômago; os ovos, esféricos, de casca rugosa, com 0,085 mm de diâmetro, são eliminados com as fezes e seu desenvolvimento só é obtido em culturas bem arejadas. As larvas do 1.º estágio se completam em 10 dias, quando se processa a 1.ª ecdise, tornando-se os ovos infestantes para camundongos, nos quais as larvas do 2.º estágio migram para os pulmões e musculatura geral; nesses animais, após 5 dias, algumas larvas fazem a 2.ª ecdise, tendo, então, 0,5 a 0,6 mm de comprimento. Larvas do 3.º estágio aparecem no fígado em 5 dias; crescem, então, consideravelmente, atingindo 12 mm de comprimento na 4.ª semana; lesões hepáticas fatais ocorrem com freqüência. As larvas encontradas em outros tecidos alcançam somente 1,7 mm de comprimento. Cobras alimentadas com camundongos vivos infestados morreram com intervalos variáveis; larvas do 3.º estágio foram encontradas nos rins, fígado e pulmões, com mais de 11 mm de comprimento; a 3.ª ecdise foi observada nos pulmões. Larvas do 4.º estágio e adultos, com a pele do 4.º estágio ainda prêsa, foram encontrados no estômago 3 semanas após a infestação.

MAWSON, em 1955, assinala-a em *Aspidites melanocephalus* (Krefft) em Cairns, Queensland.

Em 1959 SPRENT, em nota sobre o desenvolvimento de ascarídeos de *Morelia argus* (carpet snake) informa que três espécies, pertencentes aos gêneros *Amplichaecum*, *Ophidascaris* e *Polydelphis* foram estudadas; diz, então, que as larvas de *Ophidascaris filaria* por ele referidas em 1953 são na realidade larvas de *Amplichaecum* sp., acrescentando que as larvas de *Ophidascaris* se encontram no tecido subcutâneo, crescendo até 1,8 mm de comprimento.

Em 1961 YAMAGUTI cita-a e reproduz as figuras de YORKE & MAPLESTONE.

KREIS, em 1966, refere-a em *Python* sp., da Austrália, dando para os machos o comprimento de 60 a 110 mm e para as fêmeas 80 a 170 mm; aceita as sinonímias propostas por RAILLIET & HENRY em 1910.

Comentários — Essa espécie, que pode ser reconhecida por um conjunto de caracteres, como: lóbulos radiais multirradiados, espículos desiguais, com 4 mm e 4,75 a 4,8 mm de comprimento, 20 a 30 pares de papilas pré-anais, ausência de papilas ad-anais, 6 pares de papilas pós-anais, sendo o primeiro, junto ao ânus, constituído por papilas de terminação dupla e os cinco restantes, pré-apicais, dispostos quase em círculo, ovos de casca rugosa, de tamanho médio, quase esféricos, com cerca de 0,065 a 0,073 mm de diâmetro, é referida em quase uma dezena de hospedadores e tem uma distribuição geográfica muito grande.

Concordamos com RAILLIET & HENRY (1910), considerando *Ascaris rubicunda* Schneider, 1866 um sinônimo parcial de *O. filaria* (Dujardin, 1845). SCHNEIDER, que estudou espécimes vivos, colhidos no esôfago e estômago de *Python molurus*, provavelmente oriundo da Índia (Bengala), à página 31, onde ocorre um erro tipográfico no nome específico, ao descrever os lóbulos multirradiados dos lábios e em sua figura 8 da estampa 1 parece ter visto exemplar da espécie de DUJARDIN; à página 35, ao informar a presença de quatro ovários, teve em mãos, evidentemente, espécime diferente de *O. filaria*. Esse espécime (fêmea) deve corresponder à espécie *Polydelphis anoura* Dujardin, 1845, da qual *Ascaris pythonis* Retzius, 1830 é um sinônimo, e não à espécie *Polydelphis attenuata* (Molin, 1858) como sugeriu BAYLIS (1936) e foi aceito por Mozgovoi em 1953. Essa divergência poderá ser solucionada pelo reestudo dos sítipos de *Ascaris rubicunda*, que estão depositados no Zoologischen Museum de Berlim, na coleção Verm. Entoz., sob o número 2767, com as indicações: "Circus"; leg. Bullemer (cf. HARTWICH, 1964: 64).

Evidentemente as descrições de DUJARDIN (1845), RAILLIET & HENRY (1910) e BAYLIS (1921) são de uma mesma espécie, *O. filaria*, que requer um reestudo atualizado, com figuras elucidativas. Embora DUJARDIN refira em sua descrição "deux spicules égaux, longs de 4 mm", julgamos acertada a identidade dessas descrições, acreditando ter DUJARDIN medido somente o espículo menor. Como o material de DUJARDIN não mais existe, o reexame da amostra estudada por BAYLIS em 1921 iria permitir o estabelecimento de neótipos e o melhor conhecimento da espécie tipo do gênero. Novo exame do material visto por RAILLIET & HENRY ampliaria os dados até agora existentes sobre essa espécie.

Não obstante outras espécies de *Ophidascaris* possuírem lóbulos labiais multirradiados, consideramos como provavelmente corretas as determinações feitas por CANAVAN (1931) e por JOHNSTON & MAWSON (1942). O mesmo não podemos dizer dos espécimes vistos e representados por YORKE & MAPLESTONE (1926) e do exemplar cujo lábio dorsal foi figurado por HARTWICH (1954), que lembra sobremaneira a figura

de *Ophidascaris daubaylisi* Freitas, 1967, publicada por BAYLIS & DAUBNEY em 1923 como de *Ophidascaris naie* (Gedoelst, 1916); um reexame desses espécimes resolveria as dúvidas que nos ocorrem.

Algumas amostras estudadas e descritas por vários autores (Hsü & HOEPPLI, 1931; ROBINSON, 1934; WU & HU, 1938) foram consideradas por FREITAS (1967) como pertencentes a espécies diferentes da de DUJARDIN.

As demais referências poderão estar certas ou não; só o reestudo desse abundante material poderá esclarecer a situação real de *O. filaria*, confirmando ou não a relação de seus hospedadores e sua ampla dispersão.

***Ophidascaris obconica* (Baird, 1860) Baylis, 1921**

(Est. 2, figs. 7-9)

- Ascaris obconica* Baird, 1860: 447
Ascaris obconica Baird, 1861: 229
Ascaris obconica Diesing, 1861: 276
Ascaris obconica Linstow, 1878: 186
Ascaris obconica Oerley, 1882: 310
Ascaris obconica Stossich, 1896: 80, 106
Ascaris obconica Baylis, 1916: 411, 413-416, figs. 1-3
Ophidascaris obconica Baylis, 1921: 415
Ophidascaris obconica Yorke & Maplestone, 1926: 263
Ascaris obconica Vaz, 1938: 495
Ophidascaris obconica Vaz, 1938: 496, 498
Ophidascaris oboconica Caballero, 1939: 76 (*sic*)
Ophidascaris obconica Skrjabin, Shikhobalova & Mozgovi, 1951: 445
Ophidascaris obconica Freitas, 1951: 257
Ascaris obconica Mozgovi, 1953: 150
Ophidascaris obconica Mozgovi, 1953: 135, 150-151, 301, 303, fig. 92 (1-3)
Ophidascaris obconica Skrjabin, Shikhobalova, Sobolev, Paramonov & Sudarikov, 1954: 619
Ophidascaris obconica Khera, 1954: 35, 36
Ophidascaris obconica Hartwich, 1957: 219
Ophidascaris obconica Yamaguti, 1961: 163
Ophidascaris obconica Ash & Beaver, 1963: 768
Ophidascaris obconica Kutzer & Grünberg, 1965: 158 (*sic*)
Ophidascaris obconica Freitas 1967: 27

Comprimento — Fêmea 50 mm.

Largura — Fêmea 2 mm.

Cutícula estriada transversalmente. Espessamento fusiforme perto da extremidade posterior do corpo acentuado em ambos os sexos. Testículo, ovários e úteros não se estendendo além do terço posterior do

corpo. Lábios mais ou menos quadrangulares, com leve chanfradura mediana na margem anterior. Lábio dorsal, levemente menor que os ventro-laterais, com 0,17 mm de largura e quase com o mesmo comprimento. Há uma grande papila externa, não muito proeminente, em cada lábio. Três interlábios pequenos, cônicos, presentes. Serrilha de pequenos dentes labiais presente. Esôfago com 2 a 3 mm de comprimento. Divertículos esofagianos e intestinal ausentes.

Fêmea didelfa, opistodelfa, ovípara, com vulva situada a 15 mm da extremidade posterior do corpo. Vagina dirigida para diante, ligando-se, sem demarcação definida, ao útero, que, a 3 mm adiante do nível da abertura vulvar, dobra-se para trás e 2 mm depois se divide em dois ramos cheios de ovos que caminham juntos para trás até 6 mm da extremidade posterior do corpo. Ovos com 0,100 mm de diâmetro, com casca espessa e rugosa. Ânus quase terminal. Cauda obtusamente arredondada.

Macho com espículos falcados, com 2,48 mm de comprimento (em linha reta, da base ao ápice) por 0,08 mm de largura (com a asa), possuindo, no lado côncavo, uma asa com um pouco mais de duas vezes a largura do corpo espicular. Extremidade posterior do corpo levemente curvada ventralmente. Cauda muito obtusa, curvada para o dorso, com 0,2 mm de comprimento. Papilas caudais presentes: 40 pares pré-anais e 4 pares pós-anais, aproximados entre si, junto ao ápice caudal.

Habitat — Intestino de *Helicops angulatus* (L.).

Distribuição geográfica — Brasil.

Reproduzimos, traduzida e adaptada, a descrição de BAYLIS (1916), bem como suas figuras.

Histórico — Essa espécie é descrita por BAIRD, em 1860, da seguinte maneira:

Cabeça nua; valvas da boca pequenas, mas salientes; corpo do macho mais delgado em 3/4 de seu comprimento, tornando-se, então, rapidamente mais espesso até 1 ou 2 linhas da extremidade posterior, que é obtusa, reta ou levemente encurvada, terminando em uma pequena papila; cutícula fortemente estriada; espículos vão até 1/2 linha da extremidade posterior do corpo; cor do corpo amarela ou levemente palha; macho maior com 2 polegadas de comprimento; intestino de *Uranops angulatus*; Brasil.

Em 1861 BAIRD reproduz sua descrição do ano anterior.

DIESING, também em 1861, dá, em latim, a descrição original.

Em 1896 STOSSICH dá, em italiano e abreviada, a descrição de DIESING; refere como comprimento do macho 50 mm e coloca-a na 6.^a seção: *Formas inquirendas*.

Em 1916 BAYLIS reestuda os tipos (2 machos e 1 fêmea) e, reproduzindo a descrição original, redescreve-a (ver descrição acima) e representa-a.

Em 1921 BAYLIS coloca-a no gênero *Ophidascaris*, dando-lhe os seguintes caracteres:

Fêmea com mais de 52 mm de comprimento; machos levemente menores; largura máxima 2 mm; espessamento fusiforme na região posterior do corpo; lábios quase quadrados, com denteação na margem anterior e com ângulos arredondados; interlábios pequenos, cônicos; sulcos labiais basais bem marcados, quase atingindo a linha média do corpo; esôfago com 2 a 3 mm de comprimento; cauda muito obtusa em ambos os sexos, sem espinho terminal; espículos com 2,48 mm de comprimento por 0,08 mm de largura; 4 pares de papilas pós-anais, perto do ápice caudal e cerca de 40 pares de papilas pré-anais; vulva no terço posterior do corpo, dividindo-o na proporção de 12:5; vagina dirigida para diante, ligando-se ao útero adiante da vulva; útero dirigido para trás e dando dois ramos que, com algumas circunvoluções e paralelos, vão até a extremidade posterior do corpo; ovos esféricos, com 0,100 mm de diâmetro, com casca fracamente granulosa.

Em 1938 VAZ diz que é espécie bem característica, distinguindo-se das demais espécies americanas, com exceção de *O. labiatopapillosa* Walton, 1927, pela vulva no terço posterior do corpo; de *O. labiatopapillosa* diferencia-se pelos ovos maiores. Em quadro, VAZ relaciona suas principais medidas, anotando para os machos 45 e 50 mm de comprimento.

Em 1953 MOZGOVoi, definindo-a em chave, reproduz as figuras de BAYLIS e, em russo, sua descrição.

Comentários — Só conhecida dos espécimes tipo, dois machos e uma fêmea, distingue-se essa espécie de *O. filaria* (Dujardin, 1845) pelas dimensões menores, pelo aspecto dos lábios, pelos ovos maiores, pela extremidade posterior dos machos, com maior número de papilas pré-anais e menor número de papilas pós-anais, e por possuir espículos iguais e menores. Um reestudo poderia informar-nos o comprimento real dos espículos, que deve ser um pouco maior que aquele referido por BAYLIS, que declara, em sua descrição, ter medido a reta de sua base ao ápice.

***Ophidascaris radiosa* (Schneider, 1866) Baylis, 1921**

(Est. 2, figs. 10-12; est. 3, figs. 13-18)

Ascaris radiosa Schneider, 1866: 31, 42, text-fig., 343, pl. 1, fig. 9

Ascaris radiosa Linstow, 1878: 183

Ascaris radiosa Oerley, 1882: 310

Ascaris radiosa Stossich, 1896: 36, 98

Ophidascaris radiosa Baylis, 1921: 414-415, fig. 2

Ophidascaris radiosa Yorke & Maplestone, 1926: 263

Ophidascaris radiosa Schuurmans-Stekhoven, 1937: 16, 17-19, figs. 36-41

- Ophidascaris radiosa* Skrjabin, Shikhobalova & Mozgovoi, 1951: 445
Ophidascaris radiosa Freitas, 1951: 257
Ophidascaris radiosa Mozgovoi, 1953: 135, 153-155, 299, 300, 311, fig. 96 (1, 2, 3, 4, 5, 7, 9 *nec* 6, 8, 10, 11, 12)
Ascaris radiosa Mozgovoi, 1953: 154
Ophidascaris radiosa Skrjabin, Shikhobalova, Sobolev, Paramonov & Sudarikov, 1954: 609
Ophidascaris radiosa Khera, 1954: 35, 36
Ophidascaris radiosa Hartwich, 1957: 219
Ophidascaris radiosa Osche, 1958: 515
Ophidascaris radiosa Yamaguti, 1961: 163
Ophidascaris radiosa Ash & Beaver, 1963: 768
Ophidascaris radiosa Hartwich, 1964: 63
Ophidascaris radiosa Kutzer & Grünberg, 1965: 159
Ophidascaris radiosa Freitas, 1967: 27

Comprimento — Macho 160 mm; fêmea 270 mm.

Largura — Fêmea 1,5 mm.

Lábios quadrados, desiguais. Fileira de dentes a alguma distância da margem dos lábios, terminando nos lóbulos multirradiados.

Macho com cauda com pequena bolsa pouco desenvolvida pós-anal. Papilas caudais com 3 a 7 pares em uma só fileira, depois em duas fileiras (provavelmente com uma papila simples) pré-anais e 1 ou 2 pares pós-anais, na borda lateral, próximos do ápice.

Habitat — Estômago de *Echidna rhinocerotis* Schlegel (hospedador tipo); *Bitis gabonica* (Dum. & Bibr.).

Distribuição geográfica — África.

Reproduzimos acima, traduzida e adaptada, a descrição original; reproduzimos, também, as figuras de SCHNEIDER, de BAYLIS e de SCHUURMANS-STEKHOVEN.

Histórico — Essa espécie é descrita por SCHNEIDER, em 1866, de material proveniente de Moçambique.

STOSSICH, em 1896, dá, em italiano, a descrição de SCHNEIDER, colocando-a na 2.^a secção: *Lábios com margem denteada e com lábios intermediários*.

Em 1921 BAYLIS descreve uma fêmea, colhida em *Bitis gabonica* na África e depositada na coleção do Museu Britânico, com os seguintes caracteres:

Comprimento — 107 mm.

Largura — 0,85 mm.

Semelhante à *O. filaria*; os lábios, entretanto, são diferentes: o dorsal é mais ou menos quadrado, com bordo anterior mais emarginado e ângulos muito mais agudos; papilas cefálicas como em *O. filaria*; fileiras de dentes não vistas; polpa labial multirradiada; interlábios curtos; sulcos labiais basais bem desenvolvidos; esôfago com 4 mm de com-

primeiro; cauda com 0,2 mm de comprimento, terminando em ponta curta; vulva no terço posterior do corpo, dividindo-o na relação de 15:6,5; vagina reta, dirigida para trás; útero com dois ramos largos; órgãos genitais situados entre a vulva e o ânus; ovos esféricos, com 0,080 mm de diâmetro.

BAYLIS não refere o órgão onde essa fêmea foi encontrada e diz que ela provavelmente pertence à espécie de SCHNEIDER.

Em 1937 SCHUURMANS-STEKHOVEN estuda espécimes colecionados pela Missão Gaston F. de Witte no Congo Belga, em 1933-1935. Êsses exemplares (12 fêmeas e 1 macho), obtidos em *Bitis gabonica*, em Ruthshuru, a 30-X-1934, em órgão não especificado e com o número 2421, são assim descritos:

Comprimento — Macho 108 mm; fêmea 136 mm.

Largura — Macho 1 mm; fêmea 0,8 mm.

Lábio dorsal mais ou menos quadrado (como diz Baylis); lábios subventrais com projeções salientes em seus lados ventro-laterais; projeções laterais da polpa não nascem diretamente, como ramos filiformes, porém são reunidas com um lobo de base larga, como em *O. amucronata* Schuurmans-Stekhoven, 1937 (assemelham-se mais à figura de Schneider); serrilhas de dentes presentes e, como diz Schneider, a alguma distância da margem labial; sulcos bem marcados (não tão fundos como figurou Baylis); interlábios curtos, arredondados; papilas labiais como o usual; ânfides ao nível das papilas; cauda com contorno circular, mucronada em ambos os sexos; vulva situada a 33 mm da cauda (79,4%) (na fêmea vista por Baylis: 70%); papilas pré-anais não determinadas com segurança: foram vistos 15 a 18 pares; na região subventral do macho há duas papilas (como na figura de Schneider) e, também, duas outras no bordo lateral, difíceis de ver.

SCHUURMANS-STEKHOVEN identifica êsse material, em dúvida, à espécie de SCHNEIDER e diz não ter certeza de que a fêmea vista por BAYLIS seja *O. radiosa* (Schneider, 1866).

Mozgovoï, em 1953, define-a em chave, reproduz as figuras de BAYLIS e de SHUURMANS-STEKHOVEN e dá, em russo, suas descrições; nas figuras copiadas do segundo autor Mozgovoï comete um erro: considera como de *O. radiosa* figuras que SCHUURMANS-STEKHOVEN publicou de *Contracaecum microcephalum* (Rudolphi, 1819) (cf. p. 154, fig. 96 (6, 8, 10, 11, 12)).

Comentários — Julgamos essa espécie, que possui, como *O. filaria*, lóbulos labiais multirradiados, insuficientemente conhecida. Somente o reestudo dos sítipos, que estão depositados na coleção Verm Entoz. sob o número 656, no Zoologischen Museum de Berlim (cf. HARTWICH, 1964: 63) poderá torná-la identificável. Um novo exame desses sítipos esclarecerá, ainda, se estão certas ou não as identificações feitas por BAYLIS em 1921 e por SCHURMANNNS-STEKHOVEN em 1937. Infelizmente a descrição de SCHUURMANS-STEKHOVEN é deficiente, não referindo vários caracteres, entre os quais ressalta o comprimento dos espículos. Se realmente pertencer ao gênero *Ophidascaris* distingue-se ela das espécies anteriores pelo menor número de papilas pré e pós-anais.

Ophidascaris gestri (Parona, 1889) Baylis, 1921

(Est. 4, figs. 19-20)

Ascaris gestri Parona, 1889: 4-5 (768-769), 15 (779), pl. 3, figs. 7-8*Ascaris gestri* Stossich, 1896: 53, 106*Ophidascaris gestri* Baylis, 1921: 417*Ophidascaris gestri* Baylis & Daubney, 1923: 554*Ophidascaris gestri* Yorke & Maplestone, 1926: 263*Ophidascaris gestri* Baylis, 1936: 46*Ophidascaris gestri* Skrjabin, Shikhobalova & Mozgovoi, 1951: 443*Ophidascaris gestri* Freitas, 1951: 257*Ophidascaris gestri* Mozgovoi, 1953: 135, 143, 302*Ophidascaris gestri* Skrjabin, Shikhobalova, Sobolev, Paramonov & Sudarikov, 1954: 616*Ophidascaris gestri* Khera, 1954: 35, 36*Ophidascaris gestri* Yamaguti, 1961: 162*Ophidascaris gestri* Ash & Beaver, 1963: 768*Ophidascaris gestri* Kutzer & Grünberg, 1965: 158*Ophidascaris gestri* Freitas, 1967: 27

Comprimento — Machos 55 a 67 mm; fêmeas 55 a 78 mm.

Largura — 1 mm.

Corpo alongado, não muito atenuado nas extremidades e finamente estriado no sentido transversal. Extremidade cefálica com lábio dorsal provido de duas pequenas papilas arredondadas e marginais e lábios ventrais com dois corpúsculos papilares marginais e anteriores e com uma fenda de cada lado de suas bases. Lábios com 0,021 mm de largura. Intestino sem dilatação esofágica, pregueado em seu início e depois largo e retilíneo.

Fêmeas com vulva pouco nítida, situada no terço anterior do corpo. Ânus situado a uma distância muito curta do ápice caudal. Extremidade caudal pouco atenuada, com apêndice mucronado.

Machos com espículos iguais, curvos, desenvaginados em 0,021 mm, arredondados na extremidade e com bainha não muito longa. Cauda pouco encurvada, com apêndice mucronado. Papilas caudais, pequenas, presentes: 10 pares pré-anais e 4 pares pós-anais.

Habitat — Intestino de *Natrix piscator* (Schlegel) (sin.: *Tropidonotus piscator* Schlegel).

Distribuição geográfica — Birmânia.

Reproduzimos, traduzida e adaptada, a descrição original, bem como as figuras de PARONA.

Histórico — Essa espécie é descrita em 1889 por PARONA de material colhido em *Tropidonotus quincunciatus* Schlegel proveniente de Kokarrit, no Tenasserim setentrional.

Em 1896 STOSSICH reproduz a descrição de PARONA, colocando-a na 4.^a secção: *Com três lábios simples*.

BAYLIS, em 1921, diz que ela provavelmente pertence ao gênero *Ophidascaris*; dá em inglês a descrição original e atualiza a denominação do hospedador: *Tropidonotus piscator* (*T. quincunciatus*).

Em 1936 BAYLIS define-a em chave, pelo hospedador, reproduzindo a descrição que publicara em 1921.

Em 1953 MOZGOVOI define-a em chave e dá, em russo, a descrição de PARONA, porém não reproduz as figuras desse autor.

Comentários — Julgamos que essa espécie deva ser reestudada; em sua descrição faltam caracteres de importância para seu reconhecimento seguro. Se realmente pertencer ao gênero *Ophidascaris* diferencia-se das espécies anteriores pela situação da vulva, no terço anterior do corpo, e pelo número de papilas pré-anais.

***Ophidascaris papillifera* (Linstow, 1897) Baylis, 1921**

(Est. 4, figs. 21-22)

Ascaris papillifera Linstow, 1897: 281-282, 291, pl. 21, figs. 1-3

Ophidascaris papillifera Baylis, 1921: 417

Ophidascaris papillifera Yorke & Maplestone, 1926: 263

Ophidascaris papillifera Skrjabin, Shikhobalova & Mozgovoï, 1951: 445

Ophidascaris papillifera Freitas, 1951: 257

Ophidascaris papillifera Mozgovoï, 1953: 136, 152-153, fig. 94 (1-2)

Ophidascaris papillifera Khera, 1954: 35, 36

Ophidascaris papillifera Mozgovoï & Romanova, 1956: 84

Ophidascaris papillifera Yamaguti, 1961: 163

Ophidascaris papillifera Ash & Beaver, 1963: 768

Ophidascaris papillifera Hartwich, 1964: 62

Ophidascaris papillifera Kutzer & Grünberg, 1965: 158

Ophidascaris papillifera Freitas, 1967: 27

Comprimento — Macho 38,2 mm; fêmea 55 mm.

Largura — Macho 0,75 mm; fêmea 1,1 mm.

Corpo fortemente afilado anteriormente, com cutícula estriada transversalmente. Lábios quase circulares, com fileiras de dentes na

parte anterior. Lábio dorsal um pouco mais longo que largo, com 0,14 mm de comprimento por 0,13 mm de largura, possuindo anteriormente duas papilas grandes, ovais, dirigidas lateralmente. Polpa labial com duas ramificações convergentes e com um sulco na linha mediana. Interlábios curtos, cônicos, com ápice arredondado. Esôfago com $1/27,7$ do comprimento total do corpo. Extremidade caudal, em ambos os sexos, arredondada e muito curta.

Fêmea com ovos de 0,073 mm de comprimento por 0,065 mm de largura, com casca espessa e rugosa. Cauda com $1/324$ do comprimento do corpo.

Macho com espículos longos, com 4,74 mm de comprimento por 0,062 mm de largura. Cauda com $1/323$ do comprimento do corpo. Papilas caudais presentes: 32 a 34 pares pré-anais, que se estendem até 1,78 mm da extremidade caudal, sendo as posteriores maiores e aproximadas e as anteriores menores e separadas por um grande espaço central, e 6 pares pós-anais, sendo 1 par logo atrás da abertura anal, 1 outro par, muito grande, para fora dêsse primeiro, e, na extremidade caudal, 2 pares submedianos e outros 2 laterais.

Habitat — Estômago ou intestino de *Ophidia* (sp. indet.).

Distribuição geográfica — Arquipélago de Bismarck.

Reproduzimos, traduzida e adaptada, a descrição original, bem como duas das figuras de LINSTOW, deixando de reproduzir a figura do ovo (fig. 3).

Histórico — Essa espécie é descrita por LINSTOW, em 1897, de espécimes coletados por F. DAHL no Arquipélago de Bismarck e que lhe foram enviados do Zoologischen Museum de Berlim por MOEBIUS; informa que os tipos foram devolvidos àquela instituição e anota o hospedador como “cobra grande n.º 5”.

Em 1921 BAYLIS dá, em inglês, a descrição original e julga provável sua inclusão no gênero *Ophidascaris*.

Em 1953 MOZGOVOR dá, em russo, a descrição de LINSTOW e reproduz duas de suas figuras.

Comentários — Essa espécie precisa ser reestudada; seus sítipos encontram-se depositados na coleção Verm. Entoz. sob o número 3414 no Zoologischen Museum de Berlim (cf. HARTWICH, 1964: 62). Distingue-se da espécie tipo do gênero pelas dimensões menores, pelo aspecto dos lábios e por possuir espículos iguais, embora com comprimento quase igual ao do espículo maior de *O. filaria*; de *O. obconica* se afasta pelos espículos mais longos e pelo número de papilas pós-anais; das demais espécies, insuficientemente conhecidas, *O. radiosa* e *O. gestri*, pode ser diferenciada pelo aspecto dos lábios e pelo número de papilas caudais.

Ophidascaris infundibulicola (Linstow, 1903) Freitas, 1967

(Est. 4, figs. 23-24)

Ascaris infundibulicola Linstow, 1903: 108-109, 121, pl. 5, figs. 1-2

Ascaris infundibulicola Shipley, 1903: 153

Ascaris infundibulicola Railliet & Henry, 1910: 96

Ascaris infundibula Mozgovoï, 1953: 137 (*sic*)

Ascaris (s. l.) *infundibulicola* Hartwich, 1964: 60

Ophidascaris infundibulicola Freitas, 1967: 27

Comprimento — Macho 55 mm; fêmea 160 mm.

Largura — Macho 0,83 mm; fêmea 0,75 mm na porção anterior e 1,70 mm na porção posterior.

Corpo com cutícula estriada transversalmente. Lábio dorsal quadrangular, com ângulos arredondados, medindo 0,13 mm de comprimento por 0,15 mm de largura. Serrilha de dentes labiais presente. Interlábios presentes, mais ou menos com a metade do tamanho dos lábios. Esôfago com 1/16 do comprimento do corpo no macho e com 1/23 na fêmea.

Fêmea com vulva na metade anterior do corpo, dividindo-o na proporção de 4:7. Ovos com 0,078 mm de comprimento por 0,068 mm de largura. Cauda com 1/811 do comprimento do corpo.

Macho com espículos de 3,75 mm de comprimento, arredondados na extremidade distal. Cauda digitiforme, com 1/68 do comprimento do corpo. Papilas caudais presentes: 15 pré-anais, que se estendem para diante numa extensão de 0,88 mm; uma papila grande imediatamente pré-anal; uma outra papila, também grande, imediatamente pós-anal; duas papilas pós-anais no meio do comprimento da cauda.

Habitat — Intestino de *Python reticulatus* (Schneider).

Distribuição geográfica — Sião.

Reproduzimos, traduzida e adaptada, a descrição original, bem como as figuras de LINSTOW. Na descrição original devemos interpretar as papilas como se fossem pares.

Histórico — Essa espécie é descrita por Linstow, em 1903, de espécimes encontrados agrupados e presos pela extremidade cefálica à parede do intestino de um *P. reticulatus* proveniente de Tremangaa.

Em 1910 RAILLIET & HENRY, considerando-a um sinônimo duvidoso de *Ascaris filaria* Dujardin, 1845, dizem:

Nous relevons dans sa description tout un ensemble de caractères qui se rapprochent singulièrement de ceux de *l'Ascaris filaria*, à savoir: les dimensions du corps; la présence de lèvres intermédiaires et d'une crête dentée sur les lèvres principales; la longueur des spicules (3,750 mm) et leur termination arrondie; enfin les dimensions des oeufs (0,078 sur 0,068 mm).

Un seul caractère fait contraste dans tout cet ensemble, c'est la position de la vulve. Linstow écrit, en effet, que cet orifice est situé en

avant du milieu et partage le corps dans le rapport de 4 à 7 (Die Vulva liegt vor der Mitte und teilt den Koerper in Verhaeltnis von 4:7). A la verité, une simple erreur de transcription suffirait à expliquer cette différence: 4 sur 7 au lieu de 4 à 7. Nous aurions désiré contrôler cette supposition par l'examen du type de l'espèce, mais ce type, qui provenait de la collection du docteur. A. E. Shipley, n'a pu être retrouvé, en dépit des efforts de notre dévoué collègue, ni à Cambridge, ni à Londres, ni à Goettingen.

Em 1964 HARTWICH informa que o material dessa espécie existente na coleção Verm. Entoz. sob o número 4359 no Zoologischen Museum de Berlim está perdido. Julgamos que essa amostra, para a qual HARTWICH assinala: *Python reticulatus*, Magen, Tremangaa (Siam); Coll. Linstow, provavelmente fôsse constituída pelos sítipos da espécie. O órgão, estômago, no rótulo, parece indicar um engano de LINSTOW, ao referir o intestino como *habitat* de sua espécie.

Comentários — Consideramos essa espécie, provisoriamente, válida e, provavelmente, pertencente ao gênero *Ophidascaris*. Seu reconhecimento e sua verdadeira situação dependerão do encontro e estudo de topótipos, que tenham os principais caracteres referidos por LINSTOW em sua descrição, principalmente o comprimento dos espículos iguais, que, discordando de RAILLIET & HENRY, julgamos ser menor que em *O. filaria* (Dujardin, 1845). *O. infundibulicola* possui espículos maiores que *O. obconica* e menores que *O. papillifera*; sua abertura vulvar se situa no terço médio do corpo e não no terço anterior como em *O. gestri*.

***Ophidascaris solitaria* (Linstow, 1903) Baylis, 1921**

(Est. 4, fig. 25)

- Ascaris solitaria* Linstow, 1903: 109, 121, pl. 5, fig. 3
Ascaris solitaria Shipley, 1903: 153
Ophidascaris solitaria Baylis, 1921: 417
Ophidascaris solitaria Yorke & Maplestone, 1926: 263
Ophidascaris solitaria Skjabin, Shikhobalova & Mozgovi,
 1951: 445
Ophidascaris solitaria Freitas, 1951: 257
Ophidascaris solitaria Mozgovi, 1953: 136, 156-157, 300
Ophidascaris solitaria Skjabin, Shikhobalova, Sobolev, Para-
 monov & Sudarikov, 1954: 612
Ophidascaris solitaria Khera, 1954: 35
Ophidascaris solitaria Yamaguti, 1961: 163
Ophidascaris solitaria Ash & Beaver, 1963: 768
Ophidascaris solitaria Kutzer & Grünberg, 1965: 159
Ophidascaris solitaria Freitas, 1967: 27

Comprimento — Fêmea 44 mm.

Largura — Fêmea 0,81 mm.

Corpo com cutícula estriada transversalmente. Lábios pequenos. Lábio dorsal ovóide, mais largo que longo, com 0,078 mm de compri-

mento por 0,14 mm de largura. Fileiras de dentes labiais presentes. Interlábios presentes, em forma de pirâmide. Esôfago com 1/15 do comprimento do corpo. Cauda curta e cônica, com 1/259 do comprimento total.

Habitat — Estômago de *Dipsadomorphus dendrophilus* Boie.

Distribuição geográfica — Sião.

Reproduzimos, traduzida e adaptada, a descrição original, bem como a figura de LINSTOW.

Histórico — Essa espécie é descrita por LINSTOW, em 1903, de uma fêmea não desenvolvida, colhida no estômago de *D. dendrophilus* proveniente de Aring.

Em 1903 SHIPLEY anota sua proveniência como Kwala Aring.

BAYLIS, em 1921, dá, em inglês, a descrição original, dizendo que ela provavelmente pertence ao gênero *Ophidascaris*.

Em 1953 MOZGOVOI reproduz, em russo, a descrição existente em BAYLIS (1921).

Comentários — Essa espécie é insuficientemente conhecida, descrita somente de uma fêmea jovem. O reestudo desse espécime talvez esclarecesse sua verdadeira situação junto às espécies anteriormente descritas. O aspecto de seu lábio dorsal, quase duas vezes mais largo que longo, parece bastante característico.

***Ophidascaris naiae* (Gedoelst, 1916) Baylis, 1921**

Ascaris naiae Gedoelst, 1916: 3-4, 87, 88

Ophidascaris naiae Baylis, 1921: 418

Ophidascaris naiae Yorke & Maplestone, 1926: 263

Ophidascaris najae Kreis, 1938: 336, 338

Ophidascaris najae Skrjabin, Shikhobalova & Mozgovi, 1951: 443

Ophidascaris naiae Freitas, 1951: 257

Ophidascaris najae Mozgovi, 1953: 135, 148-149, 301

Ophidascaris najae Skrjabin, Shikhobalova, Sobolev, Paramonov & Sudarikov, 1954: 610, 615

Ophidascaris naiae Khera, 1954: 35, 36

Ophidascaris najae Mozgovi & Romanova, 1956: 84

Ophidascaris najae Hartwich, 1957: 219

Ophidascaris najae Yamaguti, 1961: 163

Ophidascaris naiae Ash & Beaver, 1963: 768 p.p.

Ophidascaris najae Kutzer & Grünberg, 1965: 158

Ophidascaris naiae Freitas, 1967: 27, 28

Comprimento — Macho 62 mm; fêmea 56,7 mm.

Largura — Macho 1 mm; fêmea 1,07 mm.

Corpo de cor branca, cilindróide, mais atenuado anteriormente. Cutícula estriada transversalmente. Bôca trilabiada. Lábios quadrati-

cos, com ângulos arredondados e com crista denticulada. Três interlábios presentes, pequenos, estreitos, com ápice arredondado e com um terço do comprimento dos lábios. Existem 4 papilas cefálicas: duas no lábio dorsal e uma em cada lábio ventro-lateral. Esôfago com 2,9 mm de comprimento, bem mais largo nos seus 3/5 posteriores. Anel nervoso pouco antes do quinto posterior do esôfago.

Fêmea com vulva no meio do corpo. Ovos elipsóides, com 0,080 mm de comprimento por 0,072 mm de largura, com casca finamente pontuada. Ânus situado a 0,24 mm do ápice caudal, que é cônico. Extremidade posterior retilínea ou fracamente encurvada.

Macho com espículos cilindróides, alados, ligeiramente desiguais, com 4,64 mm e 5,04 mm de comprimento, tendo a extremidade proximal apenas alargada e a distal arredondada. Ânus situado a 0,2 mm do ápice caudal. Cauda curvada ventralmente. Papilas caudais presentes: 35 pares pré-anais e 6 pares pós-anais, dos quais 4 são ventrais e 2 são subdorsais.

Habitat — Estômago de *Naja nigricollis* Reinh.

Distribuição geográfica — Congo.

Reproduzimos acima a descrição original, traduzida e adaptada.

Histórico — Essa espécie é descrita por Gedoelst, em 1916, de espécimes coletados por BRODEN em Leopoldville.

Em 1921 BAYLIS dá, em inglês, a descrição de GEDOELST, dizendo ser ela provavelmente um representante do gênero *Ophidascaris*.

KREIS, em 1938, dá em quadro suas medidas, de acordo com a descrição original.

Em 1953 MOZGOVOI define-a em chave e dá, em russo, a descrição de GEDOELST.

Comentários — Essa espécie deve ser reestudada para que sua situação fique bem definida; julgamos seja ela, por seus espículos desiguais, próxima de *O. filaria*, da qual pode ser distinguida por ter uma diferença espicular bem maior que aquela encontrada na espécie de DUJARDIN.

***Ophidascaris intorta* (Gedoelst, 1916) Baylis, 1921**

(Est. 5, figs. 26-34)

Ascaris intorta Gedoelst, 1916: 4-5, 87, 88

Ophidascaris intorta Baylis, 1921: 418

Ophidascaris intorta Yorke & Maplestone, 1926: 263

Ophidascaris intorta Schuurmans-Stekhoven, 1937: 14-15, 17, figs. 20-28

Ophidascaris intorta Skrjabin, Shikhobalova & Mozgovi
1951: 443

Ophidascaris intorta Freitas, 1951: 257

- Ophidascaris intorta* Mozgovi, 1953: 135, 139, 143-145, 299, 300, fig. 86 (1-8)
Ophidascaris intorta Skrjabin, Shikhobalova, Sobolev, Paramonov & Sudarikov, 1954: 609
Ophidascaris intorta Khera, 1954: 35
Ophidascaris intorta Hartwich, 1957: 219
Ophidascaris intorta Yamaguti, 1961: 162
Ophidascaris intorta Ash & Beaver, 1963: 768
Ophidascaris intorta Kutzer & Grünberg, 1965: 156, 157, 158, 172
Ophidascaris intorta Freitas, 1967: 27

Comprimento — Macho 200 mm; fêmea 250 mm.

Largura — Macho 1,5 mm; fêmea 2 mm.

Margem superior dos lábios agudamente emarginada. Polpa de cada lábio com duas projeções laterais muito características, ligadas à polpa basal do lábio por uma base larga. Essas projeções são digitadas; dois dos ramos digitiformes, particularmente do lábio dorsal, dirigidos para a depressão mediana do bordo anterior do lábio; as outras são perpendiculares ao bordo do lábio ou se dirigem para o interlábio. Ângulos ventrais dos lábios subventrais distintamente projetados. Papilas labiais como o usual. Anfides proeminentes, em nível acima das papilas. Serrilhas de dentes labiais presentes. Sulcos labiais como em *O. excavata* e *O. baylisi*. Esôfago, na fêmea, com 7 mm de comprimento.

Fêmea com vulva a 36% do comprimento do corpo. Cauda de contorno circular, com ápice arredondado e com distinto múcron apical.

Macho com espículos desiguais, com 0,8 mm e 2 mm de comprimento, terminando em botão esbranquiçado; distalmente um deles apresenta uma chanfradura. Cauda de contorno circular, com ápice arredondado e com distinto múcron apical, mais longo que o da fêmea. Papilas caudais presentes: 41 a 45 pares pré-anais e 5 pares pós-anais, sendo 1 de papilas proeminentes, no lado dorsal, e os outros 4 subventrais.

Habitat — Estômago de *Bitis* sp. e intestino de *Bitis gabonica* (Dum. & Bibr.).

Distribuição geográfica — Congo.

Reproduzimos acima, traduzida e adaptada, a descrição de SCHUURMANN-STEKHOVEN, bem como suas figuras.

Histórico — Essa espécie é descrita em 1916 por GEDOELST, de três fêmeas imaturas encontradas em um frasco com o seguinte rótulo: Nématodes retirés de l'estomac d'une vipère (*Bitis*); l'estomac renfermait un rat fraîchement ingéré; Bafwasende, 1-IX-1912 (Dr. Christy), com os seguintes caracteres:

Comprimento — 100 a 110 mm.

Largura — 0,736 mm.

Corpo de cor branca, cilindróide, alongado, atenuado ligeiramente para a extremidade anterior; cutícula sem estriação aparente; extre-

midade cefálica com 0,29 mm de largura; boca trilabiada; lábios grandes, quadrangulares, com 0,175 mm de comprimento, possuindo no bordo interno uma crista denticulada diminuta; lábio dorsal com duas papilas e com a polpa emitindo, para diante e para fora, de cada lado, um lóbulo flabeliforme, cujo bordo livre é recortado em digitações agudas muito numerosas, das quais a externa é mais volumosa e dirigida para trás; lábios ventro-laterais com uma papila cada um; três inter-lábios presentes, pequenos, triangulares, de ápice arredondado, com 0,065 mm de comprimento; esôfago cilindróide, com 1/27,6 do comprimento do corpo, dilatando-se progressivamente para trás, tendo de diâmetro anterior 0,224 mm e de diâmetro posterior 0,416 mm; cecos esofagiano e intestinal ausentes; anel nervoso adiante do quinto anterior do esôfago; poro excretor distando 1,07 mm da extremidade cefálica.

Vulva adiante do terço anterior do corpo; aparelho genital situado para trás da vulva; ânus situado a 0,18 mm da ponta da cauda; extremidade caudal obtusa, arredondada e terminada em pequena ponta mucronada, de 0,03 mm de comprimento.

Em 1921 BAYLIS dá, em inglês, a descrição original, dizendo ser ela provavelmente uma espécie do gênero *Ophidascaris*.

SCHUURMANS-STEKHOVEN, em 1937, estuda 4 fêmeas e 2 machos (ver descrição acima), coletados, em Ruthshuru, no intestino de *Bitis gabonica* (n.º 2421; mesmo indivíduo parasitado por 12 fêmeas e 1 macho de *O. radiosa* (Schneider, 1866), então estudados).

Em 1953 MOZGOVOI define-a em chave e reproduz, em russo, as descrições de GEDOELST e de SCHUUMANS-STEKHOVEN, bem como oito das nove figuras desse último autor.

Comentário — Essa espécie é bastante característica pelos espículos pequenos e desiguais.

***Ophidascaris mombasica* Baylis, 1921**

(Est. 6, fig. 35)

Ophidascaris mombasica Baylis, 1921: 416, fig. 3

Ophidascaris mombasica Yorke & Maplestone, 1926: 263

Ophidascaris mombasica Hsü & Hoeppli, 1931: 583, 585

Ophidascaris mombasica Skrjabin, Shikhobalova & Mozgovoï, 1951: 443

Ophidascaris mombasica Freitas, 1951: 257

Ophidascaris mombasica Mozgovoï, 1953: 136, 147-148, fig. 89

Ophidascaris mombasica Skrjabin, Shikhobalova, Sobolev, Paramonov & Sudarikov, 1954: 617

Ophidascaris mombasica Khera, 1954: 35, 36

- Ophidascaris mombasica* Hartwich, 1957: 219
Ophidascaris mombasica Chabaud, 1960: 99
Ophidascaris mombasica Sprent & Mines, 1960: 195
Ophidascaris mombasica Yamaguti, 1961: 162
Ophidascaris mombasica Ash & Beaver, 1963: 768
Ophidascaris mombasica Kutzer & Grünberg, 1965: 158
Ophidascaris mombasica Freitas, 1967: 27

Comprimento — Fêmea com mais de 100 mm.

Largura — Macho 1,7 mm; fêmea 2 mm.

Corpo mais espesso em seu quarto ou têtço posterior, levemente espessado perto da extremidade anterior e delgado em sua porção média. Cutícula finamente estriada transversalmente. Extremidade cefálica com 0,45 mm de diâmetro. Lábios grandes, mais largos que longos. Lábio dorsal com duas papilas simples, junto ao bordo anterior. Lábios ventro-laterais com uma papila em forma de losango, com terminação dupla, junto ao lado ventral, e uma papila simples, pequena, perto do lado dorsal, mais marginal que a primeira. Interlábios compactos, com quase metade do comprimento dos lábios. Fileiras de dentes labiais marginais presentes, com dentes grandes e com um sulco mediano anterior. Sulcos pós-labiais basais bem desenvolvidos. Esôfago aproximadamente com 3 mm de comprimento.

Fêmea didelpha, opistodelpha, ovípara, com vulva quase no início do quarto posterior do comprimento do corpo. Vagina dirigida para diante e logo depois curvada para trás, alargando-se gradativamente para o útero, que possui dois ramos largos que se dirigem para trás, até quase a cauda. Ovários com alças que se estendem para diante até pouco acima do nível da abertura vulvar e depois para trás até a extremidade posterior do corpo. Ovos mais ou menos arredondados, com 0,087 a 0,100 mm de comprimento por 0,070 a 0,082 mm de largura. Cauda muito curta, obtusa, com 0,2 mm de comprimento.

Macho com espículos providos de asas, com 3,7 mm de comprimento por 0,09 mm de largura e com extremidade distal arredondada. Cauda com 0,25 mm de comprimento, com ponta terminal muito curta. Papilas caudais presentes: 35 pares pré-anais, separados por espaços que aumentam gradativamente para diante, e 5 pares pós-anais, sendo o primeiro, de papilas não muito grandes e com terminação dupla, bem afastado dos outros, situado nos bordos laterais da abertura anal; os 4 pares restantes formam um grupo perto do ápice caudal, sendo 2 grandes e laterais e 2 menores e ventrais, tendo as papilas do par ventral mais posterior terminações duplas.

Hospedador — *Psammophis subtaeniatus* Peters.

Distribuição geográfica — Quênia (Mombasa).

Reproduzimos acima, traduzida e adaptada, a descrição original, bem como a figura de BAYLIS.

Histórico — Essa espécie é descrita por BAYLIS, em 1921, de um casal, estando incompleto o espécime macho; não é indicado o órgão parasitado.

Em 1953 Mozgovoi define-a em chave e publica, em russo, a descrição original, reproduzindo a figura de BAYLIS.

Comentário — Pelo comprimento dos espículos, iguais, aproxima-se essa espécie de *O. infundibulicola* (Linstow, 1903), dela se distinguindo pela posição da vulva, mais posterior, e pelo maior número de papilas caudais.

***Ophidascaris labiatopapillosa* Walton, 1927**

(Est. 6, fig. 36)

- Ophidascaris labiatopapillosa* Walton, 1927: 59, 150, 162, pl. 4, fig. 1
- Ophidascaris labiatopapillosa* Harwood, 1932: 43
- Ophidascaris labiatopapillosa* Walton, 1936: 537
- Ophidascaris labiatopapillosa* Walton, 1937: 299-300
- Ophidascaris labiatopapillosa* Vaz, 1938: 496, 498
- Ophidascaris labiatopapillata* Kreis, 1938: 338 (*sic*)
- Ophidascaris labiatopapillosa* Walton, 1943 a: 5
- Ophidascaris labiatopapillosa* Walton, 1943 b: 47
- Ophidascaris labiatopapillosa* Walton, 1947 a: 26
- Ophidascaris labiatopapillosa* Walton, 1949: 630
- Ophidascaris labiatopapillosa* Skrjabin, Shikhobalova & Mozgovoi, 1951: 443
- Ophidascaris labiatopapillosa* Freitas, 1951: 257
- Ophidascaris labiatopapillosa* Mozgovoi, 1953: 135, 145-146, 300, 301, fig. 87
- Ophidascaris labiatopapillosa* Skrjabin, Shikhobalova, Sobolev, Paramonov & Sudarikov, 1954: 581, 591, 592, 595, 611, 616
- Ophidascaris labiatopapillosa* Khera, 1954: 35, 36
- Ophidascaris labiatopapillosa* Sprent, 1954: 609, 614
- Ophidascaris labiatopapillosa* Hartwich, 1957: 219
- Ophidascaris labiatopapillosa* Osche, 1958: 561
- Ophidascaris labiatopapillosa* Yamaguti, 1961: 162
- Ophidascaris labiatopapillosa* Hörchner, 1962: 187
- Ophidascaris labiatopapillosa* Chabaud, Brygoo & Petter, 1962: 528
- Ophidascaris labiatopapillosa* Ash & Beaver, 1963: 765, 769
- Ophidascaris labiatopapillosa* Kutzer & Lamina, 1965: 211

Ophidascaris labiatopapillosa Kutzer & Grünberg, 1965: 158, 159

Ophidascaris sp. Kutzer & Grünberg, 1965: 159

Ophidascaris labiatopapillosa Freitas, 1967: 27

Comprimento — Fêmea com mais de 62 mm.

Largura — Fêmea com mais de 0,7 mm.

Corpo mais largo no terço posterior. Lábios mais longos que largos, com 0,22 mm de comprimento por 0,13 mm de largura; são mais ou menos hexagonais, possuem duas papilas anteriores e duas ântero-laterais marginais e são denteados entre as duas papilas anteriores. Lábio dorsal com duas papilas simples perto das margens laterais. Cada lábio ventro-lateral com uma papila simples, levemente posterior ao seu meio. Serrilha submarginal bem desenvolvida, com dentes muito delicados. Sulcos labiais basais bem desenvolvidos, quase se unindo. Esôfago com 2,75 mm de comprimento.

Fêmea didelfa, ovípara, com vulva no início do terço posterior do corpo. Vagina dirigida para trás, ligando-se aos dois úteros, cujas alças, anteriormente, não ultrapassam o meio do corpo. Ovos arredondados, com 0,030 mm de comprimento por 0,028 mm de largura. Ânus algumas vezes saliente. Cauda curta, com 0,325 mm de comprimento.

Habitat — Estômago de *Coluber constrictor* L. (hospedador tipo), *Natrix rhombifera* Cope e *Natrix sipedon sipedon* (L.) (hospedadores experimentais).

Hospedadores intermediários — *Amphiuma tridactylum* Cuv., *Rana aesopus* (Cope), *Rana catesbiana* Shaw, *Rana sphenoccephala* (Cope) e *Rana pipiens* Schreber.

Distribuição geográfica — América do Norte.

Reproduzimos acima, traduzida e adaptada, a descrição original, bem como a figura de WALTON.

Histórico — Essa espécie é descrita por WALTON, em 1927, de 4 fêmeas, sendo uma fragmentada, colhidas em *C. constrictor* por BAKER, na Flórida.

Em 1936 WALTON informa que larvas obtidas de quistos do estômago, mesentério e parede do corpo de *Amphiuma tridactylum*, *Rana aesopus*, *Rana catesbiana* e *Rana sphenoccephala* se desenvolveram em *Natrix* sp., dando adultos de *O. labiatopapillosa*. Informa, ainda, que ovos maduros dados à *Rana pipiens* se desenvolveram em larvas encapsuladas indistinguíveis daquelas dadas às cobras. O ciclo parece consistir definitivamente na alternância de adultos em cobras e larvas em anfíbios.

No ano seguinte WALTON amplia sua comunicação anterior, dizendo que, dando as larvas obtidas naqueles anfíbios a espécimes de *Natrix rhombifera* e *Natrix sipedon sipedon* (*sic*), mantidos no laboratório e negativos ao exame de fezes, encontrou, no estômago dos ofídios, adultos de sua espécie. Referindo-se às larvas diz WALTON:

As larvas, sempre enquistadas no anfíbio, variam de menos de 20 mm até mais de 120 mm; têm lábios fracamente desenvolvidos, com

esbôço de três divisões: uma com duas papilas e as outras com uma papila cada; esôfago claviforme; ânus subterminal; esbôço genital, quando presente, situado em grande parte no têtço posterior do corpo.

Informa que larvas, enquistadas e livres, retiradas de *Amphiuma* e das três espécies de rãs foram dadas a cobras separadas, com os seguintes resultados:

As larvas de *Amphiuma* passaram não digeridas, embora em alguns casos a cápsula quística se tenha rompido; das larvas das rãs, as maiores passaram não digeridas e as menores, com mais de 60 mm, foram retidas. As cobras examinadas 4 semanas depois da infestação deram os seguintes resultados: a) cobra alimentada com larvas de *Amphiuma* não tinha parasitos; b) cobra alimentada com larvas de *R. aesopus* tinha um casal de jovens; c) cobra alimentada com larvas de *R. catesbiana* tinha um macho imaturo; d) cobra alimentada com larvas de *R. stenocephala* tinha várias fêmeas imaturas e um casal adulto. Os adultos concordam com a descrição original de *O. labiatopapillosa*.

Com ovos infestantes de uma fêmea madura e de outra coletada em *C. constrictor* WALTON infesta jovens de *Rana pipiens* criados em laboratório, encontrando neles, 4 semanas depois, larvas, enquistadas no estômago, iguais às larvas originais.

Demonstra, assim, o pesquisados americano, em 1937, ser sua espécie um parasito heteroxeno, que evolui em anfíbios, atingindo o estágio adulto em ofídios.

Em 1938 VAZ, em quadro, dá suas medidas, de acôrdo com a descrição original, dizendo que ela se diferencia de *O. obconica* (Baird, 1860) pelos ovos menores.

KREIS, também em 1938, introduz um êrro em seu nome específico.

Em 1953 MOZGOVOI define-a em chave e dá, em russo, a descrição original, reproduzindo a figura de WALTON.

Comentários — Embora descrita somente há quatro décadas e com a evolução já esclarecida é essa espécie insuficientemente conhecida. Vários caracteres das fêmeas não são referidos e desconhecemos totalmente os espécimes machos. A representação de sua extremidade cefálica é bem característica e seus ovos são bem menores que os das demais espécies do gênero. Seu reestudo é imprescindível a nossos conhecimentos.

***Ophidascaris arndti* Sprehn, 1929**

(Est. 6, figs. 37-39; est. 7, figs. 40-45, est. 8, figs. 46-49)

Ophidascaris arndti Sprehn, 1929: 280-282, figs. 1-2

Ophidascaris arndti Vaz, 1938: 496, 498

Ophidascaris arndti Skrjabin, Shikhobalova & Mozgovi, 1951: 443

Ophidascaris arndti Freitas, 1951: 257

Ophidascaris arndti Mozgovi, 1953: 135, 140-141, 301, fig. 83 (1-2)

- Ophidascaris arndti* Skrjabin, Shikhobalova, Sobolev, Paramonov & Sudarikov, 1954: 614
Ophidascaris arndti Khera, 1954: 35, 36
Ophidascaris arndti Freitas, 1955: 17-21, fig. 1
Ophidascaris arndti Hartwich, 1957: 219
Ophidascaris arndti Yamaguti, 1961: 162
Ophidascaris arndti Ash & Beaver, 1963: 768
Ophidascaris arndti Hartwich, 1964: 57
Ophidascaris arndti Kutzer & Grünberg, 1965: 158
Ophidascaris arndti Freitas, 1967: 27

Comprimento — Machos 46,03 a 51,82 mm; fêmeas 56,04 a 69,95 mm.

Largura — Machos 0,90 a 1,04 mm; fêmeas 1,04 a 1,27 mm.

Corpo com cutícula estriada transversalmente. Extremidades fracamente atenuadas. Bôca circundada por três lábios e três interlábios. Lábio dorsal com duas papilas grandes; lábios látero-ventrais possuindo, cada um, duas papilas: uma grande, ventral e outra menor, lateral. Medem os lábios 0,108 a 0,116 mm de comprimento nos machos e 0,133 (e não 0,116) a 0,166 mm nas fêmeas. Serrilha de pequenos dentes labiais presente. Interlábios pequenos, com 0,033 a 0,034 mm de comprimento nos machos e 0,041 a 0,058 mm nas fêmeas. Sulcos transversos, partindo da base dos interlábios para a base dos lábios, presentes. Esôfago claviforme, desprovido de ventrículo; mede 2,31 a 2,52 mm de comprimento por 0,13 a 0,20 mm de largura média nos machos e 2,54 a 2,66 mm por 0,22 a 0,25 mm nas fêmeas. Cecos esofágico e intestinal ausentes. Intestino largo, de paredes espessas, mais ou menos retilíneo. Anel nervoso situado a 0,56 a 0,66 mm da extremidade anterior nos machos e a 0,60 a 0,70 mm nas fêmeas. Papilas cervicais muito pequenas, não salientes, situadas a 0,95 mm da extremidade anterior nos machos; são difíceis de evidenciar e não foram observadas nas fêmeas. Poro excretor, com bordos levemente salientes, situado a 0,61 a 0,63 mm da extremidade anterior nos machos e a 0,63 a 0,73 mm nas fêmeas. Célula excretora estendendo-se aproximadamente até o nível do meio do esôfago.

Fêmeas didelfas, opistodelfas, ovíparas, com vulva arredondada, de lábios levemente salientes, situada no terço médio do corpo, ora abaixo, ora acima, do meio do comprimento; dista 22,95 a 33,33 mm da ponta da cauda. Ovejeter forte, longo, mais ou menos sinuoso, sem separação nítida entre vagina e vestibulo; mede aproximadamente 1,26 a 1,91 mm de comprimento. O ovejeter liga-se a dois úteros que se dirigem para trás, com trajeto mais ou menos sinuoso, conservando-se, geralmente, paralelos entre si. Ovários entortilhados, formando alças que não atingem o nível da abertura vulvar; terminam antes do nível da abertura anal. O aparelho genital é, assim, alojado na metade posterior do corpo,

da abertura vulvar para trás. Ovos de casca não muito espessa e levemente rugosa, blastomerizados na ocasião da postura; são aproximadamente arredondados, medindo 0,070 a 0,087 mm de comprimento por 0,061 a 0,070 mm de largura. Intestino terminado por um reto forte, que mede 0,40 a 0,43 mm de comprimento. Ânus com bordo posterior saliente, situado a 0,38 a 0,46 mm da ponta da cauda. Extremidade posterior terminada em pequena ponta cônica, que mede 0,035 a 0,043 mm de comprimento.

Machos com espículos longos, com 1,81 a 1,91 mm de comprimento; são iguais na forma e levemente desiguais em comprimento (em um espécime os espículos mediam 1,81 e 1,86 mm) e têm a base mais larga e a ponta arredondada. Cada espículo possui duas asas membranosas, largas, porém de larguras desiguais. Gubernáculo ausente. Tubo genital dirigido para diante; o testículo se dobra em U abaixo ou acima do meio do corpo, a uma distância variável de 27,77 a 30,22 mm da extremidade anterior, terminando mais abaixo. Cloaca pequena. Cauda com leve curvatura ventral e com 29 pares de papilas pré-anais dispostas irregularmente em fileira longitudinal. Asas caudais muito estreitas e curtas. Uma papila mediana, situada no bordo anterior da abertura anal, presente. Papilas pós-anais em número de 5 pares, assim distribuídos: um par de papilas grandes submedianas, logo atrás da abertura anal; 4 pares de papilas mais posteriores, sendo 2 pares laterais e os outros 2 submedianos. Orifício anal grande, situado a 0,14 a 0,18 mm do ápice caudal. Cauda terminada em pequena ponta cônica, que mede 0,039 a 0,043 mm de comprimento.

Habitat — Estômago de *Xenodon merremii* (Wagler) e *Xenodon severus* (L.); *Bothrops atrox* (L.) (sin.: *Lachesis lanceolatus* Lacép.) (hospedador tipo).

Distribuição geográfica — Brasil.

Reproduzimos acima a descrição de FREITAS (1955), bem como sua figura; reproduzimos, também, as figuras de SPREHN e publicamos outras, originais.

No quadro I damos as principais medidas de espécimes estudados por FREITAS em 1955.

Histórico — Essa espécie é descrita por SPREHN, em 1929, de 6 fêmeas e 2 machos vomitados por uma cobra sul-americana, *Lachesis lanceolatus* Lacép., que há um ano e meio se achava em cativeiro num aquário de Berlim. SPREHN descreve-a com os seguintes caracteres:

Comprimento — Machos 24,2 a 37,2 mm; fêmeas 27 a 48,2 mm.

Largura — Machos 0,5 a 0,6 mm; fêmeas 0,6 a 0,8 mm.

Corpo com cutícula estriada transversalmente e com extremidades atenuadas, principalmente a anterior; boca circundada por três lábios e três interlábios; lábios quase quadrados, com cantos arredondados;

QUADRO I

Ophidascaris arndti Sprehn, 1929

Espécimes parasitos de estômago de *Xenodon merremii* (Wagler), provenientes de Xavantina, Estado de Mato Grosso, Brasil

(Medidas em milímetros)

Col. Helm. I. O. C. n.º	19 126 a	19 125 b	19 125 a	19 126 e	19 126 g	19 125 e	19 126 f	19 125 f	19 125 c	19 490	19 125 d	19 490	19 490	
Sexo.....	Macho	Macho	Macho	Macho	Fêmea	Fêmea	Fêmea	Fêmea	Fêmea	Fêmea	Fêmea	Fêmea	Fêmea	
Comprimento.....	?	46,03	50,48	51,82	56,04	57,12	58,49	59,33	60,13	63,48	64,49	65,16	69,95	
Largura.....	?	1,00	1,04	0,90	1,21	1,07	?	1,24	1,27	1,17	1,04	1,27	1,21	
Lábios.....	0,109	0,108	0,116	0,116	0,133	?	0,133	0,166	0,141	0,149	0,149	0,149	0,133	
Interlábios.....	0,034	0,033	0,033	0,033	0,050	?	0,050	0,050	0,041	0,050	0,050	0,050	0,058	
Esófago.....	2,52	2,36	2,42	2,31	2,66	?	?	?	?	2,59	2,62	2,62	2,54	
Anel nervoso.....	0,66	0,58	?	0,56	?	?	?	?	?	0,61	0,60	0,63	0,70	
Poros excretor.....	?	0,61	?	0,63	?	?	0,66	?	?	0,66	0,63	0,68	0,73	
Vulva.....	—	—	—	—	22,95	27,30	29,28	30,42	30,15	28,47	33,33	28,64	30,48	
Ovejeter.....	—	—	—	—	1,33	1,41	?	1,91	1,33	1,26	1,49	?	1,41	
Ovos.....	—	—	—	—	0,074 x 0,070	0,087 x 0,061	?	0,070 x 0,061	0,070 x 0,061	0,078 x 0,070	0,070 x 0,065	0,070 x 0,061	0,074 x 0,061	0,070 x 0,061
Reto.....	—	—	—	—	?	0,40	?	?	0,42	?	0,43	?	?	
Ânus.....	0,18	0,16	0,14	?	?	0,40	?	0,46	0,41	0,38	0,46	?	0,43	
Ponta cauda.....	?	0,039	0,043	0,039	?	0,043	?	0,043	?	?	0,043	?	0,035	
Espículos.....	?	1,81 1,86	1,91	1,83	—	—	—	—	—	—	—	—	—	

interlábios em forma de tronco de cone; lábio dorsal um pouco menor que os ventro-laterais; cada lábio possui uma papila; serrilha de dentes labiais presente; sulcos transversos, partindo da base dos interlábios para a base dos lábios, presentes; esôfago com 3 mm de comprimento; poro excretor com bordos levemente salientes, um pouco anterior ao segundo terço do esôfago e um pouco atrás do anel nervoso; papilas cervicais sub-cuticulares, ao nível do poro excretor.

Fêmeas didelfas, opistodelfas, desprovidas de ovos; vulva situada no meio do corpo, geralmente um pouco para trás, às vezes um pouco para diante (em uma fêmea de 43,6 mm de comprimento a vulva dista 20 mm da extremidade anterior); vagina dirigida transversalmente em sua porção inicial e, depois, curvada para trás, ligando-se a um vestíbulo largo que se continua com dois úteros paralelos; a vagina mede 0,3 a 0,4 mm de comprimento e o vestíbulo 0,2 a 0,4 mm; o ovejetor tem, pois, 0,5 a 0,8 mm de comprimento; ânus situado a 0,3 a 0,5 mm do ápice caudal.

Machos com espículos alados, quase iguais, com 1,6 a 1,7 mm de comprimento por 0,05 mm de largura; a asa espicular mede 0,1 mm de largura; ânus situado a 0,8 a 1 mm do ápice caudal; cauda com 20 pares de papilas pré-anais dispostas em fileira longitudinal; uma papila grande situada no bordo anterior da abertura anal; papilas pós-anais em número de 5 pares assim distribuídos: 1 par, lateral, junto à abertura anal; 2 pares, mais medianos, distando 0,2 a 0,3 mm da cauda; 2 pares semelhantes aos anteriores, porém laterais; próximo a estes existe uma outra papila, apical.

VAZ, em 1938, dá, em quadro, suas principais medidas de acordo com a descrição de SPREHN.

Em 1953 MOZGOVOI define-a em chave e dá, em russo, a descrição original, reproduzindo as figuras de SPREHN.

FREITAS, em 1955, traduz e adapta a descrição original e redescreve-a (ver descrição acima) de material colhido por H. SICK no estômago de *Xenodon merremii* proveniente de Xavantina, Estado de Mato Grosso. Assinala-a, ainda, em *Xenodon severus* da mesma proveniência, referindo que nessa última amostra os machos apresentavam espículos alados, com 1,63 a 1,68 mm de comprimento, 25, 27 e 29 pares de papilas pré-anais, uma papila pré-anal mediana e 5 pares de papilas pós-anais.

Em 1964 HARTWICH informa que seus sítipos estão depositados na coleção Verm. Entoz. sob o número 5319 no Zoologischen Museum de Berlim.

Comentários — Julgamos interessante um reestudo dos sítipos dessa espécie, que confirmaria ou não a identificação feita por FREITAS em 1955. Seus espículos sub-iguais e com menos de 2 mm de comprimento e a posição da vulva, no terço médio do corpo, permitem distingui-la das espécies anteriormente descritas.

Ophidascaris baylisi Robinson, 1934

(Est. 8, figs. 50-51)

- Ophidascaris baylisi* Robinson, 1934: 482-483, 488, pl. 24, figs. 1-2
Ophidascaris baylisi Yamaguti, 1935: 394
Ophidascaris baylisi Schuurmans-Stekhoven, 1937: 15
Ophidascaris baylisi Caballero, 1939: 76
Ophidascaris baylisi Skrjabin, Shikhobalova & Mozgovoi, 1951: 443
Ophidascaris baylisi Freitas, 1951: 257
Ophidascaris baylisi Mozgovoi, 1953: 135, 141-142, 302, fig. 84 (1-2)
Ophidascaris baylisi Skrjabin, Shikhobalova, Sobolev, Paramonov & Sudarikov, 1954: 618
Ophidascaris baylisi Khera, 1954: 35, 36
Ophidascaris baylisi Hartwich, 1957: 219
Ophidascaris baylisi Yamaguti, 1961: 162
Ophidascaris baylisi Ash & Beaver, 1963: 768
Ophidascaris baylisi Kutzer & Lamina, 1965: 212, 217, 218-222, 223, 228, 229, figs. 8-14
Ophidascaris baylisi Kutzer & Grünberg, 1965: 156, 158, 159, 162, 172, figs. 1, 2, 4, 5, 20
Ophidascaris baylisi Freitas, 1967: 27

Comprimento — Macho 80 mm; fêmea com mais de 115 mm.

Largura — Macho 2 mm; fêmea 2,5 mm.

Lábios quase quadrados, com ângulos truncados. Lábio dorsal chanfrado anteriormente, sem serrilha de dentes e com duas papilas duplas a meio do comprimento. Lábios ventro-laterais com uma grande papila dupla no lado ventral. Polpa labial característica, com lóbulos laterais que têm ramos principais e alguns menores dirigidos para fora, como chifres de veado. Interlábios bem desenvolvidos. Sulcos labiais basais bem marcados, os do lábio dorsal praticamente se encontrando na linha mediana. Esôfago com 3 mm de comprimento.

Fêmea com vulva no terço posterior do corpo, distando 35 mm da ponta da cauda. Ovos com 0,090 mm de comprimento por 0,080 mm de largura, com casca finamente esculpura. Cauda arredondada, sem ponta terminal.

Macho com espículos iguais, com 1,6 mm de comprimento por 0,07 mm de largura, com ponta arredondada. Cauda mucronada. Papilas caudais presentes: 30 pares pré-anais e 3 pares pós-anais, sendo o primeiro, de papilas grandes, logo atrás do ânus e os outros dois mais posteriores, laterais.

Habitat — Estômago de *Python reticulatus* (Schneider).

Distribuição geográfica — Maláia.

Reproduzimos acima, traduzida e adaptada, a descrição original, bem como as figuras de ROBINSON.

Histórico — ROBINSON, ao descrever essa espécie, informa que exemplares estão depositados no Instituto Molteno e no Museu Britânico.

Em 1953 MOZGOVOR define-a em chave, dá, em russo, a descrição original e reproduz as figuras de ROBINSON.

Em 1965 KUTZER & LAMINA tentam realizar seu ciclo evolutivo, informando:

As larvas infestantes do 2.^o estágio formam-se no interior dos ovos, que medem 0,078 a 0,094 mm de comprimento por 0,067 a 0,084 mm de largura, após 10 a 12 dias em estufa a 25 graus centígrados; suas dimensões são: 0,470 a 0,572 mm de comprimento e 0,016 mm de largura.

Ovos infestantes, dados a camundongos brancos, libertaram as larvas no estômago; essas larvas livres atingem o intestino delgado, onde penetram sua parede; umas permanecem aí um só dia, outras atingem rapidamente os capilares e alcançam o fígado, os pulmões e, pelos grandes vasos, a musculatura, onde, 3 dias depois podem estar fixadas. Sua localização definitiva é o tecido subcutâneo, no qual, após o 15.^o dia, são visíveis sob a forma de filamentos (larvas desencapsuladas); a ecdise para larva de 3.^o estágio ocorre entre o 4.^o e o 10.^o dias. Os primeiros indícios da ecdise são observados na extremidade anterior das larvas, sob a forma de pequenas elevações que crescem como apêndices cônicos. Essas larvas desenvolvem-se, alcançando após 30 dias a espessura de uma cabeça de alfinete, atingindo 2 mm de comprimento; ocorre, então, um desenvolvimento muito rápido e, em 20 dias, elas atingem seu comprimento máximo, de 25 mm. São elas claramente visíveis sob a pele, em cápsulas esféricas ou lenticulares.

As larvas do 3.^o estágio, desenvolvidas, diferenciam-se das do 2.^o estágio não só pelo tamanho, como, ainda, pela aparência dos lábios e pelo aspecto da extremidade posterior do corpo, onde existe um pequeno apêndice em forma de espinho; apresentam elas um esôfago com 1,55 a 1,90 mm de comprimento e a abertura anal distando 0,120 a 0,135 mm da ponta da cauda.

Estranhando a preferência das larvas pelas porções anteriores do corpo dos camundongos, localizando-se diretamente sob a pele, referem que ocorria aí a queda dos pêlos; freqüentemente foram encontradas larvas na musculatura das orelhas, sempre orientadas para a órbita; a destruição dos olhos pode ocorrer. O acúmulo de larvas na cabeça empresta-lhe um aspecto leonino e, quando localizadas nos membros anteriores, provocam sua inchação. As larvas do 3.^o estágio podem perfurar a pele, tanto em animais vivos como naqueles mortos naturalmente ou não.

Larvas que não atingem o tecido subcutâneo permanecem no 2.^o estágio ou, se a ecdise ocorre, atrasam seu crescimento; tais larvas morrem após um certo tempo.

Um camundongo fortemente infestado foi, no 53.^o dia, dado a uma cobra (*Boïdae*), que, um dia antes, havia comido um camundongo infestado com *Polydelphis attenuata*; após cerca de hora e meia os dois

roedores foram vomitados. A pesquisa cuidadosa de larvas de *P. attenuata* no 1.º camundongo resultou negativa. No 2.º camundongo, coberto por forte camada de muco, foram encontradas numerosas larvas já migradas, levando a considerar que nenhuma ou muito leve infestação do ofídio poderia ser conseguida. Após 7 semanas e meia o ofídio, que há 15 semanas nada comera (exceto o 1.º camundongo, parcialmente digerido), foi sacrificado; seu exame permitiu encontrar, em alguns nódulos da entrada do estômago, larvas do 3.º estágio de *O. baylisi*, que não haviam, assim, completado seu desenvolvimento.

Comentários — Seria interessante um reestudo dessa espécie, para informar-nos sobre a disposição dos órgãos genitais. Pelos espículos ela é próxima de *O. arndti*, dela se distinguindo pelo aspecto dos lábios, pela vulva situada mais posteriormente, pela ausência de papila mediana pré-anal e pelo menor número de papilas pós-anais.

***Ophidascaris natricis* Yamaguti, 1935**

(Est. 9, figs. 52-53)

- Ophidascaris natricis* Yamaguti, 1935: 393-394, figs. 1-2
Ophidascaris natricis Caballero, 1939: 76
Ophidascaris natricis Skrjabin, Shikhobalova & Mozgovi, 1951: 443
Ophidascaris natricis Freitas, 1951: 257
Ophidascaris natricis Mozgovi, 1953: 135, 149-150, 301, fig. 91 (1-3)
Ophidascaris natricis Skrjabin, Shikhobalova, Sobolev, Paramonov & Sudarikov, 1954: 613, 616
Ophidascaris natricis Khera, 1954: 35, 36
Ophidascaris natricis Bogdanov, 1954: 81, 83
Ophidascaris natricis Yamaguti, 1961: 163
Ophidascaris natricis Myers & Kuntz, 1962: 135
Ophidascaris natricis Ash & Beaver, 1963: 768
Ophidascaris natricis Kutzer & Grünberg, 1965: 158
Ophidascaris natricis Freitas, 1967: 27-28

Comprimento — Macho com mais de 100 mm; fêmea 170 mm.

Largura — Macho 1,2 mm; fêmea 2,5 mm.

Corpo com cutícula espessa e lisa. Extremidade cefálica com 0,25 mm de comprimento por 0,41 mm de largura. Lábios quase quadrados, com 0,14 a 0,20 mm de comprimento por 0,16 a 0,23 mm de largura. Lábio dorsal com duas papilas duplas. Lábios ventro-laterais com uma papila e um ânfide. Serrilha de dentes anteriores presente. Não existem verdadeiros interlábios nem sulcos. Anel nervoso e papilas cervicais no mesmo nível, distando 0,7 a 1 mm da extremidade anterior. Poro excretor logo atrás do nível do anel nervoso. Esôfago com 3,4 a 5,6 mm de comprimento; anteriormente é dividido em três lobos, cada

um dêles possuindo duas papilas muito pequenas, que se prolongam para diante, sôbre o lado interno de cada lábio.

Fêmea com vulva na metade posterior do têrço médio do corpo. Ovos com 0,090 a 0,102 mm de comprimento por 0,072 a 0,090 mm de largura, com casca levemente espêssa e reticulada. Cauda digitiforme, com mais de 0,45 mm de comprimento.

Macho com espículos com 1,3 mm de comprimento. Cauda digitiforme, com 0,23 a 0,27 mm de comprimento. Papilas caudais presentes: 60 pares pré-anais e 5 pares pós-anais, sendo o primeiro com terminação dupla e os outros 4 grupados junto ao ápice caudal. Há uma elevação achatada, papiliforme, no lado dorsal do ápice caudal.

Habitat — Intestino delgado de *Natrix tigrina* (Boie) (hospedador tipo), *Elaphe trivirgata* (Cope) e *Elaphe carinata* (Schneider).

Distribuição geográfica — Japão e Formosa.

Reproduzimos acima, traduzida e adaptada, a descrição original, bem como as figuras de YAMAGUTI.

Histórico — Essa espécie é descrita por YAMAGUTI, em 1935, de material proveniente de Wakayama Prefecture; seus tipos estão depositados na Coleção Yamaguti.

Em 1953 MOZGOVOI define-a em chave, dá, em russo, a descrição original e reproduz as figuras de YAMAGUTI.

BOGDANOV, em 1954, em trabalho sem cunho científico, assinala, nas Repúblicas da Ásia Central, sua ocorrência, de acôrdo com determinação feita por M. N. DUBININA, em ofídio aquático não determinado.

Em 1962 MYERS & KUNTZ assinalam-na em *Elaphe carinata* em Lan Yü, Formosa.

Comentários — Essa espécie distingue-se de tôdas as demais por muitos caracteres, como: cutícula lisa, aspecto dos lábios e da extremidade anterior do esôfago, ausência de interlábios e de sulcos labiais basais. Um reexame dos tipos, informando-nos sôbre os órgãos genitais, seria desejável, pois julgamos que ela talvez venha a ser isolada em gênero à parte.

Ophidascaris trichuriformis Vaz, 1935

(Est. 9, figs. 54-58; est. 10, figs. 59-60; est. 11, figs. 61-65;
est. 12, figs. 66-68)

Ophidascaris trichuriformis Vaz, 1935: 41, 42-44, figs. 1-5,
ests. 1-4

Ophidascaris trichuriformis Vaz, 1938: 495, 496, 498

Ophidascaris trichuriformis Skrjabin, Shikhobalova & Mozgovoï, 1951: 445

Ophidascaris trichuriformis Freitas, 1951: 257

Ophidascaris trichuriformis Mozgovoï, 1953: 135, 157, 158-160,
300, 301, fig. 99 (1-5)

- Ophidascaris trichuriformis* Skrjabin, Shikhobalova, Sobolev, Paramonov & Sudarikov, 1954: 615, 619
Ophidascaris trichuriformis Khera, 1954: 35, 36
Ophidascaris trichuriformis Hartwich, 1957: 219
Ophidascaris trichuriformis Yamaguti, 1961: 163
Ophidascaris trichuriformis Ash & Beaver, 1963: 768-769 p. p.
Ophidascaris trichuriformis Kutzer & Grünberg, 1965: 159
Ophidascaris trichuriformis Freitas, 1967: 28

Comprimento — Machos 55 a 120 mm; fêmeas 70 mm.

Largura — Machos 0,8 mm na porção anterior e 1,5 mm na porção posterior; fêmeas 0,5 mm e 0,9 mm, respectivamente.

Ascarídeos relativamente grandes, de côr esbranquiçada, penetrantes na parede do órgão, de forma característica, com o têrço posterior largo e os dois têrços anteriores adelgaçados. Bôca circundada por três lábios grandes, mais ou menos com 0,15 mm de comprimento. Lábio dorsal, com duas papilas, maior que os ventro-laterais que possuem, cada um, uma papila. Serrilha de pequenos dentes, na margem anterior e interna dos lábios, presentes. Interlábios presentes. Sulcos labiais basais presentes. Esôfago de largura mais ou menos uniforme, medindo 3,8 mm de comprimento por 0,4 mm de largura nos machos e 3,5 mm por 0,4 mm nas fêmeas.

Fêmeas didelfas, opistodelfas, ovíparas, com vulva distando aproximadamente 30 mm da extremidade posterior do corpo. Vagina dirigida para trás. Aparelho genital não ultrapassando, anteriormente, o nível da abertura vulvar. Ovos não embrionados, com 0,066 mm de comprimento por 0,060 mm de largura. Ânus situado a 0,24 mm da extremidade posterior do corpo. Cauda muito curta.

Machos com espículos iguais, longos, com bainha, medindo 3,7 mm de comprimento por 0,04 mm de largura com a bainha. Ânus distando 0,18 a 0,26 mm da extremidade posterior do corpo. Extremidade posterior enrolada ventralmente, com estreitas asas curtas, que não ultrapassam, anteriormente, o nível do orifício anal. Cauda terminando por pequena saliência cuticular cônica. Papilas caudais presentes: 30 a 40 pares pré-anais, em fileira lateral e ventral, e 6 pares pós-anais, assim distribuídos: 1 par de papilas grandes, pedunculadas, logo atrás do ânus; após pequeno intervalo, 3 pares de papilas sésseis, subventrais e, ao lado dêsses, 2 pares de papilas pedunculadas alojadas nas asas caudais.

Habitat — Estômago de *Liophis miliaris* (L.) (hospedador tipo) e *Xenodon merremii* (Wagler).

Distribuição geográfica — Brasil.

Reproduzimos acima, adaptada, a descrição original, bem como algumas das figuras de Vaz; publicamos, também, algumas figuras originais.

Estudamos uma amostra coletada, em órgão não indicado, por H. Sick em *Xenodon merremii* proveniente da ilha Grande, Estado do Rio de Janeiro; é ela constituída por alguns espécimes, dos quais dois casais foram medidos, que estão depositados na Coleção Helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz sob o número 19 128 a-j. Seu estudo permite-nos descrevê-los da seguinte maneira:

Cumprimento — Machos 76,55 a 82,41 mm; fêmea 79,39 a 86,09 mm.

Largura — Machos 1,21 a 1,41 mm; fêmeas 1,44 a 1,51 mm.

Corpo com cutícula estriada transversalmente. Porção anterior do corpo atenuada. Bôca circundada por três lábios e três interlábios. Lábio dorsal com duas papilas grandes; lábios ventro-laterais possuindo, cada um, três papilas: uma grande, ventral e duas outras, menores, laterais. Medem os lábios 0,13 mm de comprimento nos machos e 0,17 mm nas fêmeas. Interlábios com 0,061 a 0,070 mm de comprimento nos machos e 0,087 a 0,104 mm nas fêmeas. Duas serrilhas de dentes labiais, pequenos, presentes: uma situada no bordo labial e outra, menor, submarginal, limitada à porção mais anterior dos lábios. Sulcos transversos pós-labiais presentes. Esôfago claviforme, desprovido de ventrículo, com 2,58 a 3,08 mm de comprimento por 0,25 a 0,33 mm de largura média nos machos e 3,35 a 3,48 mm por 0,35 a 0,41 mm nas fêmeas. Cecos esofagiano e intestinal ausentes. Intestino largo, de paredes mais ou menos espessas, retilíneo. Anel nervoso situado a 0,66 a 0,75 mm da extremidade anterior nos machos. Papilas cervicais não evidenciadas. Poro excretor distando 0,88 mm da extremidade cefálica nos machos.

Fêmeas didelfas, opistodelfas, ovíparas, com vulva de lábios fracamente salientes, situada no terço médio do corpo, um pouco abaixo de meio de seu comprimento; dista 33 a 34,34 mm da ponta da cauda. Ovejeter forte, longo, mais ou menos sinuoso, sem separação nítida entre vagina e vestibulo; mede aproximadamente 2,68 mm de comprimento. O ovejeter liga-se aos dois úteros, que se dirigem para trás, com trajeto quase retilíneo. Ovários entortilhados, formando alças que podem atingir o nível da abertura vulvar, anteriormente; posteriormente podem atingir o nível da abertura anal. Aparelho genital alojado na metade posterior do corpo, da abertura vulvar para trás. Ovos de casca não muito espessa e levemente rugosa, não blastomerizados na ocasião da postura; são subesféricos, medindo 0,061 a 0,070 mm de comprimento por 0,052 a 0,056 mm de largura. Intestino terminado por um reto forte, com 0,30 a 0,33 mm de comprimento. Ânus com bordo posterior saliente, situado a 0,35 a 0,36 mm da ponta da cauda. Extremidade posterior terminada em pequena ponta cônica, que mede 0,017 a 0,026 mm de comprimento, e possuindo um par de pequenas papilas laterais, que distam 0,061 mm do ápice caudal.

Machos com espículos iguais, com 3,65 a 3,87 mm de comprimento; possuem a extremidade proximal larga e a distal arredondada. Cada espículo possui duas asas membranosas largas, porém de larguras desiguais. Gubernáculo ausente. Tubo genital dirigido para diante; tes-

tículo dobrado em U abaixo do meio do corpo, a uma distância variável de 47,40 a 51,59 mm da extremidade anterior do corpo. Cloaca pequena. Orifício anal grande, situado a 0,10 a 0,12 mm do ápice caudal. Cauda com leve curvatura ventral, terminando em pequena ponta cônica, que mede 0,025 a 0,033 de comprimento. Asas caudais estreitas e curtas. Papilas caudais presentes: 32 a 43 pares pré-anais, dispostas irregularmente em fileira longitudinal, e 6 pares pós-anais, assim distribuídos: 1 par logo atrás da abertura anal; 5 pares mais posteriores, sendo 3 laterais e 2 submedianos.

Entre nossa descrição e a de VAZ existem pequenas diferenças que julgamos sejam devidas à observação menos acurada da amostra original de *O. trichuriformis*, como as serrilhas labiais, ou representem variações, como na disposição das papilas pós-anais.

Histórico — VAZ, ao descrever sua espécie, cujos tipos e parátipos estão depositados na Coleção Helminológica do Instituto Biológico de S. Paulo, refere três hospedadores: *Liophis miliaris*, *Crotalus terrificus* e *Xenodon merremii*. Tendo estudado somente material de *L. miliaris* proveniente da serra da Cantareira, no Estado de S. Paulo, concluimos ser esse ofídio seu hospedador tipo. VAZ descreve ainda, com detalhe as lesões causadas pelo parasito, dizendo:

Macroscopicamente verificam-se pequenas ulcerações cujo número depende da quantidade de indivíduos presente e que são determinadas pela entrada e saída dos vermes. Freqüentes vêzes, quando alguns exemplares penetram em pontos próximos, há confluência das ulcerações, formando-se então úlceras bastante extensas em relação ao tamanho do órgão. À palpação, como já vimos, verifica-se um endurecimento acentuado do órgão que, como veremos, corre por conta de intensa proliferação fibrosa.

O exame microscópico dos cortes evidencia a rutura de tôdas as camadas componentes da parede do estômago, mucosa, muscularis mucosae, submucosa e muscular, sendo respeitada apenas a serosa. Em tôrno do parasito existe quantidade abundante de material necrosado, restos celulares provenientes talvez da ação tóxica digestiva das glândulas esofagianas do verme e dos produtos de excreção resultantes de seu metabolismo. Em tôrno dessa área de necrose há uma abundante proliferação fibrosa seguida de uma camada de tecido conjuntivo menos densos, contendo um grande número de eosinófilos. A eosinofilia é, aliás, a modificação da fórmula sangüínea mais característica e mais freqüente na verminose. Devemos acentuar que nos ofídios as granulações dos eosinófilos são muito grandes e tomam com grande intensidade as côres ácidas de anilina. Na subserosa notamos ligeira reação fibrosa e moderada eosinofilia não havendo, como já acentuamos, o menor vestígio de aderências.

Mais tarde, em 1938, VAZ informa não ser *Crotalus terrificus* hospedador de *O. trichuriformis*; os espécimes parasitos de *C. terrificus* são individualizados em espécie à parte, então descrita: *O. travassosi*. Nessa ocasião VAZ refere, em quadro, as principais medidas de *O. trichuriformis*.

Em 1953 Mozgovoi define-a em chave e dá, em russo, a descrição original, reproduzindo algumas das figuras de VAZ.

ASH & BEAVER, em 1963, referem-na como ocorrendo no Uruguai (*sic*: Uruguay); não conseguimos descobrir a origem dessa referência.

Comentário — Essa espécie é bastante característica pelo seu aspecto tricuriforme. Pelo comprimento dos espículos é próxima de *O. mombasica* Baylis, 1921, da qual se afasta pelos ovos um pouco menores e pela vulva não tão posterior; de *O. infundibulicola* (Linstow, 1903) se distingue pelo maior número da papilas caudais.

***Ophidascaris amucronata* Schuurmans-Stekhoven, 1937**

(Est. 13, figs. 69-75)

Ophidascaris amucronata Schuurmans-Stekhoven, 1937: 16-17, 18, figs. 29-35

Ophidascaris amucronata Skrjabin, Shikhobalova & Mozgovoi, 1951: 431, 433

Ophidascaris amucronata Freitas, 1951: 257

Ophidascaris amucronata Mozgovoi, 1953: 135, 139-140, 299, 302, fig. 82 (1-7)

Ophidascaris amucronata Skrjabin, Shikhobalova, Sobolev, Paramonov & Sudarikov, 1954: 609, 618

Ophidascaris amucronata Khera, 1954: 35, 36

Ophidascaris amucronata Hartwich, 1957: 219

Ophidascaris mucronata Oshe, 1958: 544 (*sic*)

Ophidascaris amucronata Yamaguti, 1961: 162

Ophidascaris amucronata Ash & Beaver, 1963: 768

Ophidascaris amucronata Kutzer & Grünberg, 1965: 158, 168, 172, fig. 17

Ophidascaris amucronata Freitas, 1967: 28

Comprimento — Macho 149 mm; fêmeas 136 a 190 mm.

Largura — Macho 1 mm; fêmeas 1,5 a 2,5 mm.

Lábios curtos e largos, com base estreita, mais fundamente excavados que em *O. intorta*. Projeções laterais da polpa labial irregularmente digitadas, com digitações pouco numerosas e não ramificadas como em *O. intorta*. As projeções não foram vistas no lábio dorsal, no qual as papilas são mais aproximadas do meio que nas outras espécies. Lábios ventro-laterais com papilas muito pequenas e ânfides quase indistintos, não muito maiores que as papilas. Interlábios arredondados. Serrilhas de dentes presentes, proeminentes. Esôfago com 8 mm de comprimento no macho.

Fêmeas com vulva situada a 40 mm (70,6%) a 50 mm (66%) da cauda. Úteros convergentes, separados dos ovidutos largos por constrições musculares. Cauda de contorno circular, com múcron triangular, obtusamente arredondado.

Macho com espículos de ponta fina. Cauda obtusamente arredondada, sem múcron distinto. Papilas caudais presentes: 21 a 23 pares

pré-anais, dispostos em zig-zag; 6 pares pós-anais: o primeiro, muito grande, ao nível do bordo posterior do ânus; depois, 2 pares laterais, contíguos, mais próximos do lado dorsal e, finalmente, 3 pares subventrais, quase contíguos e dispostos em fileira (em um macho há um sétimo par pós-anal, de papilas situadas por fora dessa fileira).

Hospedador — *Python sebae* (Gm.) e *Bitis arietans* (Merr.).

Distribuição geográfica — Congo.

Reproduzimos acima, traduzida e adaptada, a descrição original, bem como as figuras de SCHUURMANS-STEKHOVEN.

Histórico — Essa espécie é descrita por SCHUURMANS-STEKHOVEN, em 1937, de acôrdo com 7 machos e 7 fêmeas colhidos em *Python sebae* proveniente de Ruthshuru (n.º 1295) e 2 machos obtidos em *Bitis arietans* (n.º 2544) proveniente de Rwindi.

Em 1953 Mozgovoi define-a em chave e dá, em russo, a descrição original, reproduzindo as figuras de SCHUURMANS-STEKHOVEN.

Comentários — Essa espécie é insuficientemente descrita; em sua descrição faltam caracteres fundamentais para sua identificação. Um reestudo é imprescindível para seu melhor conhecimento, além de permitir designar o hospedador tipo e talvez esclarecer a localização do parasito no organismo do ofídio.

***Ophidascaris microspicula* Kreis, 1938**

(Est. 13, figs. 76-78)

Ophidascaris microspicula Kreis, 1938: 329, 336-338, fig. 4 A-C

Ophidascaris microspicula Skrjabin, Shikhobalova & Mozgovoi, 1951: 443

Ophidascaris microspicula Freitas, 1951: 257

Ophidascaris microspicula Mozgovoi, 1953: 135, 146-147, 301, fig. 88 (1-3)

Ophidascaris microspicula Skrjabin, Shikhobalova, Sobolev, Paramonov & Sudarikov, 1954: 615

Ophidascaris microspicula Khera, 1954: 35, 36

Ophidascaris microspicula Hartwich, 1957: 219

Ophidascaris microspicula Osche, 1958: 544

Ophidascaris microspicula Yamaguti, 1961: 162

Ophidascaris microspicula Ash & Beaver, 1963: 768

Ophidascaris microspicula Kutzer & Grünberg, 1965: 158

Ophidascaris microspicula Freitas, 1961: 28

Comprimento — Macho 33,61 mm; fêmeas 48,93 a 57,89 mm.

Largura — Macho 0,972 mm; fêmeas 1,085 a 1,340 mm.

Corpo com cutícula parecendo lisa. Bôca trilabiada. Lábios com 0,063 mm de comprimento no macho e 0,085 a 0,149 mm nas fêmeas. Lábio dorsal não deprimido, sem dentes e com duas papilas. Lábios ventro-laterais com dentes rudimentares e com uma papila grande. Interlábios bem desenvolvidos, menores que os lábios. Esôfago claviforme.

Fêmeas opistodelfas, ovíparas, com vulva situada no início do terço médio do corpo. Ovejeter com 2,26 mm de comprimento. Ovos com casca pontuada. Alças ovarianas quase alcançando o nível do ânus. Reto curto. Cauda muito curta, obtusamente arredondada, com ponta terminal de 0,026 mm de comprimento.

Macho com espículos muito curtos, com 0,694 mm de comprimento, com extremidade proximal alargada e extremidade distal em bisel. Gubernáculo ausente. Testículo sinuoso. Cauda cônica, com apêndice terminal de 0,034 mm de comprimento. Asas caudais rudimentares. Papilas caudais presentes: 42 a 44 pares pré-anais; papilas pós-anais ausentes.

Habitat — Intestino de *Naja tripudians* Merr.

Distribuição geográfica — Ásia.

Reproduzimos acima, traduzida, adaptada e resumida, a descrição original, bem como as figuras de KREIS.

Histórico — Essa espécie é descrita por KREIS, em 1938, de material coletado na Ásia tropical por R. GRABER em 1925; sua descrição é feita de acordo com a antiga fórmula de COBB.

Em 1953 Mozgovoi define-a em chave e dá, em russo e resumida, a descrição original, reproduzindo as figuras de KREIS.

Comentário — Pelos espículos iguais e curtos e pela ausência de papilas pós-anais é ela facilmente identificável.

***Ophidascaris genoheteromegala* Kreis, 1938**

(Est. 14, figs. 79-81)

Ophidascaris genoheteromegala Kreis, 1938: 329, 338-340, fig. 5 A-C

Ophidascaris genoheteromegala Skrjabin, Shikhobalova & Mozgovoi, 1951: 443

Ophidascaris genoheteromegala Freitas, 1951: 257

Ophidascaris genoheteromegala Mozgovoi, 1953: 135, 142-143, 300, fig. 85 (1-3)

Ophidascaris genoheteromegala Skrjabin, Shikhobalova, Sobolev, Paramonov & Sudarikov, 1954: 613

Ophidascaris genoheteromegala Khera, 1954: 35, 36

Ophidascaris genoheteromegala Hartwich, 1957: 219

Ophidascaris genoheteromegala Yamaguti, 1961: 162

Ophidascaris genoheteromegala Ash & Beaver, 1963: 768

Ophidascaris genoheteromegala Kutzer & Grünberg, 1965: 158

Ophidascaris genoheteromegala Freitas, 1967: 28

Comprimento — Macho 28,85 mm; fêmea 98,66 mm.

Largura — Macho 0,639 mm; fêmea 1,618 mm.

Corpo com cutícula estriada transversalmente. Bôca trilabiada. Lábio dorsal, com duas papilas pequenas, com 0,191 mm de comprimento por 0,170 mm de largura na fêmea. Lábios ventro-laterais, com uma papila cada um, com 0,106 mm de comprimento no macho e 0,191 mm na fêmea. Serrilhas de dentes labiais ausentes.

Fêmea com vulva logo atrás do meio do corpo. Ovos com 0,035 a 0,045 mm de diâmetro, com casca ornamentada. Cauda muito, sem espinho terminal.

Macho com espículos levemente curvos, com 0,471 mm de comprimento, com extremidade proximal alargada e extremidade distal arredondada. Testículo espiralado, estendendo-se bem anteriormente. Cauda com espinho terminal de 0,035 mm de comprimento. Papilas caudais presentes: 23 pares pré-anais, ventrais, e 2 pares pós-anais, pequenos.

Hospedador — *Coluber quatuorlineatus* Lacép.

Distribuição geográfica — ? (provavelmente Europa).

Reproduzimos acima, traduzida, adaptada e resumida, a descrição original, bem como as figuras de KREIS.

Histórico — Essa espécie é descrita em 1938 por KREIS de material colhido, em órgão não indicado, em *C. quatuorlineatus* de proveniência ignorada; sua descrição é feita de acordo com a antiga fórmula de COBB.

Mozgovoi, em 1953, define-a em chave e dá, em russo e resumida, a descrição original, reproduzindo as figuras de KREIS.

ASH & BEAVER, em 1963, dão como distribuição geográfica as ilhas Salomão; não nos foi possível descobrir a origem dessa referência.

Comentário — Das espécies que possuem espículos iguais e curtos é essa a que os possui com comprimento menor; êsses órgãos e o número de papilas caudais tornam fácil sua identificação.

***Ophidascaris travassosi* Vaz, 1938**

(Est. 14, figs. 82-88)

Ophidascaris travassosi Vaz, 1938: 496-497, 498, est. 1, figs. 1-7

Ophidascaris travassosi Skrjabin, Shikhobalova & Mozgovoi, 1951: 445

Ophidascaris travassosi Freitas, 1951: 257

Ophidascaris travassosi Mozgovoi, 1953: 136, 157-158, 300, fig. 98 (1-7)

Ophidascaris travassosi Skrjabin, Shikhobalova, Sobolev, Paramonov & Sudarikov, 1954: 612

Ophidascaris trichuriformis Skrjabin, Shikhobalova, Sobolev, Paramonov & Sudarikov, 1954: 612

Ophidascaris travassosi Khera, 1954: 35, 36

Ophidascaris travassosi Hartwich, 1957: 219

Ophidascaris travassosi Yamaguti, 1961: 163

Ophidascaris travassosi Ash & Beaver, 1963: 768

Ophidascaris travassosi Kutzer & Grünberg, 1965: 159

Ophidascaris travassosi Freitas, 1967: 28

Comprimento — Machos 50 a 60 mm; fêmeas 70 a 80 mm.

Largura — Machos 0,7 mm; fêmeas 0,6 mm na porção pré-vulvar e 1 mm na porção pós-vulvar.

Ascarídeos bastante grandes, esbranquiçados, livres na cavidade do órgão, mais largos na metade posterior do corpo, onde se situam os órgãos genitais. Bôca trilabiada. Lábio dorsal com duas papilas desenvolvidas, laterais. Lábios ventro-laterais com uma papila grande, próxima ao bordo lateral, e duas papilas pequenas, mal visíveis, próximas ao bordo anterior. Interlábios desenvolvidos. Serrilha de pequenos dentes, na margem livre dos lábios, presente. Esôfago com 3 mm de comprimento por 0,1 mm de largura nos machos e 3,6 mm de comprimento nas fêmeas.

Fêmeas didelfas, opistodelfas, ovíparas, com vulva situada a 33 mm da extremidade posterior do corpo. Vagina curta, musculosa, dirigida para trás. Aparelho genital pós-vulvar. Ovos não embrionados, com 0,064 a 0,068 mm de comprimento por 0,058 a 0,062 mm de largura. Ânus situado a 0,22 a 0,24 mm da extremidade posterior do corpo. Cauda curta, estreitando-se bruscamente, com ápice arredondado.

Machos com espículos iguais, com 2 mm de comprimento. Ânus situado a 0,24 mm da extremidade posterior do corpo. Extremidade posterior curvada ventralmente. Cauda curta e afilada bruscamente, terminando em ponta fina. Cutícula caudal expandindo-se, porém não formando verdadeiras asas. Papilas caudais presentes: aproximadamente 30 pares pré-anais e 7 pares pós-anais, assim distribuídos: 1 par de papilas grandes, sub-lateral, perto do ânus; 3 pares subventrais à meia distância do ânus à ponta da cauda, e 3 pares laterais, dos quais o primeiro isolado e os outros dois juntos e próximos do ápice caudal.

Habitat — Estômago de *Crotalus terrificus* (Laur.).

Distribuição geográfica — Brasil.

Reproduzimos acima, adaptada, a descrição original, bem como as figuras de VAZ.

Histórico — Essa espécie, cujos tipos e parátipos estão depositados na Coleção Helminológica do Instituto Biológico de S. Paulo sob o número 717, é, em 1935, confundida por seu autor com *O. trichuriformis* Vaz, 1935. Ao descrevê-la, VAZ também relaciona suas principais medidas em quadro comparativo com as outras espécies americanas do gênero *Ophidascaris* Baylis, 1921.

Mozgovoi, em 1953, define-a em chave e dá, em russo, a descrição original, reproduzindo as figuras de VAZ.

Comentário — Essa espécie, pelo comprimento dos espículos e pela situação da vulva, no terço médio do corpo, é próxima de *O. arndti* Sprehn, 1929, dela se distinguindo pelo maior número de papilas pós-anais, pela ausência da papila mediana no bordo anterior do ânus, pela cauda da fêmea mais curta e pelos ovos um pouco menores.

Ophidascaris ochoterenai Caballero, 1939

(Est. 15, figs. 89-91)

- Ophidascaris ochoterenai* Caballero, 1939: 74-76, lám. 1, figs. 1-3
Ophidascaris ochotorenai Skrjabin, Shikhobalova & Mozgovoi, 1951: 445 (sic)
Ophidascaris ochoterenai Freitas, 1951: 257
Ophidascaris ochoterenai Mozgovoi, 1953: 136
Ophidascaris ochotorenai Mozgovoi, 1953: 151-152, fig. 93 (1-3) (sic)
Ophidascaris ochoterenai Skrjabin, Shikhobalova, Sobolev, Paramonov & Sudarikov, 1954: 612
Ophidascaris ochoterenai Khera, 1954: 35, 36
Ophidascaris ochoterenai Hartwich, 1957: 219
Ophidascaris ochoterenai Yamaguti, 1961: 163
Ophidascaris ochoterenai Ash & Beaver, 1963: 768
Ophidascaris ochoterenai Kutzer & Grünberg, 1965: 158
Ophidascaris ochoterenai Freitas, 1967: 28

Comprimento — Macho 58 mm; fêmea 60 mm.

Largura — Macho 1,15 mm; fêmea 0,975 mm.

Corpo com cutícula estriada transversalmente. Bôca triangular e trilabiada: um lábio dorsal e dois ventro-laterais. Lábios com 0,136 mm de comprimento em ambos os sexos, cada um deles possuindo duas papilas. Interlábios fracamente desenvolvidos. Esôfago com 3,802 mm de comprimento por 0,468 mm de largura no macho e 3,568 mm por 0,487 mm na fêmea. Anel nervoso situado a 0,721 mm da extremidade anterior no macho e a 0,682 mm na fêmea. Poro excretor distando 0,858 mm da extremidade cefálica no macho e 0,897 mm na fêmea.

Fêmea didelfa, opistodelfa, com vulva atrás do meio do comprimento do corpo, distando 22,5 mm da extremidade caudal. Vagina dirigida para trás. Aparelho genital situado na porção posterior do corpo. Ânus distando 0,253 mm da extremidade posterior do corpo.

Macho com espículos sub-iguais, com 2,769 mm de comprimento por 0,070 mm de largura e 2,983 mm por 0,061 mm. Ânus situado a 0,195 mm da extremidade posterior do corpo. Cauda cônica. Papilas caudais presentes: 39 pares pré-anais, constituídos por papilas pequenas, laterais e ventrais, e 5 pares pós-anais: 2 são pequenos, ventrais e com o mesmo ponto de implantação, outros 2 são grandes, laterais e contíguos e o último é pequeno, lateral, próximo da ponta da cauda.

Habitat — Estômago de *Drymarchon corais* (Boie) *melanurus*.

Distribuição geográfica — México.

Reproduzimos acima, traduzida e adaptada, a descrição original, bem como as figuras de CABALLERO.

Histórico — Essa espécie é descrita de 2 machos e uma fêmea imatura, da Coleção Mosauer, em 1939, por CABALLERO, que depositou seus tipos na Coleção Helmintológica do Instituto de Biologia do México; seu hospedador era proveniente de Acapulco, Gro.

Em 1953 Mozgovoi define-a em chave e dá, em russo, a descrição original, reproduzindo as figuras de CABALLERO.

Comentário — Essa espécie é muito próxima de *O. obconica* (Baird, 1860); dela pode ser diferenciada pela posição da vulva e por possuir mais um par de papilas pós-anais.

***Ophidascaris pyrrhus* Johnston & Mawson, 1942**

(Est. 15, figs. 92-94)

- Ascaris* sp. McAlpine, 1891: 36-39, pl. 8, figs. 1-10
Ophidascaris pyrrhus Johnston & Mawson, 1942: 110, 112-113, 114, figs. 10-11
Ophidascaris pyrrhus Johnston & Mawson, 1947: 24
Ophidascaris pyrrhus Johnston & Mawson, 1948: 101, 102, 104
Ophidascaris pyrrhus Skrjabin, Shikhobalova & Mozgovoi, 1951: 445
Ophidascaris pyrrhus Freitas, 1951: 257
Ophidascaris pyrrhus Mozgovoi, 1953: 136, 153, 301, fig. 95 (1-2)
Ophidascaris pyrrhus Skrjabin, Shikhobalova, Sobolev, Paramonov & Sudarikov, 1954: 617
Ophidascaris pyrrhus Khera, 1954: 35, 36
Ophidascaris pyrrhus Hartwich, 1957: 219
Ophidascaris pyrrhus Chabaud, 1960: 99
Ophidascaris pyrrhus Yamaguti, 1961: 163
Ophidascaris pyrrhus Ash & Beaver, 1963: 768
Ophidascaris pyrrhus Kutzer & Grünberg, 1965: 158
Ophidascaris pyrrhus Freitas, 1967: 28

Comprimento — Machos 70 a 80 mm; fêmea 130 mm.

Largura — Machos 0,8 mm; fêmea 2,2 mm.

Corpo muito mais largo no terço posterior. Polpa do lábio dorsal com prolongamentos não observados. Interlábios presentes, curtos, com um terço do comprimento dos lábios. Sulcos labiais basais quase atingindo o meio dos lábios. Esôfago com 3,5 a 5 mm de comprimento. Anel nervoso situado a 0,72 mm da extremidade anterior nos machos.

Fêmea com vulva no início do terço posterior do corpo, logo após o início de sua porção mais grossa. Ovos com 0,075 a 0,081 mm de

comprimento por 0,058 a 0,062 mm de largura. Cauda arredondada, terminada em pequeno múcron.

Machos com espículos iguais, alados, com 4,1 a 4,8 mm de comprimento possuindo a extremidade distal arredondada. Cauda com 0,15 mm de comprimento, terminada em pequeno múcron. Papilas caudais presentes: pelo menos 20 pares pré-anais; uma papila mediana pré-anal, 6 pares pós-anais, sendo o primeiro, de papilas com terminação dupla, logo atrás da abertura anal e os outros pares dispostos em dois grupos laterais.

Hospedadores — *Pseudechis porphyriacus* Shaw (hospedador tipo), *Notechis scutatus* Peters e *Demansia psammophis* Schlegel; *Denisonia superba* (Schlegel).

Distribuição geográfica — Austrália.

Reproduzimos acima, traduzida e adaptada, a descrição original, bem como as figuras de JOHNSTON & MAWSON; reproduzimos, também, uma das figuras de McALPINE.

Histórico — Essa espécie, descrita por JOHNSTON & MAWSON, em 1942, de espécimes parasitos de *Pseudechis porphyriacus* proveniente de Narara, tem seus tipos depositados no Australian Museum (W3300). Sugerem seus autores que provavelmente seja idêntica à ela a fêmea colhida em *Denisonia superba* proveniente de Vitória e descrita por McALPINE, em 1891, como *Ascaris* sp., com os seguintes caracteres:

Comprimento — 144 mm.

Largura — 0,72 mm.

Corpo com coloração avermelhada e extremidades atenuadas; boca trilabiada; lábio dorsal com duas papilas; cada lábio ventro-lateral com uma papila; esôfago com 5,04 mm de comprimento; anel nervoso situado a 0,72 mm da extremidade anterior; didelfa, opistodelfa, ovípara, com vulva no início do terço posterior do corpo, distando 47,16 mm da cauda; ovos esféricos; ânus situado a 0,36 mm da extremidade posterior do corpo.

Em 1948 JOHNSTON & MAWSON assinalam-na em *Notechis scutatus* proveniente de Vitória e Taillem Bend, South Australia e em *Demansia psammophis* proveniente de Sidnei e Vitória.

Mozgovoi, em 1953, dá, em russo, a descrição original e reproduz as figuras de JOHNSTON & MAWSON.

Comentários — Essa espécie, que devia ser reestudada, parece ter um aspecto tricuriforme. Pelo comprimento de seus espículos iguais ela é próxima de *O. papillifera* (Linstow, 1897), dela podendo se distinguir, no momento atual, pelas dimensões totais maiores e pelo aspecto da cauda do macho que, na espécie de Linstow, não apresenta a papila ímpar mediana, pré-anal e possui maior número de papilas pré-anais.

Ophidascaris crassilabiata Schuurmans-Stekhoven, 1950

(Est. 15, figs. 95-102)

Ophidascaris crassilabiata Schuurmans-Stekhoven, 1950: 325, 338-339, fig. 5 A-H*Ophidascaris crassilabiata* Hartwich, 1957: 219*Ophidascaris crassilabiata* Yamaguti, 1961: 162*Ophidascaris crassilabiata* Ash & Beaver, 1963: 768*Ophidascaris crassilabiata* Freitas, 1967: 28

Comprimento — Macho 32,30 mm; fêmeas 60 a 62 mm.

Largura — Macho 0,76 mm; fêmeas 1,2 mm.

Lábios fortes, arredondados, com papilas grandes. Lábios subventrais com ânfides. Margem anterior dos lábios com pequena chanfradura pouco pronunciada. Interlábios presentes, com ápice rombo. Serriha de pequenas dentes presente. Sulcos labiais basais presentes. Cecos esofagiano e intestinal ausentes.

Fêmeas com ovos recobertos de escamas arredondadas. Cauda muito curta, pontiaguda, uma vez e meia mais longa que larga.

Machos com espículos não evidenciados e com cauda como a da fêmea. Papilas caudais presentes: pelo menos 4 pares bem distintos, submedianos e pré-anais; algumas papilas ad-anais e 5 pares pós-anais, divididos em dois grupos: o primeiro, com uma só papila, situado no bordo inferior da abertura cloacal e os outros 4 no meio do comprimento da cauda.

Habitat — Cavidade geral de *Notiopsar cinereus* (Schneider).

Distribuição geográfica — Argentina.

Reproduzimos, adaptada e traduzida, a descrição original, bem como as figuras de SCHUURMANS-STEKHOVEN.

Histórico — Essa espécie é descrita, em 1950, por SCHUURMANS-STEKHOVEN, de 4 machos e 9 fêmeas colhidos na cavidade geral de *N. cinereus* proveniente de Puerto Yorta, Estreito de Magalhães.

Comentários — SCHUURMANS-STEKHOVEN considera incerta a posição sistemática de sua espécie; julgamo-la uma espécie inquirenda. Só o reexame do material tipo, informando-nos vários caracteres omitidos na descrição original, poderá esclarecer sobre sua situação verdadeira.

Ophidascaris sicki Freitas, 1951(Est. 16, figs. 103-105; est. 17, figs. 106-107;
est. 18, figs. 108-111)*Ophidascaris sicki* Freitas, 1951: 255-257, figs. 1-3*Ophidascaris sicki* Freitas, 1955: 17, 20, 21*Ophidascaris sicki* Mozgovi, 1953: 155-156, fig. 97 (1-3)*Ophidascaris sicki* Khera, 1954: 35, 36

Ophidascaris sicki Hartwich, 1957: 219

Ophidascaris sicki Yamaguti, 1961: 163

Ophidascaris sicki Ash & Beaver, 1963: 768

Ophidascaris sicki Kutzer & Grünberg, 1965: 159

Ophidascaris sicki Freitas, 1967: 28

Comprimento — Machos 26,70 a 39,53 mm; fêmeas 36,68 a 42,95 mm.

Largura — Machos 0,57 a 0,60 mm; fêmeas 0,67 a 0,70 mm.

Corpo com cutícula estriada transversalmente. Extremidades fracamente atenuadas. Bôca circundada por três lábios e três interlábios. Lábio dorsal com duas papilas grandes e com a margem fracamente deprimida na região mediana. Lábios látero-ventrais com a margem também levemente deprimida na região mediana e possuindo, cada um, duas papilas: uma grande, ventral e outra menor, lateral. Medem os lábios 0,096 a 0,104 mm de comprimento nos machos e 0,139 a 0,157 mm nas fêmeas. Serrilha de dentes labiais inaparente. Interlábios pequenos, com aproximadamente um terço do comprimento dos lábios; medem 0,035 mm nos machos e 0,052 mm nas fêmeas. Sulcos transversos, partindo da base dos interlábios para a base dos lábios, presentes. Esôfago claviforme, desprovido de ventrículo; mede 1,68 a 1,99 mm de comprimento por 0,10 a 0,12 mm de largura média nos machos, e 1,97 a 2,06 mm por 0,15 a 0,17 mm nas fêmeas. Cecos esofagianos e intestinal ausentes. Intestino largo, de paredes espessas, mais ou menos retilíneo. Anel nervoso situado a 0,43 a 0,46 mm da extremidade anterior nos machos e a 0,50 a 0,51 mm nas fêmeas. Papilas cervicais não evidenciadas. Poro excretor situado a 0,51 a 0,56 mm da extremidade cefálica nos machos e a 0,51 a 0,53 mm nas fêmeas. Célula excretora nítida, estendendo-se do poro excretor até o nível do meio do esôfago nos machos ou um pouco mais abaixo nas fêmeas.

Fêmeas didelfas, opistodelfas, ovíparas, com vulva, de lábios levemente salientes, situada no terço médio do corpo, um pouco abaixo do meio do comprimento; dista 16,92 a 19,60 mm da ponta da cauda. Ovejeter forte, longo, sinuoso, sem separação nítida entre vagina e vestibulo; mede aproximadamente 1,08 a 1,23 mm de comprimento. O ovejeter liga-se a dois úteros que se dirigem para trás, com trajeto mais ou menos sinuoso. Ovários entortilhados, formando alças que não atingem o nível da abertura vulvar e terminam antes da abertura anal. O aparelho genital é, assim, alojado na metade posterior do corpo, da abertura vulvar para trás. Ovos com casca espessa e levemente rugosa, blastomerizados na ocasião da postura; são aproximadamente arredondados, medindo 0,070 a 0,078 mm por 0,061 a 0,065 mm. Intestino terminado por um reto forte, que mede 0,33 a 0,35 mm de comprimento. Ânus com bordo posterior saliente, situado a 0,21 a 0,23 mm da ponta da cauda. Extremidade posterior terminando em pequena ponta cônica, que mede 0,043 a 0,048 mm de comprimento.

Machos com espículos relativamente curtos, com 0,87 a 0,96 mm de comprimento; têm a base levemente mais larga e a ponta arredondada, apresentam 0,015 mm de largura média e possuem asas laterais. Gubernáculo ausente. Tubo genital dirigido para diante; o testículo se dobra em U abaixo do meio do corpo, a uma distância variável de 16,82 a 23,28 mm da extremidade anterior, terminando mais abaixo. Cauda com leve curvatura ventral e com, pelo menos, 35 pares de papilas pré-anais dispostas irregularmente em fileira longitudinal. Asas caudais muito estreitas e curtas. Um par de papilas submedianas, situadas no bordo anterior do ânus, presente. Papilas pós-anais em número de 7 pares, assim distribuídos: 2 pares de papilas grandes, logo atrás da abertura anal: o primeiro é sub-lateral e o segundo, logo posterior, a êle, é submediano; 2 pares de papilas um pouco menores que as anteriores, situadas mais posteriormente: o primeiro é sub-lateral e o segundo é submediano; 3 pares de papilas laterais, pequenas, sendo os dois últimos aproximados entre si e afastados do primeiro; destes, o segundo par é constituído pelas menores papilas pós-anais. Orifício anal grande, situado a 0,15 a 0,21 mm do ápice caudal. Cauda terminada em pequena ponta cônica, que mede 0,035 mm de comprimento.

Habitat — Estômago de *Xenodon merremii* (Wagler) (hospedador tipo) e *Xenodon severus* (L.).

Distribuição geográfica — Brasil.

Transcrevemos acima a descrição de FREITAS; reproduzimos suas figuras, às quais adicionamos algumas outras, originais.

No Quadro II damos as principais medidas de espécimes estudados por FREITAS em 1951.

Histórico — Essa espécie, cujos tipos e parátipos estão depositados na Coleção Helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz sob os números 19.120, 19.121, 19.122 e 19.123, é descrita por FREITAS, em 1951, de 3 machos e duas fêmeas colhidos, por H. SICK, em estômago de *Xenodon merremii* proveniente de Xavantina, no Estado de Mato Grosso.

MOZGOVOI, em 1953, dá, em russo, a descrição original, reproduzindo as figuras de FREITAS; não a inclui na chave de determinação das espécies que apresenta.

Em 1955 FREITAS assinala-a em *Xenodon severus* da mesma proveniência da amostra tipo, referindo os caracteres: espículos alados, com 1,04 a 1,25 mm de comprimento; 40 pares de papilas pré-anais; 1 par-submediano no bordo anterior do ânus e 7 pares de papilas pós-anais.

Comentário — Essa espécie tem espículos maiores que *O. microscopica* Kreis, 1938 e *O. genoheteromegala* Kreis, 1938 e menores que *O. arndti* Sprehn, 1929, *O. baylisi* Robinson, 1934 e *O. travassosi* Vaz, 1938. De *O. natricis* Yamaguti, 1935 afasta-se por inúmeros caracteres (ver comentários em *O. natricis*).

QUADRO II
Ophidascaris sicki Freitas, 1951
 (Medidas em milímetros)

Col. Helm. I. O. C. n.º	19 120	19 123 a	19 123 b	19 122	19 121
Espécime.....	Holótipo	Parátipo	Parátipo	Parátipo	Alótipo
Sexo.....	Macho	Macho	Macho	Fêmea	Fêmea
Comprimento.....	26,70	34,10	39,53	36,68	42,95
Largura.....	0,57	0,57	0,60	0,67	0,70
Lábios.....	0,096	0,096	0,104	0,139	0,157
Interlábios.....	0,035	0,035	0,035	0,052	0,052
Esófago.....	1,68	1,99	1,99	2,06	1,97
Anel nervoso.....	0,46	0,43	0,43	0,51	0,50
Poros excretor.....	0,56	0,51	0,53	0,53	0,51
Vulva.....	--	--	--	16,92	19,60
Ovejeter.....	--	--	--	1,23	1,08
Ovos.....	}	}	}	0,074 0,070	0,070 0,078
				x x	x x
Reto.....	--	--	--	0,35	0,33
Ânus.....	0,15	0,21	0,16	0,23	0,21
Ponta cauda.....	0,035	0,035	0,035	0,048	0,043
Espículos.....	0,96	0,87	0,96	--	--

Ophidascaris ajgaris Khera, 1954

- Ophidascaris filaria* Canavan, 1929: 84, nec Dujardin, 1845
Ophidascaris ajgaris Khera, 1954: 31, 32-35, figs. 1-4
Ophidascaris ajgaris Chabaud, 1960: 98
Ophidascaris ajgaris Yamaguti, 1961: 162
Ophidascaris ajgaris Ash & Beaver, 1963: 768
Ophidascaris ajgaris Kutzer & Grünberg, 1965: 158
Ophidascaris ajgaris Freitas, 1967: 28

Comprimento — Machos 64 a 148 mm; fêmeas 118 a 164 mm.

Largura — Machos 1,09 a 1,8 mm; fêmeas 1,6 a 2,1 mm.

Helmintos grandes e fortes, com corpo mais atenuado anteriormente. Cutícula estriada transversalmente. Asas cervicais ausentes. Extremidade cefálica com 0,216 a 0,435 mm de diâmetro nos machos e 0,3 a 0,5 mm nas fêmeas. Bôca trilabiada. Lábios quase quadrados, com bordo anterior levemente emarginado e ângulos arredondados. Lábio dorsal com duas papilas grandes, com terminação dupla. Lábios ventro-laterais com uma papila grande, ventral e outra pequena, lateral. Polpa labial com dois lóbulos, com a parte livre multirradiada,

porém sem prolongamentos para a linha média dos lábios nem para as margens. Serrilhas de pequenos dentes regulares presentes. Interlábios curtos e obtusamente cônicos. Sulcos labiais basais bem desenvolvidos. Esôfago com 4,27 a 6,5 mm de comprimento nos machos e 5,1 a 6,98 mm nas fêmeas. Anel nervoso situado a 1,08 a 2,48 mm da extremidade anterior nos machos e a 1,04 a 2,03 mm nas fêmeas. Poro excretor quase ao nível do anel nervoso.

Fêmeas didelfas, opistodelfas, ovíparas, com vulva pós-equatorial, dividindo o comprimento do corpo na relação de 6:4 (em fêmea de 118 mm de comprimento a vulva dista 46 mm da cauda). Vagina simples, muscular, dirigida para trás. Porção ímpar do útero com 3 mm de comprimento. Úteros paralelos. Ovos arredondados a ovais, com 0,078 a 0,086 mm de comprimento por 0,074 a 0,080 mm de largura, com casca rugosa. Reto com 0,3 mm de comprimento. Cauda obtusamente cônica, com 0,40 a 0,53 mm de comprimento.

Machos com espículos iguais, alados, com 5,2 a 6,2 mm de comprimento por 0,065 a 0,070 mm de largura (com as asas) e possuindo a ponta obtusamente cônica. Cauda obtusamente cônica, com 0,25 a 0,42 mm de comprimento. Papilas caudais presentes: 40 a 45 pares pré-anais, dispostos em duas fileiras; 5 pares pós-anais, dos quais o primeiro, ventral, com terminação dupla, fica situado logo atrás da abertura anal e forma com os dois pares seguintes, também ventrais, uma figura triangular; os 2 últimos pares são laterais a subdorsais.

Habitat — Bôca, cavidade geral, estômago e intestino de *Python molurus* (L.) (hospedador tipo); estômago e intestino de *Python spilotes variegatus* (Gray), intestino de *Python spilotes* (Lacép).

Distribuição geográfica — Índia, Austrália, e Nova Guiné.

Reproduzimos acima, traduzida e adaptada, a descrição de KHERA, bem como algumas de suas figuras; não reproduzimos a figura dos ovos (fig. 3).

Histórico — Essa espécie é descrita por KHERA, em 1954, de 5 machos e duas fêmeas colhidos em um ofídio (*P. molurus*) que morrera no Jardim Zoológico Prince of Wales, em Lucknow.

Julgamos ser idêntico à ela o material colhido em estômago e intestino de *Python molurus* (Philadelphia Zoological Garden 3029) e *Python spilotes variegatus* (P. Z. G. 7317) e em intestino de *Python spilotes* (P. Z. G. 7331), provenientes da Índia, Austrália e Nova Guiné, e descrito por CANAVAN, em 1929, como *O. filaria* (Dujardin, 1845), com os caracteres seguintes:

Comprimento — Machos 52 a 80 mm; fêmeas 68 a 105 mm.

Largura — Machos 0,55 a 1,05 mm; fêmeas 0,91 a 2,03 mm.

Sulcos pós-labiais presentes; polpa labial com aspecto de forçado; interlábios e serrilhas de dentes presentes; espículos iguais, com 6,6 mm de comprimento; papilas pré-anais presentes, em número de 45 pares.

Comentário — Essa espécie se distingue das anteriores e é facilmente reconhecível pelos espículos bastante longos.

Ophidascaris macrospicula Mozgovi & Romanova, 1956

(Est. 19, figs. 115-120)

Ophidascaris macrospicula Mozgovi & Romanova, 1956: 80, 81, 83-84, figs. 4 a-b, 5, 6, 7 a-b

Ophidascaris macrospiculata Chabaud, 1960: 98 (*sic*)

Ophidascaris macrospiculata Ash & Beaver, 1963: 768 (*sic*)

Ophidascaris macrospicula Freitas, 1967: 28

Comprimento — Macho 78 mm; fêmea 95 mm.

Largura — Macho 1,14 mm; fêmea 1,3 mm.

Nematódeos grandes e relativamente delgados. Corpo da mesma largura em quase todo o comprimento, atenuado somente nas extremidades. Cutícula ligeiramente estriada no sentido transversal. Extremidade cefálica com três lábios e três interlábios. Lábios arredondados lateralmente e com bordo anterior achatado. Polpa labial dividida anteriormente em dois lobos alados, cada um deles com duas saliências alongadas: uma dirigida para diante e para dentro e outra, mais longa, dirigida para trás. Lábio dorsal com uma papila dupla, grande; mede 0,166 mm de comprimento por 0,199 mm de largura no macho e 0,182 mm por 0,232 mm na fêmea. Lábios ventro-laterais com duas papilas cada um: uma grande e outra pequena; medem 0,166 mm de comprimento por 0,182 mm de largura no macho e 0,182 mm por 0,205 mm na fêmea. Interlábios largos na base e com ápice arredondado; medem 0,075 mm de comprimento por 0,033 mm de largura no macho e 0,087 mm por 0,003 mm (*sic*) na fêmea. Serrilhas de pequenos dentes presentes. Sulcos labiais basais presentes. Esôfago com 6,83 mm de comprimento por 0,38 mm de largura no macho.

Fêmea didelfa, opistodelfa, ovípara, com vulva logo após o meio do corpo, distando 51 mm de sua extremidade anterior. Vagina estreita, longa, dirigida para trás, ligando-se a dois úteros, grossos e longos, que se dirigem para trás e depois se dobram para diante. Ovos esféricos ou apenas ovóides, com 0,066 a 0,083 mm de comprimento por 0,054 a 0,066 mm de largura, possuindo casca rugosa.

Macho com espículos longos, delgados, alados em toda extensão; medem 6,83 mm de comprimento por 0,033 mm de largura e têm a extremidade proximal alargada e a distal arredondada. Ânus situado a 0,232 mm da ponta da cauda. Ápice caudal curvado ventralmente, com ponta aguda. Papilas caudais presentes, grandes e numerosas: 45 pares pré-anais, dispostos em fileira longitudinal, com intervalos que aumentam à proporção que se distanciam do ânus; 6 pares pós-anais, assim distribuídos: 1 par logo atrás da abertura anal, constituído por papilas muito grandes; 2 pares, aproximados entre si, mais ou menos

no meio do comprimento da cauda; 2 pares, grandes, perto do ápice caudal e 1 par, pequeno e nítido, situado entre êsses últimos.

Habitat — Estômago de *Naja bungarus* Schlegel.

Distribuição geográfica — China.

Reproduzimos acima, traduzida e adaptada, a descrição original, bem como as figuras de MOZGOVOI & ROMANOVA.

Histórico — Essa espécie é descrita por MOZGOVOI & ROMANOVA, em 1956, de um casal colhido no estômago de um espécime de *N. bungarus* proveniente da China e que se encontrava há um mês no Parque Zoológico de Moscou.

Em 1960 CHABAUD introduz um erro em seu nome específico.

Comentário — Extremamente próxima de *O. ajgaris* Khera, 1954, dela se distinguindo pelo aspecto dos lábios e da cauda do macho.

***Ophidascaris solenopoion* Chabaud, 1960**

(Est. 20, figs. 121-127)

Ophidascaris solenopoion Chabaud, 1960: 95-98, fig. 1 A-G

Ophidascaris solenopion Ash & Beaver, 1963: 768, 769 (*sic*)

Ophidascaris solenopion Kutzer & Grünberg, 1965: 159 (*sic*)

Ophidascaris solenopoion Freitas, 1967: 28

Comprimento — Macho 75 mm; fêmea 125 mm.

Largura — Macho 0,7 mm; fêmea 1,8 mm.

Corpo mais ou menos cilíndrico ou ligeiramente dilatado posteriormente no macho; na fêmea adulta o corpo se dilata progressivamente desde a extremidade anterior e atinge na parte média 1,3 mm de diâmetro, depois, mais ou menos na união dos dois terços anteriores com o terço posterior, há porção ligeiramente mais delgada (1 mm de diâmetro) com 10 a 20 mm de comprimento, e, para trás, a extremidade posterior é fortemente dilatada (1,8 mm de diâmetro). Cutícula finamente estriada transversalmente. Bôca trilabiada. Lábios relativamente curtos e largos. Lobos e lóbulos pré-labiais bem desenvolvidos, porém menos alongados que em *O. filaria* (Dujardin, 1845). Interlábios bem desenvolvidos. Serrilha de dentes labiais presente, muito forte, com dentes pouco numerosos e grandes. Sulcos labiais basais presentes, quase se unindo na base dos lábios. Esôfago alongado, claviforme, com 4,2 mm de comprimento no macho e 5,3 mm na fêmea. Anel nervoso situado a 0,65 mm da extremidade anterior no macho e a 0,85 mm na fêmea. Poro excretor distando 0,8 mm da extremidade cefálica no macho e 1,1 mm na fêmea.

Fêmea didelfa, opistodelfa, ovípara, com vulva situada a 44 mm da extremidade posterior do corpo. Ovejeter (em espécime jovem, dissecado) com 2,4 mm de comprimento, dirigido para trás, tendo a metade anterior fortemente musculosa e sinuosa. Úteros dirigidos para a ex-

tremidade posterior do corpo. Ovários dirigidos de trás para diante, até quase o nível da abertura vulvar. Ovos com 0,090 mm de comprimento por 0,050 mm de largura. Aparelho genital situado no terço posterior do corpo. Cauda muito curta, com 0,23 mm de comprimento, arredondada e sem múcron terminal.

Macho com espículos um pouco desiguais, com 3,2 mm e 3,4 mm de comprimento, parecendo arredondados na extremidade distal, porém na realidade possuindo uma ponta transparente. Múcron caudal talvez apenas visível. Papilas caudais presentes: 38 a 49 pares pré-anais; papilas pós-anais extremamente variáveis em número e disposição: 1 par de papilas duplas, grandes, situadas um pouco atrás da abertura anal e 4 ou 5 pares situados na metade posterior da cauda.

Habitat — Estômago de *Ithycyphus miniatus* (Schlegel).

Distribuição geográfica — Madagascar.

Reproduzimos acima, traduzida e adaptada, a descrição original, bem como as figuras de CHABAUD.

Histórico — Essa espécie é descrita por CHABAUD, em 1960, de duas fêmeas, 6 machos e 4 larvas obtidos em um ofídio, *I. miniatus*, capturado na floresta de Lokobé, em Nossi-Bé; três larvas foram descobertas na água onde fôra abandonado o cadáver dissecado da serpente; a quarta larva estava em um quisto pulmonar; os adultos foram encontrados no estômago, com as extremidades anterior e posterior livres na luz do órgão, porém com a porção média do corpo enterrada na mucosa, formando um túnel de cerca de 10 mm de comprimento.

CHABAUD diferencia sua espécie de *O. filaria* (Dujardin, 1845), da qual viu material coletado por A. PETTER em um *Python molurus* (de proveniência asiática) morto no jardim do Museu de Paris, pelos dentes labiais menos numerosos e maiores e pelo aspecto dos lábios, relativamente mais largos e menos longos. Considera sua espécie mais próxima de *O. mombasica* Baylis, 1921 e de *O. pyrrhus* Johnston & Mawson, 1942, da primeira se distinguindo pelo comprimento do esôfago e da segunda pelo aspecto dos lábios.

Comentários — CHABAUD, ao descrever *O. solenopoion*, refere os comprimentos do corpo e dos espículos de 3 espécimes: a) corpo com 75 mm e espículos com 3,2 mm e 3,4 mm; b) corpo com 88 mm e espículos com 4,5 mm; c) corpo com 61 mm e espículos com 2,4 mm; refere as papilas pré-anais em número de 38 a 49 pares e diz das papilas pós-anais: le nombre et la disposition des papilles postcloacales est extrêmement variable.

Aceitando as medidas espiculares teremos uma espécie em que êsses órgãos podem ser levemente desiguais ou iguais e com comprimentos extremamente variáveis, quase atingindo os mais longos (4,5 mm) o dôbro dos mais curtos (2,4 mm).

Julgamos um reexame detalhado dos 6 machos imprescindível, pois temos a impressão de tratar-se de uma infestação mista. *O. solenopoion* é extremamente próxima de *O. mombasica*, dela se diferenciando pela posição da vulva, muito mais posterior nessa última.

Ophidascaris robinsoni Freitas, 1967

Ophidascaris filaria Robinson, 1934: 481-482, nec Dujardin,
Ophidascaris robinsoni Freitas, 1967: 28

Comprimento — Macho 120 mm; fêmea 145 mm.

Largura — 2 mm.

Corpo delgado, atenuado anteriormente. Lábios mais largos que longos. Lábio dorsal, com margem anterior levemente côncava, mede 0,15 mm de comprimento por 0,23 mm de largura e possui duas papilas simples perto dos ângulos ântero-laterais. Cada lábio ventro-lateral com uma grande papila simples. Sulcos transversos pós-labiais bem nítidos, os do lábio dorsal quase se tocando. Esôfago com 5,5 mm de comprimento.

Fêmea com ovos esféricos, com 0,100 mm de diâmetro, com casca lisa, não ornamentada. Cauda arredondada, sem espinho terminal.

Macho com espículos em forma de cimitarra, alados, levemente desiguais, com extremidade distal arredondada; medem 1,75 mm de comprimento por 0,08 mm de largura e 2,2 mm por 0,1 mm. Cauda arredondada, sem espinho terminal, com 0,45 mm de comprimento. Papilas caudais presentes: 40 pares pré-anais e 6 pares pós-anais.

Habitat — Intestino de *Python reticulatus* (Schneider).

Distribuição geográfica — Maláia (Alur Star).

Reproduzimos acima, traduzida e adaptada, a descrição de ROBINSON.

Histórico — ROBINSON teve em mãos 17 exemplares (que precisam ser reestudados), dos quais 3 eram imaturos e tinham as extremidades cefálicas em um nódulo da mucosa do órgão. Em 7 tubos existiam imaturos em vários estágios de desenvolvimento, alguns em muda, e que provinham de diversos órgãos: fígado, pulmões, esôfago, estômago e intestino. Todo esse material fôra enviado ao Prof. KEILIN, do Instituto Molteno, por G. B. PURVIS.

Comentário — Essa espécie distingue-se de *O. filaria* (Dujardin, 1845) pelos espículos bem menores e pelos ovos maiores.

Ophidascaris daubaylisi Freitas, 1967

(Est. 21, figs. 128-129)

Ophidascaris naiae Baylis & Daubney, 1922: 263, 273

Ophidascaris naiae Baylis & Daubney, 1923: 552-554, figs. 1-2,
nec Gedoelst, 1916

Ophidascaris naiae Baylis, 1936: 46-48 p. p., figs. 8-9

Ophidascaris najae Mozgovoi, 1953: 148, 300, fig. 90 (1-2)

Ophidascaris naiae Ash & Beaver, 1963: 768 p. p.

Ophidascaris daubaylisi Freitas, 1967: 28

Comprimento — Fêmea 51 mm.

Lábios característicos: a polpa forma dois lobos, cada um deles se prolongando em direções opostas, em duas pontas, uma para diante

e para dentro, para a linha média do lábio, e a outra para trás e para a margem; processos radiados não vistos. Esôfago com 3,25 mm ou mais de comprimento na fêmea.

Fêmea com vulva consideravelmente atrás do meio do corpo (em um espécime de 51 mm ela dista 21,7 mm da cauda). Vagina longa, estreita e sinuosa, passando gradualmente para a porção ímpar do útero, que é, como os ramos pares, muito curta. Os ramos pares, após um percurso sinuoso de 10 mm (na fêmea de 51 mm), ligam-se brusca-mente com tubos curtos e estreitos, que atingem o oviduto, mais largo. Alças ovarianas estendendo-se para trás, até 4 mm da extremidade posterior do corpo, e para diante, até o nível da abertura vulvar.

Macho com espículos desiguais, com 3,25 mm e 4,30 mm de comprimento. Papilas pós-anais em número de 6 pares: 1 par de papilas grandes, aparentemente com terminação dupla, algumas vezes muito separado das papilas restantes, situado aos lados da abertura da cloaca; mais para trás 2 pares de papilas ventrais e 3 pares próximos do ápice caudal; as papilas desses últimos pares formam, de cada lado, um triângulo: duas são laterais ou subdorsais e a terceira, muito pequena, é subventral.

Habitat — Intestino de *Naja tripudians* Merr. e possivelmente estômago de *Bungarus fasciatus* (L.) e *Bungarus bungaroides* Cantor.

Distribuição geográfica — Índia.

Reproduzimos acima, adaptada e traduzida, a descrição de BAYLIS & DAUBNEY (1923), bem como suas figuras.

Histórico — Em 1922 BAYLIS & DAUBNEY referem formas jovens colhidas no intestino de *Naja tripudians* e no estômago e intestino de *Bungarus fasciatus*, no Jardim Zoológico de Calcutá, acrescentando: apart from measurements, they seem to agree fairly well with Gedoelst's (1916) rather brief description.

Em 1923 BAYLIS & DAUBNEY relacionam poucos espécimes, identificados à *O. naiiae* (Gedoelst, 1916), encontrados em *Naja tripudians*, *Bungarus bungaroides* e *Bungarus fasciatus*, sendo que os exemplares obtidos nos dois últimos hospedadores estavam em más condições de estudo. O material coletado em *N. tripudians* proveniente de Sura Gath, constituído de um macho, duas fêmeas e alguns imaturos, é estudado e descrito (ver descrição acima).

Em 1936 BAYLIS define-a em chave, pelo hospedador, e apresenta uma descrição com caracteres misturados da descrição de GEDOELST para *O. naiiae* e de BAYLIS & DAUBNEY (1923), acrescentando que no material de *N. tripudians* o lábio dorsal tem duas papilas duplas.

Mozgovoi, em 1953, reproduz as figuras de BAYLIS & DAUBNEY, dizendo serem elas de BAYLIS em 1921.

Comentários — Essa espécie precisa ser reestudada. Consideramo-la diferente de *O. naiiae* (Gedoelst, 1916) e não vemos razões para

a identificação feita por BAYLIS & DAUBNEY, salvo o critério de hospedador do mesmo gênero, *Naja*.

O. daubaylisi distingue-se da espécie de GEDOELST não só pela posição da vulva, situada na metade posterior do corpo, como pelos espículos, que são menores.

Ophidascaris wui Freitas, 1967

(Est. 21, figs. 130-132)

Ophidascaris filaria Wu & Hu, 1938: 275, 284, 285, fig. 5 A-C, nec Dujardin, 1845

Ophidascaris filaria Wu & Hu, 1940: 253

Ophidascaris filaria Mozgovoi, 1953: 136-139 p. p., fig. 79 (1-3)

Ophidascaris wui Freitas, 1967: 28

Comprimento — Machos 56 a 68 mm; fêmeas 65 a 100 mm.

Largura — Machos 0,708 a 0,876 mm; fêmeas 0,814 a 1,102 mm.

Bôca trilabiada. Lábio dorsal com duas papilas submedianas, com terminações duplas. Lábios ventro-laterais com uma papila submediana, com terminação dupla, e outra lateral, simples. Esôfago com 3,381 a 4,759 mm de comprimento por 0,264 a 0,345 mm de largura máxima nos machos e 3,5 a 4,38 mm por 0,204 a 0,276 mm nas fêmeas. Anel nervoso situado a 0,506 a 0,66 mm da extremidade anterior nos machos e a 0,529 a 0,75 mm nas fêmeas.

Fêmeas com vulva distando 26,68 a 46,437 mm da extremidade posterior do corpo. Ovos com 0,074 a 0,080 mm de comprimento por 0,050 a 0,062 mm de largura. Cauda com 0,124 a 0,322 mm de comprimento.

Machos com espículos de 4,048 e 5,76 mm de comprimento. Cauda com 0,144 a 0,18 mm de comprimento. Papilas caudais pré-anais em número de 37-52 pares, sendo o último mais ad-anal que pré-anal e com terminação dupla; papilas pós-anais em número de 5 pares, dos quais os três mais externos, em cada lado, não são dispostos linearmente e são alongados.

Habitat — Estômago de *Ophidia* (sp. indet.).

Distribuição geográfica — China (Hainan).

Reproduzimos acima, traduzida e adaptada, a descrição de Wu & Hu, bem como suas figuras.

Histórico — Essa espécie é descrita por Wu & Hu de 26 espécimes coletados, no estômago de dois ofídios indeterminados provenientes de Hainan, a 27 de março de 1934; 7 casais foram medidos.

Mozgovoi, em 1953, reproduz as figuras originais.

Comentários — Esse material merece um reestudo; distingue-se essa espécie de *O. filaria* pela diferença entre os espículos e pelo maior número de papilas caudais.

Ophidascaris caballeroi Freitas, 1967

(Est. 21, figs. 133-135)

Ophidascaris trichuriformis Caballero, 1952: 491-494, lám. 1. figs. 1-3, nec Vaz, 1935

Ophidascaris trichuriformis Ash & Beaver, 1963: 768-769 p. p.

Ophidascaris caballeroi Freitas, 1967: 28

Comprimento — Macho 75 mm; fêmea 77 a 82 mm.

Largura — Machos 0,813 a 1,062 mm; fêmeas 1,428 a 1,444 mm.

Corpo com cutícula fortemente estriada no sentido transversal. Bôca trilabiada. Lábios com 0,149 mm de comprimento por 0,152 mm de largura nos machos e 0,166 mm por 0,166 a 0,239 mm nas fêmeas. Lábio dorsal com duas papilas grandes, submedianas. Lábios ventro-laterais com uma papila submediana e um ânfide. Serrilha de dentes pequenos presente. Interlábios presentes, cônicos. Sulcos labiais basais presentes. Esôfago com 3,701 mm de comprimento por 0,349 mm de largura nos machos e 3,735 a 4,067 mm por 0,398 a 0,415 mm nas fêmeas. Intestino, em sua porção anterior, com 0,216 mm de largura nos machos e 0,382 mm nas fêmeas. Anel nervoso situado a 0,697 mm da extremidade anterior nos machos e a 0,714 a 0,747 mm nas fêmeas. Poro excretor, em forma de funil, distando 0,913 mm da extremidade cefálica nos machos e 1,112 mm nas fêmeas. Papilas cervicais não observadas nos machos; nas fêmeas distam 1,212 mm da extremidade anterior do corpo.

Fêmeas, com a metade anterior do corpo mais delgada, didelfas, ovíparas, com vulva pós-equatorial, pouco aparente, distando 28,984 a 30,544 mm da cauda. Ovejeter dirigido para diante, oblíquo, com paredes grossas e medindo 0,133 a 0,149 mm de largura. Ovos com 0,065 a 0,068 mm de comprimento por 0,042 mm de largura. Ovário anterior situado atrás da vulva e do ovejeter; ovário posterior situado no extremo posterior do corpo. Ânus distando 0,249 a 0,332 mm da cauda.

Machos com espículos providos de uma asa lateral delicada; medem 3,701 a 4,498 mm de comprimento por 0,046 a 0,065 mm de largura, possuindo a extremidade proximal alargada e a distal arredondada e envolta pela bainha. Ânus situado a 0,166 a 0,183 mm da extremidade posterior do corpo. Cauda um pouco alargada, sem expansões cuticulares fortes e terminada em ponta. Papilas caudais presentes: 40 pares pré-anais (em um espécime somente 32 pares), constituídos por papilas sésseis, ventrais; 2 pares ad-anais, laterais, um pequeno e outro grande, constituídos por papilas sésseis; 11 pares pós-anais, assim distribuídos: 2 pares pequenos, sésseis, laterais, atrás do ânus, 1 par grande, lateral e sésil, 4 pares pequenos, sésseis, laterais, próximos à linha mediana, 2 pares pequenos, ventrais e medianos, e 2 pares muito grandes, laterais e pedunculados.

Habitat — Estômago de *Erythrolampus bizonus* Jan. (sin.: *Erythrolampus aesculapii* (L.)).

Distribuição geográfica — Panamá.

Reproduzimos acima, traduzida e adaptada, a descrição de CABALLERO, bem como suas figuras.

Histórico — Essa espécie é descrita por CABALLERO em 1952 sob o nome de *Ophidascaris trichuriformis* Vaz, 1935. O material estudado, que está depositado na Coleção Helmintológica do Instituto de Biologia do México, sob o número 140-2, era constituído por 6 machos (um fragmentado, sem a extremidade cefálica), 4 fêmeas (uma imatura) e um fragmento anterior do corpo.

Comentários — Julgamo-la diferente da espécie de VAZ; possui ela maior número de papilas pós-anais e apresenta papilas ad-anais, não existentes em *O. trichuriformis*.

Seria útil um reestudo detalhado dos 6 machos existentes no material tipo, que nos esclarecesse sobre as variações individuais observadas e nos desse a certeza de uma infestação pura.

***Ophidascaris hsuei* Freitas, 1967**

(Est. 21, fig. 136)

Ophidascaris filaria Hsü & Hoeppli, 1931: 586-587, 588, pl. 4, fig. 19, nec Dujardin, 1845

Ophidascaris filaria Hsü & Hoeppli, 1938: 457

Ophidascaris hsuei Freitas, 1967: 29

Comprimento — Macho 88,5 mm; fêmeas 106,8 a 149 mm.

Largura — Macho 1,1 mm; fêmeas 0,98 a 1,36 mm.

Esôfago com 4,15 mm de comprimento no macho e 4,65 a 5,50 mm nas fêmeas. Anel nervoso situado a 0,62 mm da extremidade anterior no macho e a 0,76 a 1,05 mm nas fêmeas. Poro excretor distando 0,92 mm da extremidade cefálica no macho e 1,06 a 1,70 mm nas fêmeas.

Fêmeas com vulva situada a 41,3 a 57,6 mm da extremidade posterior do corpo. Ovos com 0,075 mm de comprimento por 0,065 mm de largura. Cauda com 0,38 a 0,48 mm de comprimento.

Macho com espículos levemente desiguais, com 3,6 mm e 3,83 mm de comprimento. Cauda com 0,15 mm de comprimento. Papilas caudais presentes: 38 a 40 pares pré-anais e 6 pares pós-anais.

Habitat — Estômago e intestino de *Python molurus* (L.).

Distribuição geográfica — China (Kwangsi).

Histórico — HSÜ & HOEPLI obtiveram numerosos machos e fêmeas e mediram um macho e duas fêmeas. O material por eles estudado está depositado na Helminthological Collection, Biological Laboratory, The

Science Society of China, Nanking, e na Division of Parasitology, P. U. M. C., Peiping.

Em 1938 HSÜ & HOEPLI relatam que um reestudo evidenciou a existência de uma papila simples na vizinhança de cada ânfide e que existem também duas pequenas papilas internas, em cada lábio.

Comentários — Essa espécie distingue-se, logo, de *O. filaria* (Dujardin, 1845) pelos espículos, que são levemente desiguais e menores. É mais próxima, pela posição da vulva e pelo número de papilas pré-anais, de *O. trichuriformis* Vaz, 1935 e de *O. caballeroi* Freitas, 1967; daquela se distingue pela cauda da fêmea mais longa e pelos espículos levemente desiguais e desta se afasta pela cauda da fêmea mais longa, pela ausência de papilas ad-anais e pelo menor número de papilas pós-anais.

***Ophidascaris cretinorum* sp. n.**

(Est. 22, figs. 137-142)

Comprimento — Machos 17,92 a 23,28 mm.

Largura — Machos 0,37 a 0,50 mm.

Corpo com cutícula estriada transversalmente e com extremidades atenuadas. Bôca trilabiada. Lábios com 0,088 a 0,109 mm de comprimento. Lábio dorsal com duas papilas grandes; lábios ventro-laterais com duas papilas, uma grande e outra menor. Serrilha de dentes não evidenciada. Sulcos transversos pós-labiais presentes. Interlábios presentes, com 0,029 a 0,034 mm de comprimento. Esôfago claviforme, com 1,37 a 2,51 mm de comprimento por 0,12 a 0,15 mm de largura. Intestino largo, mais ou menos retilíneo. Anel nervoso situado a 0,40 a 0,51 mm da extremidade anterior do corpo. Póro excretor distando 0,51 a 0,63 mm da extremidade cefálica. Papilas cervicais não evidenciadas.

Fêmeas desconhecidas.

Machos com espículos iguais, alados, com base alargada e ponta arredondada; medem 0,96 a 1,28 mm de comprimento. Gubernáculo ausente. Cauda com leve curvatura ventral, terminada por pequena ponta cônica, de 0,050 a 0,066 mm de comprimento. Ânus situado a 0,15 a 0,18 mm da ponta da cauda. Tubo genital dirigido para diante; testículo dobrando-se para trás a uma distância variável, de 9,88 a 13,73 mm da extremidade anterior do corpo. Papilas caudais presentes: 24 a 31 pares pré-anais e 6 pares pós-anais. As duas primeiras papilas pré-anais (em um espécime as três primeiras) ficam alojadas em pequena asa cuticular espessada; acima delas pode existir uma papila ímpar, com base quitinizada e, logo acima, um par extra de papilas submedianas. Há uma papila ímpar, mediana, no bordo anterior do ânus.

Hospedador — *Ophidia* (sp. indet.: cobra coral).

Proveniência — Estado do Maranhão, Brasil.

Holótipo e parátipos depositados na Coleção Helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz sob os números 30.268 e 30.269 a-e.

No Quadro III damos as principais medidas de alguns espécimes.

Discussão — Essa espécie é facilmente reconhecível pela asa cuticular espessada onde se alojam as primeiras papilas pré-anais; é próxima de *O. sicki* Freitas, 1951, dela se distinguindo pelo aspecto da cauda.

QUADRO III

Ophidascaris cretinorum sp n.

(Medidas em milímetros)

Col. Helm. I. O. C. n.º	30 269 b	30 269 c	30 269 d	30 268	30 269 e	30 269 a
Espécime.....	Parátipo	Parátipo	Parátipo	Holótipo	Parátipo	Parátipo
Comprimento.....	17,92	18,76	19,60	21,10	21,77	23,28
Largura.....	0,37	0,40	0,38	0,38	0,43	0,50
Lábios.....	0,105	0,088	0,092	0,105	0,109	0,101
Interlábios.....	0,034	0,034	0,029	0,034	0,034	0,034
Esófago.....	1,37	1,91	2,01	1,98	1,91	2,51
Anel nervoso.....	0,40	0,51	0,51	0,45	0,46	0,46
Poros excretor.....	0,51	0,61	0,63	0,53	0,53	0,53
Ânus.....	0,17	0,15	0,17	0,17	0,17	0,18
Ponta cauda.....	0,050	0,050	0,050	0,066	0,050	0,066
Espículos.....	?	1,13	0,96	1,04	1,17	1,28

Ophidascaris sp. Baylis & Daubney, 1923

Ophidascaris sp. Baylis & Daubney, 1923: 554

Ophidascaris sp. Baylis, 1936: 46 p. p.

Habitat — Estômago de *Natrix piscator* (Schlegel) (sin.: *Tropidonotus piscator* Schlegel).

Distribuição geográfica — Índia.

Espécimes em más condições de estudo, colhidos no estômago de *N. piscator* em duas ocasiões: uma no Jardim Botânico de Calcutá e outra, por F. WALL, em Dibrugarh, Assam. BAYLIS & DAUBNEY sugerem que possam essas amostras pertencer à espécie *O. gestri* (Parona, 1897); essa sugestão, certamente decorrente do hospedador, só poderá ser avaliada por novo exame do material.

Ophidascaris sp. Harwood, 1932

Ophidascaris sp. Harwod, 1932: 43, 66

Ophidascaris sp. Kreis, 1938: 338

Ophidascaris sp. Ash & Beaver, 1963: 769

Comprimento — Fêmea 90 mm.

Cutícula com estrias transversais não muito conspícuas. Bôca trilabiada; cada lábio com duas papilas. Interlábios presentes. Esôfago com 4,9 mm de comprimento. Anel nervoso situado a 0,75 mm da extremidade anterior do corpo. Poro excretor distando 0,85 mm da extremidade cefálica.

Vulva situada na parte posterior do corpo, a 60 mm dos lábios. Ovos com 0,085 mm de comprimento. Cauda muito curta e obtusa, com 0,3 mm de comprimento.

Habitat — Estômago de *Coluber constrictor flaviventris* Say.

Distribuição geográfica — América do Norte.

Reproduzimos acima, traduzida e adaptada, a descrição original

Descrita de um só exemplar fêmea, colhido em ofício proveniente de Houston, Texas, tem essa espécie ovos maiores que *O. labiatopapillosa* Walton, 1927.

Ophidascaris sp. Hsü, 1933

Ophidascaris sp. Hsü, 1933: 1247, 1259-1261, 1285, 1288, pl. 2, figs. 9-11, pl. 8, fig. 43

Hospedador — *Bothrops cotiara* (Gomes) (sin.: *Lachesis cotiara* Gomes).

Distribuição geográfica — ? (provavelmente Brasil).

Cortes corados pela hematoxilina-eosina no Tropeninstitut, em Hamburgo, que permitiram a Hsü estudar a histologia do esôfago.

Ophidascaris sp. Loveridge, 1936

Ophidascaris sp. Loveridge, 1936: 242

Habitat — Estômago de *Lycophidion capense acutirostre* Guenther.

Distribuição geográfica — Quênia.

Simple referênciã a um espécime, não descrito, colhido em ofídio proveniente de Malindi.

Ophidascaris sp. Víquez, 1940

Ophidascaris sp. Víquez, 1940 (*apud* Brenes, 1961)

Ophidascaris sp. Brenes, 1961: 83

Hospedador — *Constrictor constrictor imperator* (Daud.).

Distribuição geográfica — Costa Rica.

Espécie não descrita, referida em "culebra beker" por Víquez, em 1940.

Ophidascaris sp. Thomas, 1959

(Est. 23, figs. 143-145)

Ophidascaris sp. Thomas, 1959: 151, 158, 159-160, figs. 35-37

Comprimento — Macho 56 mm.

Largura — Macho 0,78 mm.

Corpo atenuado na metade anterior. Interlábios muito curtos. Serilhas de dentes labiais presentes. Esôfago com 3,1 mm de comprimento. Anel nervoso situado a 0,52 mm da extremidade anterior do corpo. Ceco intestinal ausente.

Espículos com 4,38 mm de comprimento. Gubernáculo ausente. Cauda curta, com 0,15 mm de comprimento, apresentando, ao nível do ânus, uma largura de 0,21 mm. Papilas caudais presentes: 43 pares pré-anais, 1 par ad-anal, constituído por papilas duplas, e 5 pares pós-anais, situados na metade posterior da cauda.

Habitat — Tecido retroperitoneal de *Amphibolurus barbatus* (Cuv.).

Distribuição geográfica — Austrália.

Descrita de um só macho, posteriormente dissecado, colhido em *A. barbatus* proveniente de West Burleigh, Queensland. O comprimento de seus espículos é igual ao de *O. pyrrhus* Johnston & Mawson, 1942, porém o número e disposição das papilas caudais não concordam com o que é descrito nessa espécie.

Ophidascaris sp. Timourian, Dobson & Sprent, 1961*Ophidascaris* sp. Timourian, Dobson & Sprent, 1961: 996, 997

Hospedador — *Morelia spilotes variegatus* Gray.

Distribuição geográfica — Austrália.

Estudos sobre a presença de anticorpos em *M. spilotes variegatus* infestados ou não. Em 12 casos esses pesquisadores obtiveram os seguintes resultados: 6 positivos e 3 negativos em animais infestados e 3 positivos em animais não infestados.

Ophidascaris sp. Myers, Kuntz & Wells, 1962*Ophidascaris* sp. Myers, Kuntz & Wells, 1962: 533

Hospedador — *Agama stellio* (L.).

Distribuição geográfica — Egito.

Simples referência ao encontro de larvas, que não são descritas.

Ophidascaris sp.

(Est. 23, figs. 146-153)

Ophidascaris labiatopapillosa Ash & Beaver, 1962: 41, *nec*
Walton, 1927

Ophidascaris labiatopapillosa Ash & Beaver, 1963: 765-769,
figs. 1-9, 10 a-c

Ophidascaris labiatopapillosa Kutzer & Lamina, 1965: 218, 224

Comprimento — Machos 50 a 100 mm; fêmeas 60 a 140 mm.

Largura — Machos 0,9 a 1,7 mm; fêmeas com mais de 2 mm.

Polpa labial com prolongamentos digitados nos ângulos anteriores de cada lábio. Esôfago com 3 a 5 mm de comprimento por 0,3 a 0,5 mm de largura. Poro excretor situado ao nível do anel nervoso, distando 0,5 a 1,2 mm da extremidade anterior do corpo. Papilas cervicais levemente posteriores ao nível do anel nervoso.

Fêmeas didelfas, opistodelfas, ovíparas, com vulva situada a 40 a 90 mm da extremidade anterior do corpo. Ovos amarelo-pardacentos, esféricos a sub-esféricos, com 0,088 a 0,102 mm de comprimento por 0,075 a 0,095 mm de largura, possuindo casca espessa e rugosa.

Em fêmeas maduras, com cerca de 120 mm de comprimento, os órgãos genitais se dispõem da seguinte maneira: vulva situada a 80 mm da extremidade anterior do corpo; vagina (vera) com 4 a 5 mm de comprimento, dirigida para diante; vagina (uterina: vestibulo) com 4 a 5 mm de comprimento, ligando-se à bifurcação uterina ao nível ou levemente atrás da abertura vulvar; cada ramo uterino se dirige para trás num percurso de 9 mm, ligando-se a um tubo de fertilização que mede mais ou menos 2 mm de comprimento; espermateca (seminal receptacle) estendendo-se para trás, numa extensão de 3 mm e, então, dobrando-se para diante, ligando-se ao oviduto após um percurso de 7 a 8 mm; ovidutos entortilhados, estendendo-se até o nível da abertura vulvar e, depois, dobrando-se para trás, formando uma alça anterior ao nível da espermateca e duas ou mais alças junto ao reto.

Machos com espículos sub-iguais, alados, com 2,5 a 5,2 mm de comprimento; as asas são curvadas ventralmente, formando um canal tubular essencialmente arredondado em secção transversal. Extremidade posterior curvada ventralmente. Papilas caudais presentes: mais de 40 pares pré-anais, dispostos em fileiras laterais que se estendem, anteriormente, até 6 mm da abertura cloacal; papilas ad-anais (pós-anais de alguns autores) duplas, levemente posteriores ao nível da abertura anal; papilas pós-anais, às vezes dispostas assimetricamente, levemente pedunculadas e em número de 5 pares, situados próximo do ápice caudal, dos quais 2 ou 3 são dorso-laterais ou laterais. Região papilada levemente áspera presente, logo atrás do orifício anal.

Em um macho com cerca de 100 mm de comprimento as medidas são as seguintes: largura máxima 1,5 mm; esôfago com 4 mm de comprimento por 0,45 mm de maior largura; espículos com 3,6 mm e 4,2 mm de comprimento; testículo sinuoso, recurvado, ocupando 22 mm do comprimento do corpo; vesícula seminal com 13 mm de comprimento; canal ejaculador com 2,5 mm de comprimento.

Habitat — Estômago de *Natrix sipedon sipedon* (L.), *Heterodon platyrhinus platyrhinus* Latr., *Natrix cyclopion cyclopion* (Dum. & Bibr.) e *Lampropeltis getulus* (L.).

Hospedadores intermediários — *Rana pipiens* Schreber e *Rana clamitans* Latr.

Distribuição geográfica — América do Norte.

Reproduzimos acima, traduzida e adaptada, a descrição de ASH & BEAVER (1963), bem como algumas de suas figuras.

Histórico — ASH & BEAVER, em 1962, dizem que presumivelmente encontraram *O. labiatopapillosa* Walton, 1927 em *N. sipedon sipedon* em Michigan, em *H. platyrhinus platyrhinus* (sic) e *N. cyclopion cyclopion* na Louisiana e em *L. getulus* na Flórida e suas larvas no fígado e mesentério de *R. pipiens* em Michigan e em *R. clamitans* na Louisiana. Os adultos, nos ofídios, penetram a parede do estômago, ficando suas extremidades livres na luz do órgão e a porção média do corpo mergulhada nos tecidos ou formando uma alça entre o estômago e a serosa; às vezes, quando são numerosos e grandes, a alça pode se estender 10 mm ou mais pelo mesentério. As larvas, nas rãs, podem medir mais de 50 mm de comprimento, sendo encontradas encapsuladas ou livres. Informam que cobras foram infestadas e dão, para os adultos, os caracteres: machos menores que as fêmeas, que podem ter 140 mm de comprimento; ovos esféricos ou sub-esféricos, com 0,090 a 0,100 mm de diâmetro, com casca espessa e rugosa.

Em 1963 ASH & BEAVER descrevem o material que tiveram em mãos (informando que na Louisiana os ofídios provinham de Avery Island) com os caracteres traduzidos acima. Sobre as relações do parasito com os tecidos do hospedador acrescentam:

A mucosa estomacal é geralmente perfurada pelos vermes, individualmente; ocasionalmente as perfurações podem se tornar coalescentes, formando uma cavidade grande.

Microscòpicamente a parede do túnel formado pelo verme é constituída de três camadas: a primeira, mais próxima do parasito, é constituída por material amorfo, intensamente eosinófilo; a segunda, camada média, é composta por densas fibras de tecido conectivo; a terceira é constituída por tecido conectivo menos denso, que gradualmente passa ao tecido normal circundante. Em túneis recentes a camada amorfa é circundada por tecido granulomatoso. Em alguns casos há lesões antigas, correspondentes a túneis abandonados, indicando ou a perda de parasitos ou seu deslocamento para outros pontos do órgão.

Comentários — Não podemos aceitar como certa a identificação de ASH & BEAVER. Além da extremidade cefálica muito diferente, os ovos dos espécimes observados são muito maiores que os de *O. labiatopapillosa*. Espécies com ovos grandes, de 0,090 a 0,100 de diâmetro, são poucas: *O. obconica* (Baird, 1860), *O. mombasica* Baylis, 1921, *O. baylisi* Robinson, 1934, *O. natricis* Yamaguti, 1935 e *O. robinsoni* Freitas, 1967.

O material colhido por ASH & BEAVER, provàvelmente constituído por espécies diferentes, requer um nôvo e detalhado estudo.

Ophidascaris sp. Kutzer & Lamina, 1965

Ophidascaris sp. Kutzer & Lamina, 1965: 212, 218, 222, 224-225, 229

Ophidascaris sp. Kutzer & Grünberg, 1965: 172

Tentativa de ciclo evolutivo de espécie não determinada. Informam KUTZER & LAMINA:

Ovos redondos a sub-esféricos, às vezes um pouco assimétricos, com 0,067 a 0,081 mm de comprimento por 0,059 a 0,078 mm de largura, possuindo casca espessa e rugosa.

Larvas infestantes (2.º estágio) desenvolvem-se no ovo em 10 a 12 dias, em estufa a 25 graus centígrados; suas dimensões são: 0,43 a 0,52 mm de comprimento por 0,016 a 0,019 mm de largura.

Em camundongos brancos as larvas abandonam o ovo, no estômago e intestino delgado, em cerca de 2 horas e 45 minutos; após 6 horas podem ser encontradas na sub-serosa do intestino e no mesentério. Pela circulação, através o fígado e os pulmões, alcançam a musculatura (o fígado, bem como o baço, apresentam-se consideravelmente aumentados nos 5 primeiros dias; nos pulmões podem aparecer hemorragias). Larvas que não alcançam a musculatura permanecem desencapsuladas e são absorvidas em 2 a 3 meses; larvas localizadas no tecido muscular páram o desenvolvimento e encapsulam.

Três camundongos brancos, há 50 dias infestados, foram dados a um ofídio (*Boidae*), que necropsiado 7 meses depois revelou-se negativo à infestação por *Ophidascaris*.

Ophidascaris sp. Kutzer & Grünberg, 1965

Ophidascaris sp. Kutzer & Grünberg, 1965: 156

Hospedador — *Boa constrictor constrictor*.

Espécie não determinada, cujos exemplares provocavam enterite em uma fêmea do ofídio referido.

Ophidascaris sp. Kutzer & Grünberg, 1965

Ophidascaris sp. Kutzer & Grünberg, 1965: 156, 171

Hospedador — *Python molurus bivittatus*.

Espécie não determinada, encontrada em dois machos de *P. molurus bivittatus*, produzindo enterite necrosante, abscessos, perfuração da parede intestinal e granuloma no tecido peri-intestinal.

Ophidascaris sp. Kutzer & Grünberg, 1965

Ophidascaris sp. Kutzer & Grünberg, 1965: 156

Hospedador — *Elaphe obsoleta*.

Espécie indeterminada, encontrada em um casal de *E. obsoleta*, provocando gastro-enterite, perfuração e granuloma na serosa; os helmintos formavam nós no intestino delgado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para facilidade de estudo podemos agrupar as espécies do gênero *Ophidascaris* Baylis, 1921 do seguinte modo:

A) Espécies com espículos desiguais (a diferença entre seus comprimentos é igual ou maior que 0,4 milímetros), B) Espécies com espículos iguais ou sub-iguais (quando sub-iguais a diferença entre seus comprimentos é, no máximo, pouco maior que 0,2 milímetros), C) Espécies cujos espículos são desconhecidos, porque não referidos ou porque são descritas somente de espécimes femininos.

No grupo A se enquadram as espécies: *O. filaria* (Dujardin, 1845), *O. naiae* (Gedoelst, 1916), *O. intorta* (Gedoelst, 1916), *O. robinsoni* Freitas, 1967 e *O. wui* Freitas, 1967.

No Quadro IV damos alguns de seus caracteres, incluindo nele a posição da vulva relacionada ao comprimento do corpo, a diferença entre os comprimentos dos espículos, a relação entre o espículo mais curto e o mais longo e a diferença dos comprimentos escipulares relacionada ao espículo menor.

No grupo B podemos considerar três subgrupos: a) espículos, no máximo, com 2 mm de comprimento, b) espículos com mais de 2 mm e menos de 5 mm de comprimento, c) espículos com mais de 5 mm de comprimento.

No subgrupo a se enquadram as espécies: *O. arndti* Sprehn, 1929, *O. baylisi* Robinson, 1934, *O. natricis* Yamaguti, 1935, *O. travassosi* Vaz, 1938, *O. microspicula* Kreis, 1938, *O. genoheteromegala* Kreis, 1938, *O. sicki* Freitas, 1951 e *O. cretinorum* sp. n.

No Quadro V damos alguns de seus caracteres. *O. arndti*, *O. baylisi* e *O. travassosi* são espécies bastante próximas.

No subgrupo b se enquadram as espécies: *O. obconica* (Baird, 1860), *O. papillifera* (Linstow, 1897), *O. infundibulicola* (Linstow, 1903), *O. mombasica* Baylis, 1921, *O. trichuriformis* Vaz, 1935, *O. ochoterenai* Caballero, 1939, *O. pyrrhus* Johnston & Mawson, 1942, *O. solenopoion* Chabaud, 1960, *O. hsuei* Freitas, 1967 e *O. caballeroi* Freitas, 1967.

No Quadro VI damos alguns de seus caracteres. *O. obconica* e *O. ochoterenai* são espécies muito parecidas; *O. infundibulicola*, *O. mombasica*, *O. trichuriformis*, *O. solenopoion*, *O. caballeroi* e *O. hsuei* parecem constituir um grupo de espécies estreitamente relacionadas; *O. papillifera* e *O. pyrrhus* são próximas entre si.

No subgrupo c incluímos duas espécies: *O. ajgaris* Khera, 1954 e *O. macrospicula* Mozgovi & Romanova, 1956.

No grupo C ficam reunidas as espécies: *O. radiosa* (Schneider, 1866), *O. gestri* (Parona, 1889), *O. solitaria* (Linstow, 1903), *O. labiatopapillosa* Walton, 1927, *O. amucronata* Schuurmans-Stekhoven, 1937 e *O. crassilabiata* Schuurmans-Stekhoven, 1950, todas insuficientemente conhecidas.

QUADRO IV

Espécies de gênero *Ophidascaris* Baylis, 1921 com espículos desiguais

ESPÉCIE	Comprimento macho (mm)	Comprimento fêmea (mm)	Vulva	Ovos (mm)	Papilas pré-anais (pares)	Papilas ad-anais (pares)	Papilas pós-anais (pares)	Espículo menor (mm)	Espículo maior (mm)	Relação espicular	Diferença espicular (mm)	Diferença espicular relacionada ao espículo menor
<i>O. intorta</i> (Gedoelst, 1916)*	200	250 (100—110)	1/3 médio (1/3 anterior)	?	41—45	—	5	0,8	2	1:2,5	1,2	= 1 1/2
<i>O. robinsoni</i> Freitas, 1967	120	145	?	0,100	40	—	6	1,75	2,2	1:1,25	0,45	> 1/4 < 1/3
<i>O. daubaylisi</i> Freitas, 1967	?	51	1/3 médio	?	?	?	6	3,25	4,3	1:1,32	1,05	> 1/4 < 1/3
<i>O. filaria</i> (Dujardin, 1845)	96—110	150—170	1/3 médio	0,065—0,073	25—30	—	6	4	4,8	1:1,2	0,8	= 1/5
<i>O. wui</i> Freitas, 1967.....	56—68	65—100	1/3 médio	0,074—0,080 x 0,050—0,062	37—52	1	5	4,05	5,76	1:1,32	1,71	> 1/3 < 1/2
<i>O. naiae</i> (Gedoelst, 1916).	62	56,7	1/3 médio	0,080 x 0,072	35	—	6	4,64	5,04	1:1,08	0,4	> 1/12 < 1/11

* Os dados entre parênteses são de GEDOELST (1916); os demais são de SCHUURMANS — STEKHOVEN (1937).

QUADRO V

Espécies do gênero *Ophidascaris* Baylis, 1921 com espículos iguais ou sub-iguais, no máximo com 2 mm de comprimento

ESPÉCIE	Comprimento macho (mm)	Comprimento fêmea (mm)	Cauda macho (mm)	Cauda fêmea (mm)	Vulva	Ovos (mm)	Papilas pré-anais (pares)	Papilas pós-anais (pares)	Papilas no bordo anal	Espículos (mm)
<i>O. genoheteromegala</i> Kreis, 1938....	28,85	98,66	?	?	1/3 médio	0,035—0,045	23	2	—	0,471
<i>O. microspicula</i> Kreis, 1938.....	33,61	48,93—57,89	?	?	1/3 médio	?	42—44	--	—	0,694
<i>O. sicki</i> Freitas, 1951.....	26,70—39,53	36,68—42,95	0,15—0,21	0,21—0,23	1/3 médio	0,070—0,078 x 0,061—0,065	35—40	7	2	0,87—0,96 1,04—1,25
<i>O. cretinorum</i> sp. n.....	17,92—23,28	---	0,15—0,18	---	—	—	24—31	6	1	0,96—1,28
<i>O. natricis</i> Yamaguti, 1935*.....	>100	170	0,23—0,27	>0,45	1/3 médio	0,090—0,102 x 0,072—0,090	60	5	—	1,3
<i>O. baylisi</i> Robinson, 1934.....	80	>115	?	?	1/3 posterior	0,090 x 0,080	30	3	---	1,6
<i>O. arndti</i> Sprehn, 1929**.....	46,03—51,82 (24,2—37,2)	56,04—69,95 (27—48,2)	0,14—0,18 (0,8—1)	0,38—0,46 (0,3—0,5)	1/3 médio (1/3 médio)	0,070—0,087 x 0,061—0,070	25—29 (20)	5 (5)	1 (1)	1,63—1,68 1,81—1,91 (1,6—1,7)
<i>O. travassosi</i> Vaz, 1938.....	50—60	70—80	0,24	0,22—0,24	1/3 médio	0,064—0,068 x 0,058—0,062	±30	7	—	2

* Ver comentários no texto.

** Os dados entre parênteses são de SPREHN (1929); os demais são de FREITAS (1955).

QUADRO VI

Espécies do gênero *Ophidascaris* Baylis, 1921 com espículos iguais ou sub-iguais, com comprimento maior de 2 mm e menor de 5 mm

ESPÉCIE	Comprimento macho (mm)	Comprimento fêmea (mm)	Cauda macho (mm)	Cauda fêmea (mm)	Vulva	Ovos (mm)	Papilas pré-anais (pares)	Papilas ad-anais (pares)	Papilas pós-anais (pares)	Papila no bordo anal	Espículos (mm)
<i>O. obconica</i> (Baird, 1860).....	?	> 52	0,2	?	1/3 posterior	0,100	40	—	4	—	2,48
<i>O. ochoterenai</i> Caballero, 1939.....	58	60	0,195	0,253	1/3 médio	?	39	—	5	—	2,769 2,983
<i>O. solenopoion</i> Chabaud, 1960.....	75	125	?	0,23	1/3 médio	0,090 x 0,050	38- 49	—	5 ou 6	—	3,2 3,4
<i>O. mombasica</i> Baylis, 1921.....	?	> 100	0,25	0,2	1/4 posterior	0,087- 0,100 x 0,070- 0,082	35	—	5	—	3,7
<i>O. trichuriformis</i> Vaz, 1935*.....	55- 120 (76,55- 82,41)	70 (79,39- 86,09)	?	0,24 (0,35- 0,36)	1/3 médio (1/3 médio)	0,066 x 0,060 (0,061- 0,070) x (0,052- 0,056)	30- 40 (32- 43)	—	6 (6)	—	3,7 (3,65 - 3,87)
<i>O. infundibulicola</i> (Linstow, 1903).....	55	160	?	?	1/3 médio	0,078 x 0,068	15+1	—	2+1	—	3,75
<i>O. hsuei</i> Freitas, 1967	88,5	106,8- 149	0,15	0,38- 0,48	1/3 médio	0,075 x 0,065	38- 40	—	6	—	3,6 3,83
<i>O. caballeroi</i> Freitas, 1967).....	75	77- 82	0,166- 0,183	0,249- 0,332	1/3 médio	0,065- 0,068 x 0,042	40	2	11	—	3,701- 4,498
<i>O. pyrrius</i> Johnston & Mawson, 1942.....	70- 80	130	0,15	?	1/3 posterior	0,075- 0,081 x 0,058- 0,062	20	—	6	1	4,1- 4,8
<i>O. papillifera</i> (Linstow, 1897).....	38,2	55	?	?	?	0,073 x 0,065	32- 34	—	6	—	4,74

* Os dados entre parênteses são do presente trabalho; os demais são de VAZ (1935).

BIBLIOGRAFIA

- ASH, L. R. & BEAVER, P. C., 1962, A restudy of *Ophidascaris labiatopapillosa* occurring in the stomach of North American snakes. *J. Parasit.*, 48 (2, Sect. 2) : 41.
- ASH, L. R. & BEAVER, P. C., 1963, Redescription of *Ophidascaris labiatopapillosa* Walton, 1927, an ascarid parasite of North American snakes. *J. Parasit.*, 49 (5) : 765-770, figs. 1-10.
- BAIRD, W., 1860, Description of some new species of intestinal worms (Entozoa) in the Collection of the British Museum. *Proc. Zool. Soc. London*, (28) : 446-448.
- BAIRD, W., 1861, Description of some new species of intestinal worms (Entozoa) in the Collection of the British Museum. *Ann. Mag. Nat. Hist.*, (3), 7 (39) : 228-230.
- BAYLIS, H. A., 1916, The types of the species of *Ascaris* described by Baird. *Parasitology*, 8 (4) : 411-419, figs. 1-3.
- BAYLIS, H. A., 1921, On the classification of the *Ascaridae*. II. The *Polydelphis* group; with some account of other ascarids parasitic in snakes. *Parasitology*, (1920), 12 (4) : 411-426, figs. 1-7.
- BAYLIS, H. A., 1923, Report on a collection of parasitic nematodes, mainly from Egypt. Part I. *Ascaridae* and *Heterakidae*. *Parasitology*, 15 (1) : 1-13, 4 figs.
- BAYLIS, H. A., 1936, *The fauna of British India, including Ceylon and Burma. Nematoda. 1. (Ascaroidea and Strongyloidea)*, XXXVI + 408 pp., 182 figs., London.
- BAYLIS, H. A., 1940, On a further collection of parasitic worms from the Belgian Congo. *Ann. Mag. Nat. Hist.*, (11), 5 (29) : 401-417, 6 figs.
- BAYLIS, H. A. & DAUBNEY, R., 1922, Report on the parasitic nematodes in the collection of the Zoological Survey of India. *Mem. Ind. Mus.*, 7 (4) : 263-347, figs. 1-75.
- BAYLIS, H. A. & DAUBNEY, R., 1923, A further report on parasitic nematodes in the collection of the Zoological Survey of India. *Rec. Ind. Mus.*, 25 (6) : 551-578, figs. 1-20.
- BAYLIS, H. A. & DAUBNEY, R., 1926, *A synopsis of the families of Nematoda*, XXXVI + 277 pp., London.
- BOGDANOV, O. P., 1954, On the infestation of the aquatic snake by *Ophidascaris natricis* Yamaguti, 1935. *Trudi Inst. Zool. Parasit., Akad. Nauk Uzbekskoi SSR*, 3 : 81-83 (em russo).
- BRENES, R. R., 1961, Catálogo de los helmintos parásitos de Costa Rica. *Rev. Biol. Trop.*, 9 (1) : 67-95.
- CABALLERO y C., E., 1939, Nemátodos de los reptiles de México. III. *An. Inst. Biol., México*, 10 (1-2) : 73-82, lams. 1-2, figs.
- CABALLERO y C., E., 1952, Helmintos de la República de Panamá. I. Algunos aspectos morfológicos de la extremidad caudal de *Ophidascaris trichuriformis* Vaz, 1935 (Nematoda: Ascaroidea). *An. Inst. Biol., México*, (1951), 22 (2) : 491-495, 3 figs.

- CANAVAN, W. P. N., 1929, Nematode parasites of vertebrates in the Philadelphia Zoological Garden and vicinity. *Parasitology*, 21 (1-2) : 63-103, pls. 4-8, 58 figs.
- CANAVAN, W. P. N., 1931, Nematode parasites of vertebrates in the Philadelphia Zoological Garden and vicinity. *Parasitology*, 23 (2) : 196-228, pls. 8-9, 25 figs.
- CHABAUD, A. G., 1955, Essai d'interprétation phylétique des cycles évolutifs chez les nématodes parasites de vertébrés. Conclusions taxonomiques. *Ann. Parasit.*, 30 (1-2) : 83-126.
- CHABAUD, A. G., 1960, Deux nématodes parasites de serpents malgaches. *Mém. Inst. Sci. Madagascar*, (A), 14 : 95-103, figs. 1-2.
- CHABAUD, A. G., BRYGOO, E. R. & PETTER, A. J., 1962, Cycle évolutif de l'ascaride des caméléons malgaches. *Bull. Soc. Zool. France*, 87 (5-6) : 515-532, figs. 1-4.
- CHOW, C. Y., 1939, Notes sur quelques nématodes de l'Indochine française. *Ann. Parasit.*, 17 (1) : 21-31, 12 figs.
- DIESING, K. M., 1851, *Systema Helminthum*, 2, VI + 588 pp., 2 l., Vindobonae.
- DIESING, K. M., 1861, Kleine helmintologische Mittheilungen. *Sitzungsb. Akad. Wissensch., Wien, Math.-naturw. Cl.*, 43, 1 Abt. (4) : 269-282.
- DUJARDIN, F., 1845, *Histoire naturelle des helminthes ou vers intestinaux*, XVI + 654 + 15 pp., 12 pls., Paris.
- FREITAS, J. F. T., 1951, *Ophidascaris sicki* n. sp. (Nematoda, Ascaroidea). *Rev. Brasil. Biol.*, 11 (3) : 255-258, 3 figs.
- FREITAS, J. F. T., 1955, Redescricao de *Ophidascaris arndti* Sprehn, 1929 (Nematoda, Ascaroidea). *Rev. Ibér. Parasit.*, t. extra. : 17-22, 1 fig.
- FREITAS, J. F. T., 1967, Nota sobre o género *Ophidascaris* Baylis, 1921 (Nematoda, Ascaridoidea). *Atas Soc. Biol. Rio de Janeiro*, 11 (1) : 27-30.
- GEDOELST, L., 1916, Notes sur la faune parasitaire du Congo Belge. *Rev. Zool. Afric.*, 5 : 1-90, 20 figs.
- HARTWICH, G., 1954, Die Vorderdarmstrukturen, das Exkretionssystem sowie der Kopfbau der Ascariden und ihre taxonomische Bedeutung. *Wiss Zts. Univ. Halle, Math.-Nat.*, 3 (6) : 1171-1212, 9 pls., 45 figs.
- HARTWICH, G., 1957, Zur Systematic der Nematoden-Superfamilie *Ascaridoidea*. *Zool. Jb.*, 85 (3) : 211-252.
- HARTWICH, G., 1964, Die Typen parasitischer Nematoden in der Helminthensammlung des zoologischen Museums in Berlin. I. *Ascaridoidea*. *Mitt. Zool. Mus. Berlin*, 40 (1) : 55-65.
- HARWOOD, P. D., 1932, The helminths parasitic in the *Amphibia* and *Reptilia* of Houston, Texas and vicinity. *Proc. U. S. Nat. Mus.*, 81 (17) : 1-17, 5 pls., figs.
- HÖRCHNER, F., 1962, Ein Beitrag zur Kenntnis des Entwicklungszyklus von *Hexametra quadricornis* Wedl 1862, Mozgovi 1951 (Nematoda: Ascaridae). *Zts. Parasitenk.*, 21 (3) : 187-194, 8 figs.
- Hsü, H. F., 1933, Study on the oesophageal glands of parasitic Nematoda, superfamily *Ascaroidea*. *Chin. Med. J.*, 47 (11) : 1247-1288, 10 pls., 53 figs.

- Hsü, H. F. & HOEPPLI, R., 1931, Parasitic nematodes mostly from snakes collected in China. *Nat. Med. J. China*, 17 (4-5) : 567-588, pls. 1-5, 25 figs.
- Hsü, H. F. & HOEPPLI, R., 1938, Miscellaneous observations on ten species of parasitic nematodes. *Chin. Med. J.*, Suppl. 2 : 451-460, 10 figs.
- JOHNSTON, T. H. & MAWSON, P. M., 1942, The Gallard collection of parasitic nematodes in the Australian Museum. *Rec. Austr. Mus.*, Sydney, 21 (2) : 110-115, figs. 1-18.
- JOHNSTON, T. H. & MAWSON, P. M., 1947, Some nematodes from Australian lizards. *Trans. R. Soc. S. Australia*, 71 (1) : 22-27.
- JOHNSTON, T. H. & MAWSON, P. M., 1948, Some new records of nematodes from Australian snakes. *Rec. S. Austr. Mus. Adelaide*, 9 (1) : 101-106, figs. 1-8.
- KHERA, S., 1954, Nematode parasites of some Indian vertebrates. *Ind. J. Helm.*, 6 (2) : 27-133, 100 figs.
- KREIS, H. A., 1938, Beiträge zur Kenntnis parasitischer Nematoden. VIII. Neue parasitische Nematoden aus dem Naturhistorischen Museum Basel. *Z. Bakt.*, 142 (5-6) : 329-352, figs. 1-12.
- KRESIS, H. A., 1966, Die Helminthensammlung des Naturhistorischen Museums Bern. *Jb. Natur. Mus.*, (1960-1962) : 144-206, figs. 1-12.
- KUTZER, E. & GRÜNBERG, W., 1965, Parasitologie und Pathologie der Spulwurmkrankheit der Schlangen. *Zentb. Vet. Med.*, B, 12 (12) : 155-175, 20 figs.
- KUTZER, E. & LAMINA, J., 1965, Zur Biologie einiger Schlangen-Ascariden. *Zts. Parasitenk.*, 25 (3) : 211-230, 15 figs.
- LINSTOW, O., 1878, *Compendium der Helminthologie*, XXII + 382 pp., Hannover.
- LINSTOW, O., 1897, Nemathelminthen gesammelt von Herrn Prof. Dr. F. Dahl in Bismarck-Archipel. *Arch. Natur.*, 63 (1) : 231-291, taf. 21-22, figs. 1-21.
- LINSTOW, O., 1903, Parasiten, meistens Helminthen, aus Siam. *Arch. Mikr. Anat.*, 62 : 108-121, taf. 5, figs. 1-23.
- LOVERIDGE, A., 1936, Scientific results of an expedition to rain forest regions in Eastern Africa. V. Reptiles. *Bull. Mus. Comp. Zool.*, 79 (5) : 207-337, 9 pls., figs.
- MAWSON, P. M., 1955, Some parasites of Australian vertebrates. *Trans. R. Soc. S. Australia*, 78 : 1-7, 19 figs.
- MCALFINE, D., 1891, On a nematode found in the stomach of a copper-head snake. *Proc. R. Soc. Victoria*, 3 : 36-39, pl. 8, 10 figs.
- MOZGOVOI, A. A., 1953, *Ascaridata dos animais e do homem e doenças causadas por eles*, Parte 1. In SKRJABIN, K. I., 1953, *Princípios de nematodologia*, 2, 351 pp., 191 figs., Akad. Nauk SSSR ed., Moscou (em russo).
- MOZGOVOI, A. A. & ROMANOVA, N. P., 1956, A study of *Ascaridata* of birds and reptiles from an investigation in the Moscow zoological gardens. *Trudi Gelm. Lab.*, Akad. Nauk SSSR, 8 : 77-84, figs. 1-6 (em russo).
- MYERS, B. J. & KUNTZ, R. E., 1962, Nematode parasites from vertebrates taken on Lan Yü, Formosa. II. Nematodes from fish, amphibians, reptiles, birds. *Canad. J. Zool.*, 40 (2) : 135-136.
- MYERS, B. J., KUNTZ, R. E. & WELLS, W. H., 1962, Helminth parasites of reptiles, birds and mammals in Egypt. VII. Check list of nematodes collected from 1948 to 1955. *Canad. J. Zool.*, 40 : 531-538.

- OERLEY, L., 1882, Report on the nematodes in the possession of the British Museum with a review of the classification of the order. *Ann. Mag. Nat. Hist.*, (5), 9 (52) : 301-318, pl. 10, figs. 1-3.
- ORTLEPP, R. J., 1922, On the hatching and migration in a mammalian host of larvae of ascarids normally parasitic in cold-blooded vertebrates. *J. Trop. Med. Hyg.*, 25 : 97-100.
- OSCHE, G., 1958, Beiträge zur Morphologie, Ökologie und Phylogenie der *Ascaridoidea* (Nematoda). Parallelen in der Evolution von Parasit und Wirt. *Zts. Parasitenk.*, 18 (6) : 479-572, 15 figs.
- PARONA, C., 1889, Sopra alcuni elminti di vertebrati Birmani raccolti da Leonardo Fea. *Ann. Mus. Civ. Stor. Nat. Genova*, 27, (2), 7 (28) : 765-780, tav. 3, figs. 1-18.
- PARONA, C., 1898, Elminti raccolti dal Dott. Elio Modigliani alle isole Mentawai, Engano e Sumatra. *Boll. Mus. Zool.*, Genova, (64) : 23 pp., pl. 1, figs. 1-19.
- RAILLIET, A. & HENRY, A., 1910, Sur quelques helminthes du *Python sebae* (Gmelin). *Bull. Soc. Path. Exot.*, 3 (2) : 94-98.
- ROBINSON, V. C., 1934, On a collection of parasitic worms from Malay I. Nematodes (Superfamilies *Ascaroidea* and *Oxyuroidea*). *Parasitology*, 26 (4) : 481-488, pls. 24-26, figs. 1-26.
- SANDGROUND, J. H., 1929, A new liver fluke from a monkey and new parasitic roundworms from various African animals. *Proc. U. S. Nat. Mus.* 75 (2783) : 1-11, 2 pls., figs.
- SCHNEIDER, A., 1866, *Monographie der Nematoden*, VIII + 357 pp., 122 figs. 28 pls., 343 figs., Berlin.
- SCHUURMANS-STEKHOVEN JR., J. H., 1937, Parasitic Nematoda. *Exploration du Parc National Albert, Mission G. F. de Witte (1933-1935)*, (4) : 40 pp., 116 figs., Bruxelles.
- SCHUURMANS-STEKHOVEN JR., J. H., 1950, Nemátodos parasitarios del Chaco paraguayo y de Argentina del Museo de Estocolmo. *Acta Zool. Lilloana*, 9 : 325-345, figs. 1-7.
- SHIPLEY, A. E., 1903, On the ento-parasites collected by the Skeat Expedition to Lower Siam and the Malay Peninsula in the years 1899-1900. *Proc. Zool. Soc. London*, 2 (10) : 145-156, pl. 16, figs. 1-12.
- SKRJABIN, K. I., 1916, Parasitic trematodes and nematodes collected by the expedition of Prof. V. Dogiel and I. Sokolov in British East Africa. *Nauch. Result Zool. Eksped. (V. A. Dogiel i I. I. Sokolov) Brit. Vost. Afriku i Uganda, 1914*, 1 (4) : 157 pp., figs. A-C, pls. 1-10, figs. 1-82.
- SKRJABIN, K. I., SHIKHOBALOVA, N. P. & MOZGOVoi, A. A., 1951, *Catálogo descritivo dos nemátodeos parasitos*, 2, *Oxyurata e Ascaridata*, 631 pp., 243 figs., Akad. Nauk SSSR ed., Moscou (em russo).
- SKRJABIN, K. I., SHIKHOBALOVA, N. P., SOBOLEV, A. A., PARAMONOV, A. A. & SUDARIKOV, V. E., 1954, *Catálogo descritivo dos nemátodeos parasitos*, 4, *Camallanata, Rhabditata, Tylenchata, Trichocephalata, Dioctophymata e classificação dos nemátodeos parasitos segundo os hospedadores*, 927 pp., 165 figs., Akad. Nauk SSSR ed., Moscou (em russo).
- SPREHN, C., 1929, Eine neue Ascaride, *Ophidascaris arndti* n. sp., aus einer sud-amerikanischen Schlange. *Zool. Anz.*, 83 (11-12) : 280-282, 2 figs.

- SPRENT, J. F. A., 1953, Intermediate hosts in *Ascaris* infections. *J. Parasit* 39 (4, Sect. 2), Suppl. : 38.
- SPRENT, J. F. A., 1954, The life cycles of nematodes in the family *Ascarididae* Blanchard, 1896. *J. Parasit.*, 40 (5, Sect. 1) : 608-617.
- SPRENT, J. F. A., 1955, The life history of *Ophidascaris filaria* in the carpet snake (*Morelia argus*). *J. Parasit.*, 41 (6, Sect. 2) : 40.
- SPRENT, J. F. A., 1959, Observations on the development of ascaridoid nematodes of the carpet snake. *J. Parasit.*, 45 (4, Sect. 2) : 35.
- SPRENT, J. F. A. & MINES, J. J., 1960, A new species of *Amplichaecum* (Nematoda) from the carpet snake (*Morelia argus variegatus*): with a re-definition and a key for the genus. *Parasitology*, (1960), 1 : 183-198, 20 figs.
- STILES, C. W. & BROWN, G., 1924, The present status of the parasitic nematode family *Ascaridae*. *Publ. Health Rep.*, 39 (32) : 1957-1962.
- STOSSICH, M., 1895, Notizie elmintologiche. *Boll. Soc. Adriat. Sc. Nat. Trieste*, 16 : 33-45, pls. 4-6, 37 figs.
- STOSSICH, M., 1896, Il genere *Ascaris* Linné. Lavoro monografico. *Boll. Soc. Adriat. Sc. Nat. Trieste*, 17 : 9-120.
- THOMAS, P. M., 1959, Some nematode parasites from Australian hosts. *Trans. R. Soc. S. Australia*, 82 : 151-162, 41 figs.
- THWAITE, J. W., 1927, On a collection of nematodes from Ceylon. *Ann. Trop. Med. Parasit.*, 21 (2) : 225-244, figs. 1-7.
- TIMOURIAN, H., DOBSON, C. & SPRENT, J. F. A., 1961, Precipitating antibodies in the carpet snake against parasitic nematodes. *Nature*, 192 (4806) : 996-997.
- VAZ, Z., 1935, Lesões produzidas no estômago de cobras por um nôvo nematóide — *Ophidascaris trichuriformis* n. sp. *Arch. Inst. Biol.*, S. Paulo 6 (4) : 41-44, figs. 1-5, ests. 1-4, figs.
- VAZ, Z., 1938, Nova espécie do gênero *Ophidascaris* parasita da cascavel (*Crotalus terrificus*). *Livr. Jubil. Prof. Travassos*: 495-499, est. 1, 7 figs.
- VÍQUEZ S., C., 1940, *Nuestros animales venenosos. Parásitos de nuestros animales domésticos y de la selva*, pp. 240-299, Imprensa Nacional, San José (não visto).
- WALTON, A. C., 1927, A revision of the nematodes of the Leidy collections. *Proc. Acad. Nat. Sc. Phila.*, 79 : 49-163, pls. 4-10, 92 figs.
- WALTON, A. C., 1936, The life cycle of *Ophidascaris labiatopapillosa* Walton, 1927. *J. Parasit.*, 22 (6) : 537.
- WALTON, A. C., 1937, The *Nematoda* as parasites of *Amphibia*. III. Studies on life histories. *J. Parasit.*, 23 (3) : 299-300, fig. 1.
- WALTON, A. C., 1943 a, The *Nematoda* as parasites of *Amphibia*. List of parasites. *Contr. Biol. Lab. Knox Coll.*, 88 : 1-35.
- WALTON, A. C., 1943 b, The parasites of the *Amphiumidae* (Amphibia-Caudata). *Anat. Rec.*, 87 (4) : 47.
- WALTON, A. C., 1947 a, Parasites of the *Ranidae*. I. *J. Parasit.*, 33 (6), Sect. 2 (Suppl.) : 25-26.

- WALTON, A. C., 1947 b, Parasites of the *Ranidae*. III. *J. Parasit.*, 33 (6), Sect. 2 (Suppl.) : 26-27.
- WALTON, A. C., 1949, Parasites of the *Ranidae*. XVII. *Anat. Rec.*, 105 (3) : 629-630.
- WU, H. W. & HU, T. P., 1938, Parasitic nematodes from Hainan. *Sinensia*, Nanking, 9 (5-6) : 275-297, figs. 1-10.
- WU, H. W. & HU, Y. T., 1940, Some parasitic nematodes from Hainan. *Proc. Sixth Pacific Sci. Congr.*, 4 : 253.
- YAMAGUTI, S., 1935, Studies on the helminth fauna of Japan. Part 11. Reptilian nematodes. *Jap. J. Zool.*, 6 (2) : 393-402, 11 figs.
- YAMAGUTI, S., 1961, *Systema Helminthum*, 3, *The nematodes of vertebrates*, Part 1 : 679 pp., Part. 2 : 681-917, 1125-1261, 102 pls., 909 figs., Interscience Publishers, Inc. ed., New York.
- YORKE, W. & MAPLESTONE, P. A., 1926, *The nematode parasites of vertebrates*, XI + 536 pp., 307 figs., London.

ESTAMPA 1

Figura 1 — *Ophidascaris filaria* (Dujardin, 1845): Extremidade cefálica vista dorsal, segundo BAYLIS, 1921.

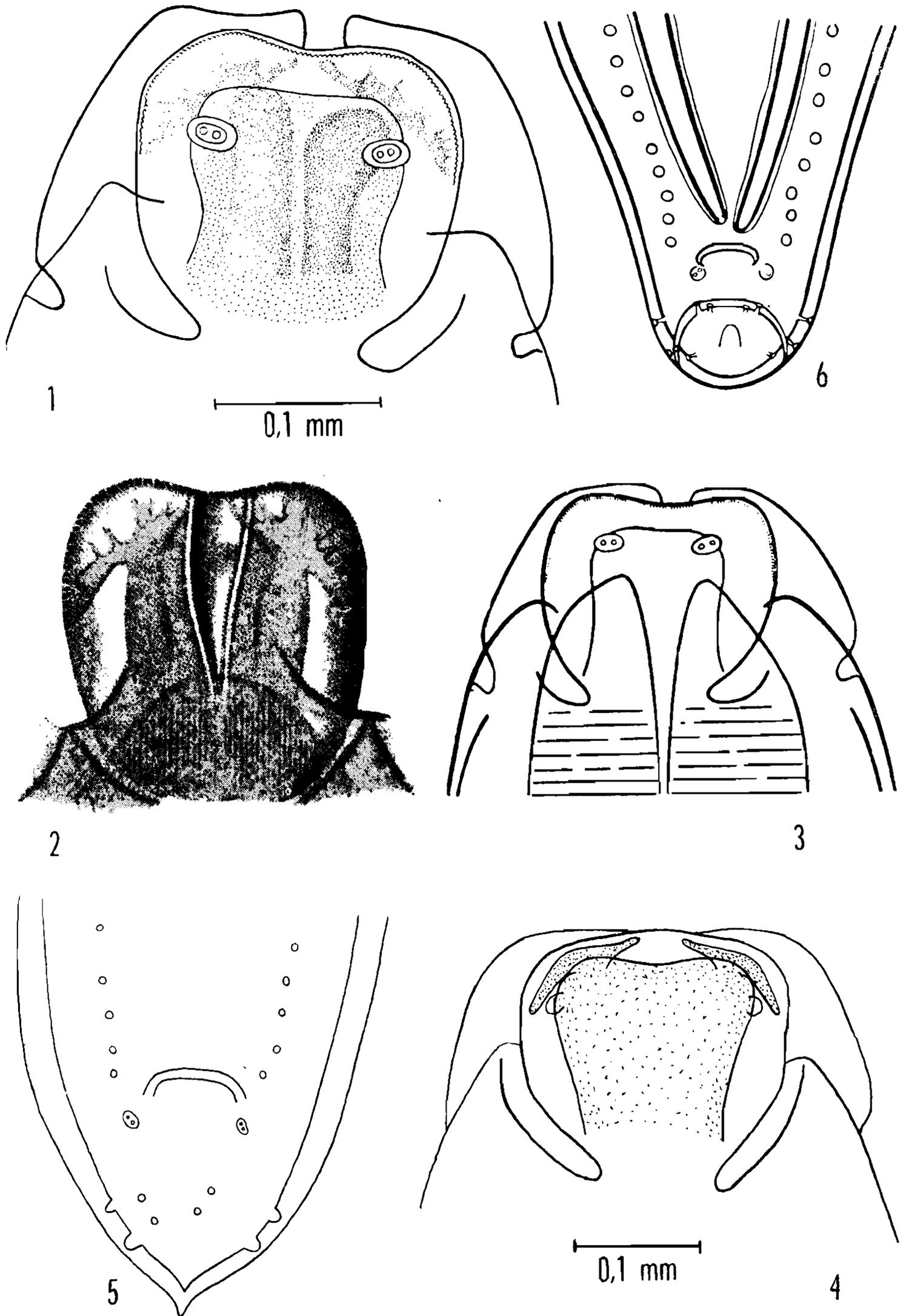
Figura 2 — *Ophidascaris filaria* (Dujardin, 1845) (sin.: *Ascaris rubicunda* Schneider, 1866): Lábio dorsal, vista interna, segundo SCHNEIDER, 1866.

Figura 3 — *Ophidascaris filaria* (Dujardin, 1845): Extremidade cefálica, vista dorsal, segundo YORKE & MAPLESTONE, 1926 (ver comentários no texto).

Figura 4 — *Ophidascaris filaria* (Dujardin, 1845): Lábio dorsal, segundo HARTWICH, 1954 (ver comentários no texto).

Figura 5 — *Ophidascaris filaria* (Dujardin, 1845) (sin.: *Ascaris rubicunda* Schneider, 1866): Extremidade posterior do macho, vista ventral, segundo SCHNEIDER, 1866.

Figura 6 — *Ophidascaris filaria* (Dujardin, 1845): Extremidades posterior do macho, vista ventral, segundo YORKE & MAPLESTONE, 1926 (ver comentários no texto).



FREITAS: Gênero *Ophidascaris* Baylis

ESTAMPA 2

Ophidascaris obconica (Baird, 1860), segundo BAYLIS, 1916

Figura 7 — Extremidade cefálica, vista quase dorsal.

Figura 8 — Cauda do macho, vista lateral.

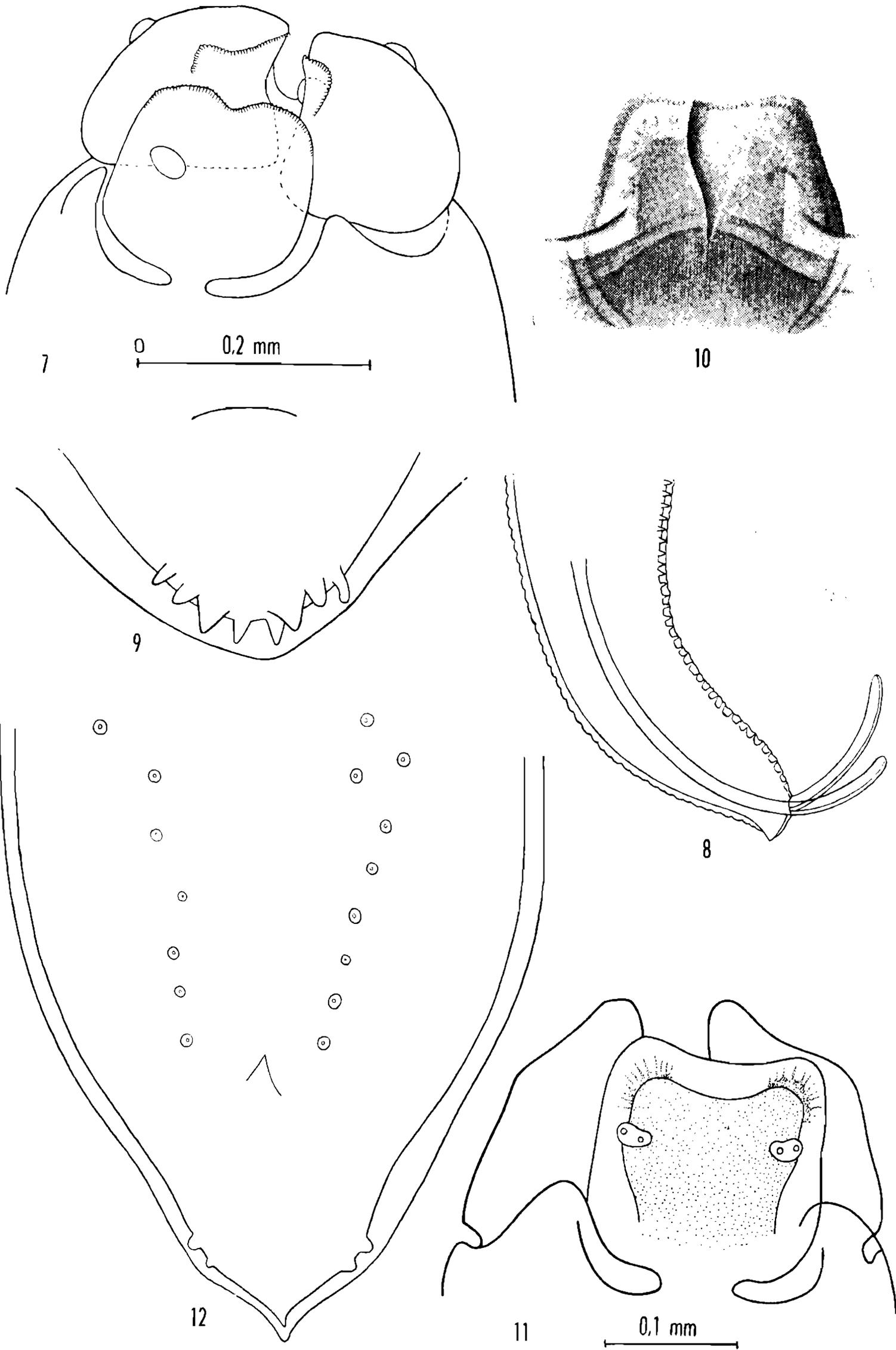
Figura 9 — Ápice caudal do macho, vista ventral, semi-esquemática.

Ophidascaris radiosa (Schneider, 1866)

Figura 10 — Lábio dorsal, vista interna, segundo SCHNEIDER, 1866.

Figura 11 — Extremidade cefálica, vista dorsal, segundo BAYLIS, 1921.

Figura 12 — Extremidade posterior do macho, vista ventral, segundo SCHNEIDER, 1866.

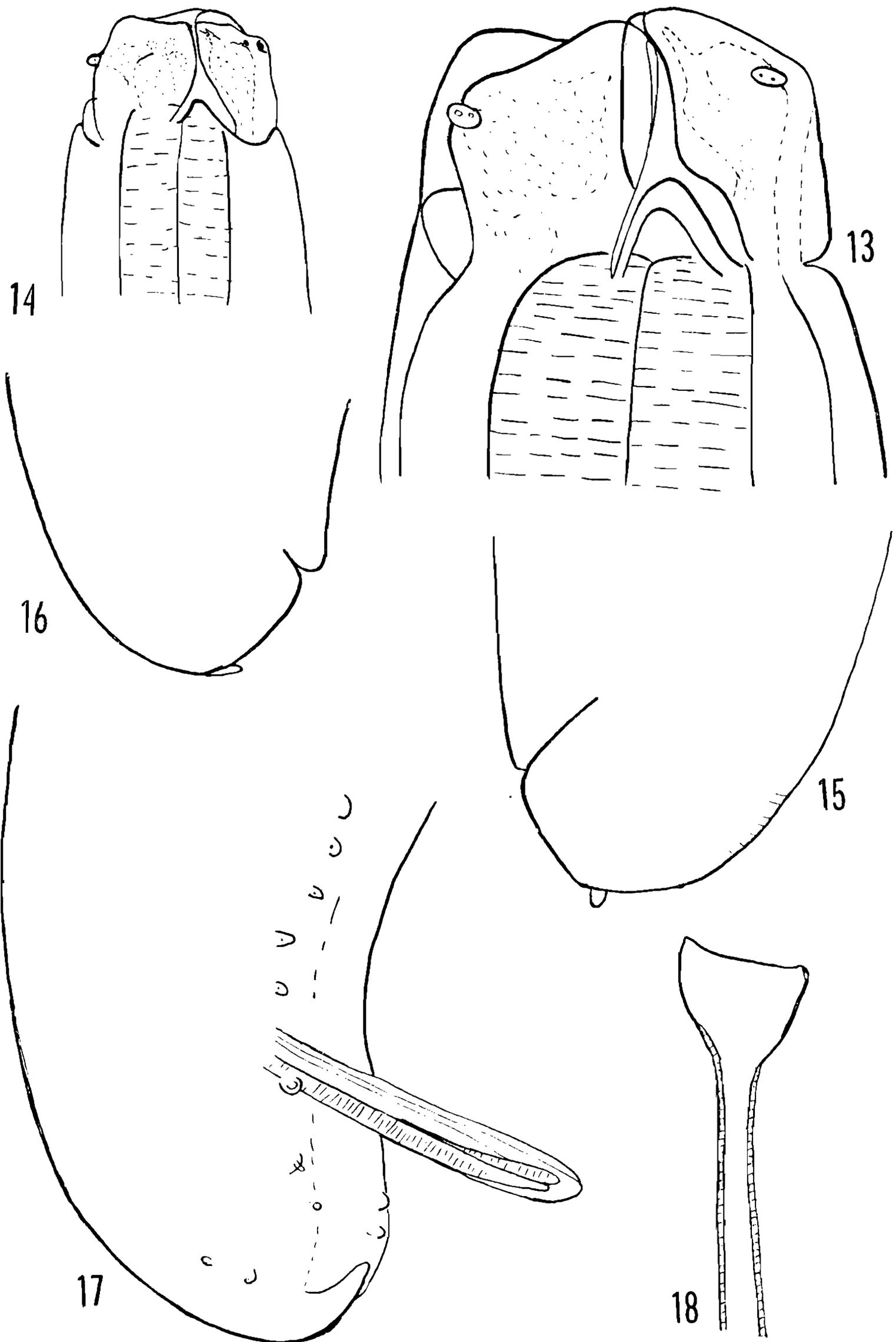


FREITAS: Gênero *Ophidascaris* Baylis

ESTAMPA 3

Ophidascaris radiosa (Schneider, 1866), segundo
SCHUURMANS-STEKHOVEN, 1937

- Figuras 13 e 14 — Extremidade cefálica da fêmea, vista lateral.
Figuras 15 e 16 — Cauda da fêmea.
Figura 17 — Cauda do macho.
Figura 18 — Extremidade proximal de um espículo.



ESTAMPA 4

Ophidascaris gestri (Parona, 1889), segundo PARONA, 1889

Figura 19 — Extremidade cefálica, levemente modificada.

Figura 20 — Extremidade caudal do macho.

Ophidascaris papillifera (Linstow, 1897), segundo LINSTOW, 1897

Figura 21 — Lábio dorsal com dois interlábios, levemente modificada.

Figura 22 — Cauda do macho, vista ventral, levemente modificada.

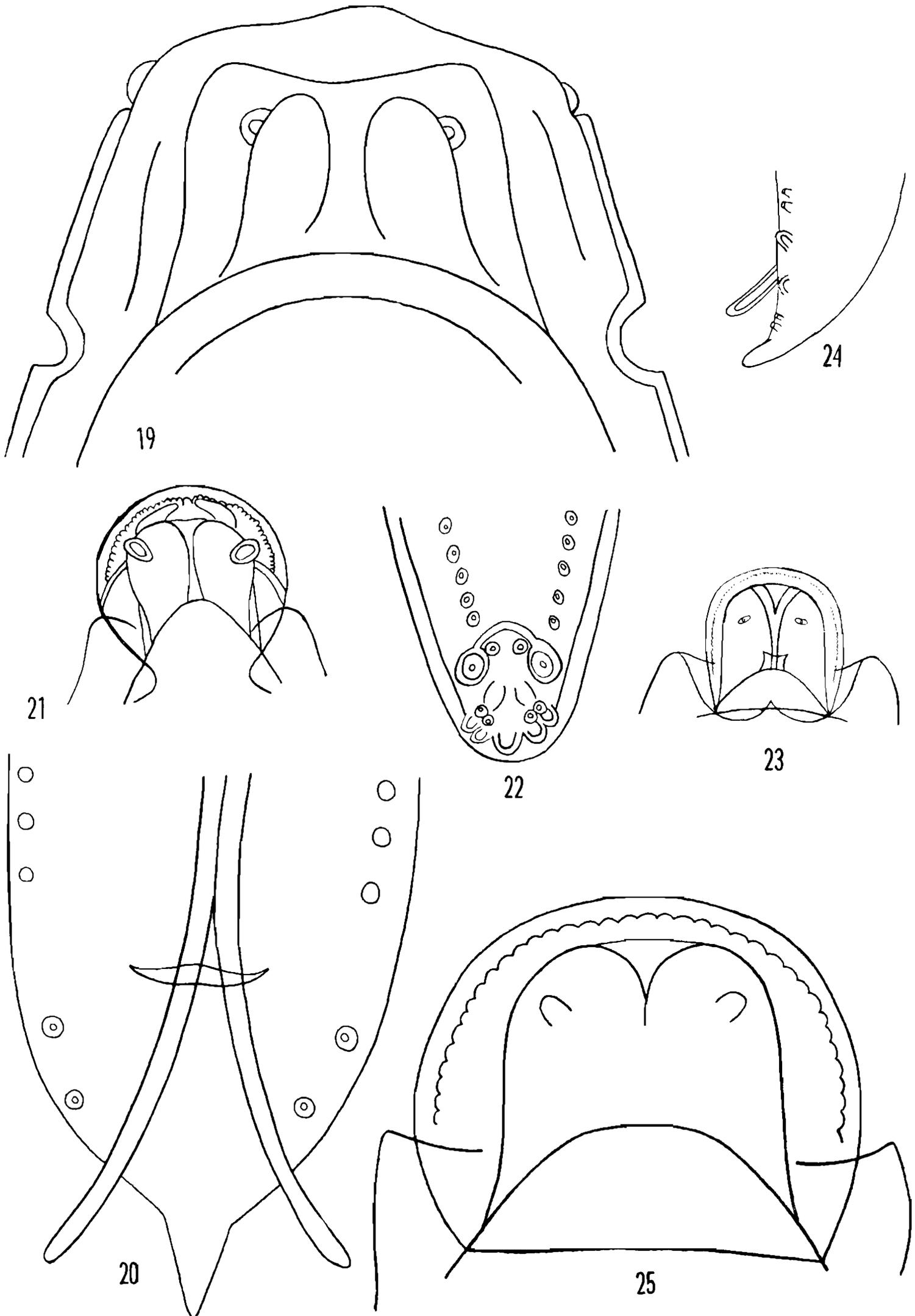
Ophidascaris infundibulicola (Linstow, 1903),
segundo LINSTOW, 1903

Figura 23 — Lábio dorsal, levemente modificada.

Figura 24 — Cauda do macho, vista lateral, levemente modificada.

Ophidascaris solitaria (Linstow, 1903), segundo LINSTOW, 1903

Figura 25 — Lábio dorsal, levemente modificada.



FREITAS: Gênero *Ophidascaris* Baylis

ESTAMPA 5

Ophidascaris intorta (Gedolst, 1916), segundo
SCHUURMANS-STEKHOVEN, 1937

Figuras 26 e 27 — Extremidade cefálica da fêmea.

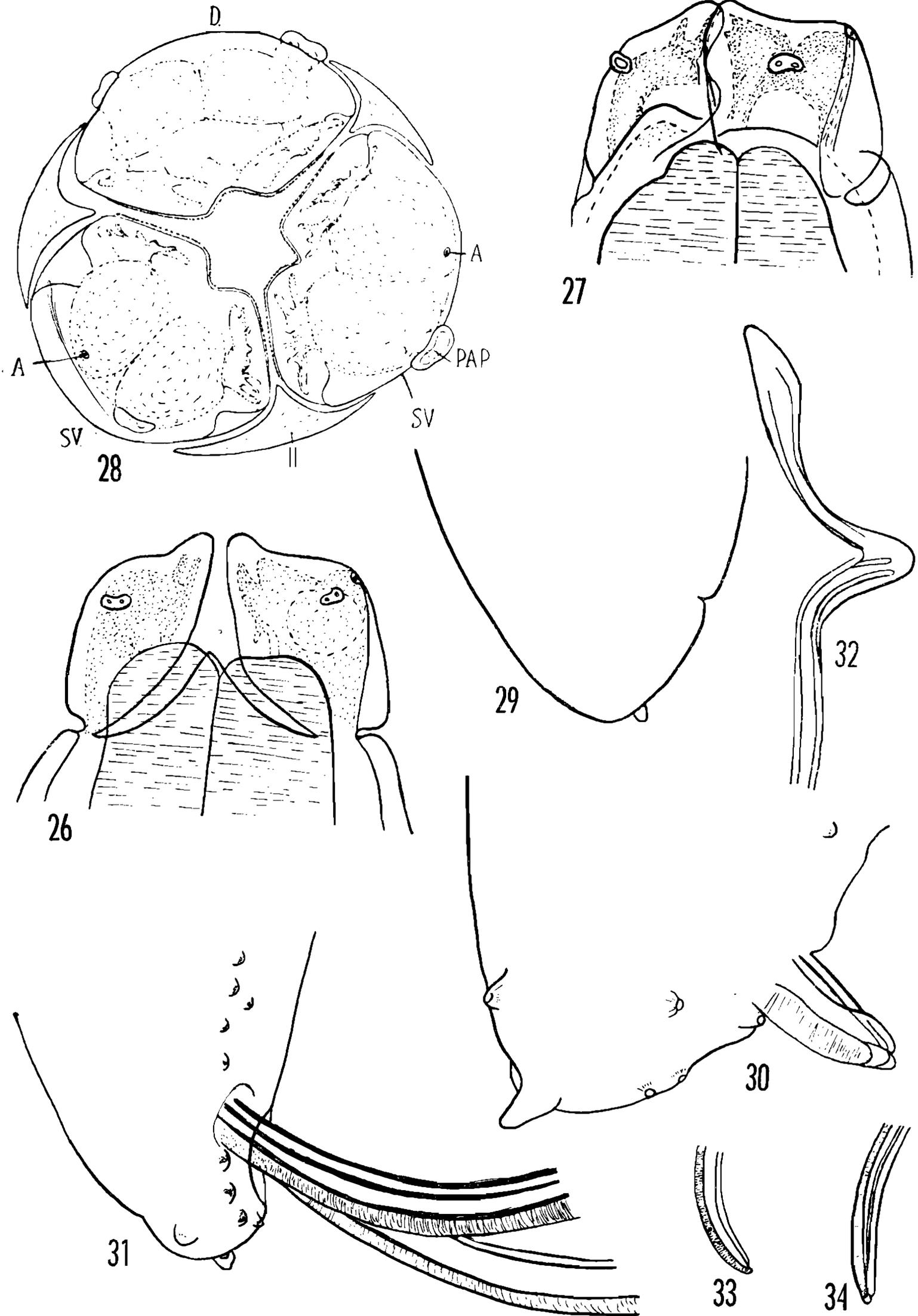
Figura 28 — Extremidade cefálica da fêmea, vista de frente (A — ânfide;
D — lábio dorsal; I.L. — interlábio; PAP. — papila; S.V. — lábio ventro-lateral).

Figura 29 — Cauda da fêmea.

Figuras 30 e 31 — Cauda do macho.

Figura 32 — Extremidade proximal do espículo menor.

Figuras 33 e 34 — Extremidade distal dos espículos.



FREITAS: Gênero *Ophidascaris* Baylis

ESTAMPA 6

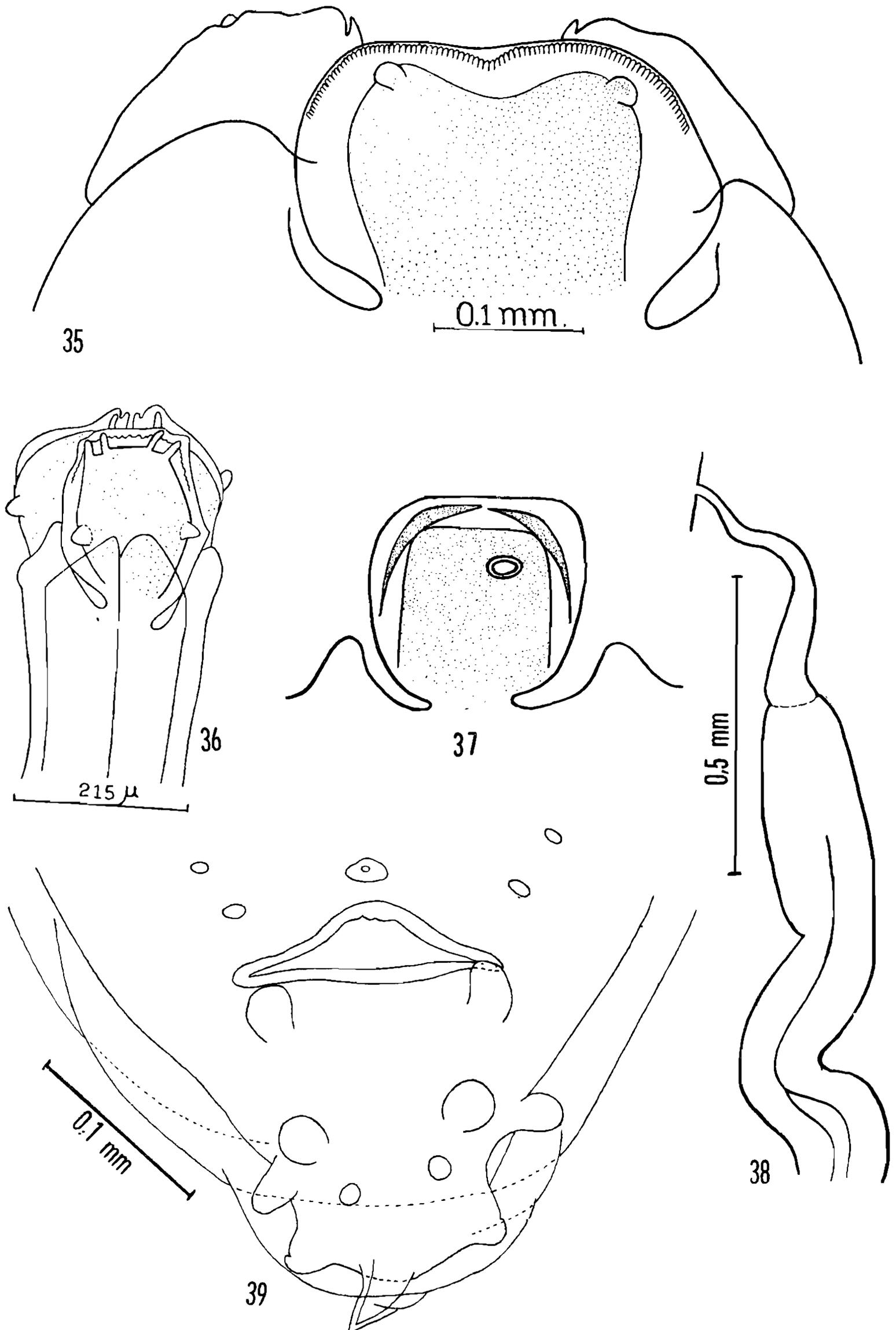
Figura 35 — *Ophidascaris mombasica* Baylis, 1921: Extremidade cefálica, vista dorsal, segundo BAYLIS, 1921.

Figura 36 — *Ophidascaris labiatopapillosa* Walton, 1927: Extremidade anterior do macho, vista dorsal, segundo WALTON, 1927.

Figura 37 — *Ophidascaris arndti* Sprehn, 1929: Lábio dorsal, segundo SPREHN, 1929.

Figura 38 — *Ophidascaris arndti* Sprehn, 1929; Ovejeter, segundo SPREHN, 1929.

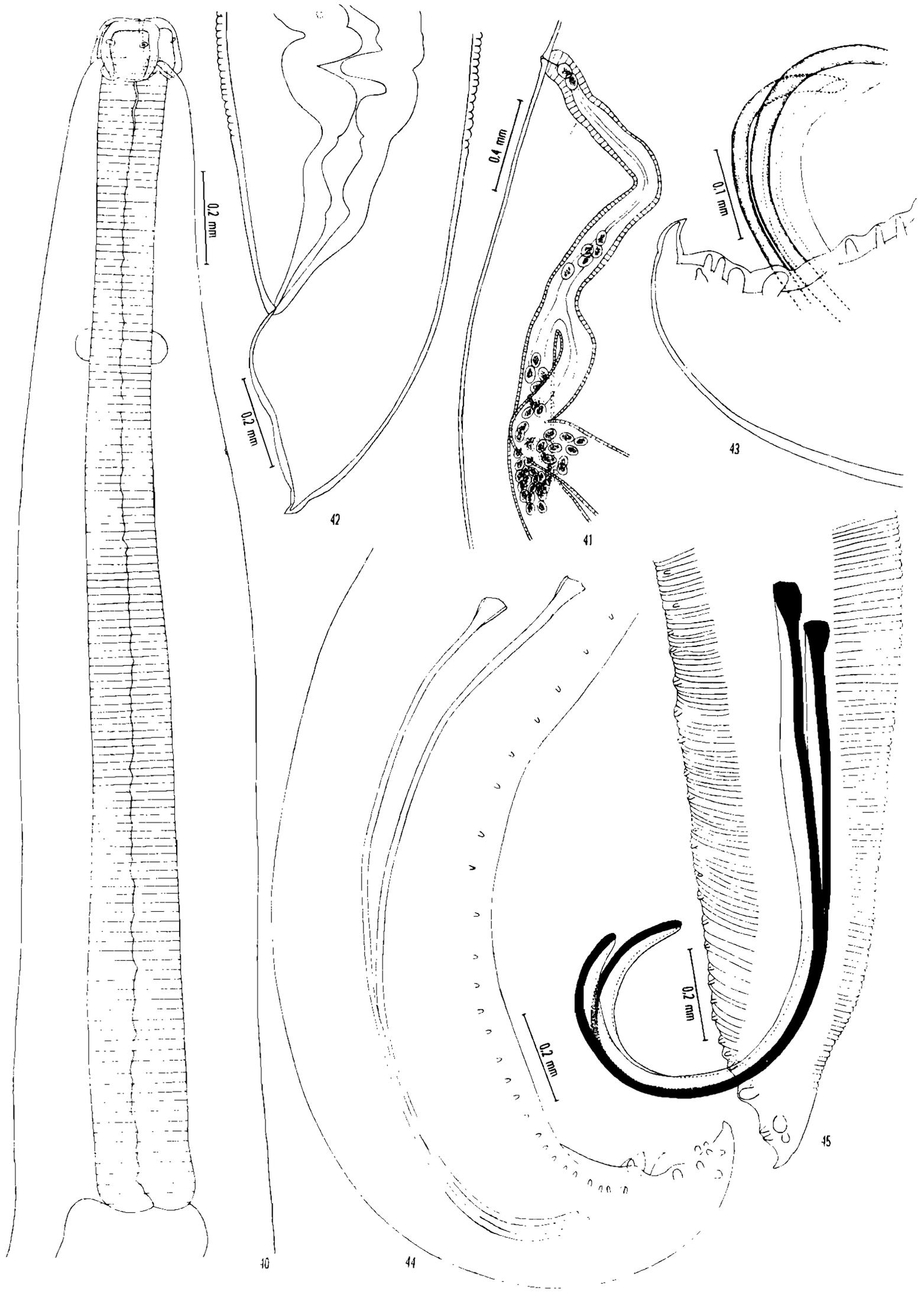
Figura 39 — *Ophidascaris arndti* Sprehn, 1929: Cauda do macho, vista ventral (Col. Helm. I. O. C. n.º 19 126 b), segundo FREITAS, 1955.



ESTAMPA 7

Ophidascaris arndti Sprehn, 1929

- Figura 40 — Extremidade anterior do macho (Col. Helm. I. O. C. n.º 19 126 c).
Figura 41 — Ovejeter (Col. Helm. I. O. C. n.º 19 125 c).
Figura 42 — Extremidade posterior da fêmea, vista lateral (Col. Helm. I. O. C. n.º 19 125 d).
Figura 43 — Cauda do macho, vista lateral (Col. Helm. I. O. C. n.º 19 125 a).
Figuras 44 e 45 -- Extremidade posterior do macho, vista lateral (Col. Helm. I. O. C. n.ºs 19 125 b e 19 127 a, respectivamente).
Figuras originais.



FREITAS: Gênero *Ophidascaris* Baylis

ESTAMPA 8

Ophidascaris arndti Sprehn, 1929

Figura 46 — Extremidade cefálica do macho, vista látero-ventral (Col. Helm. I. O. C. n.º 19 125 b).

Figura 47 — Extremidade cefálica do macho, vista dorso-lateral (Col. Helm. I. O. C. n.º 19 126 c).

Figura 48 — Extremidade cefálica do macho, vista de frente (Col. Helm. I. O. C. n.º 19 127 d).

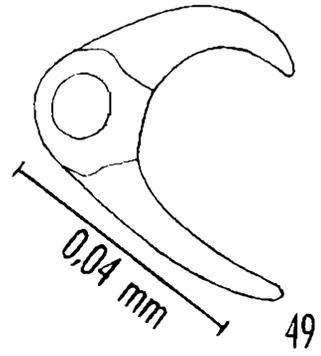
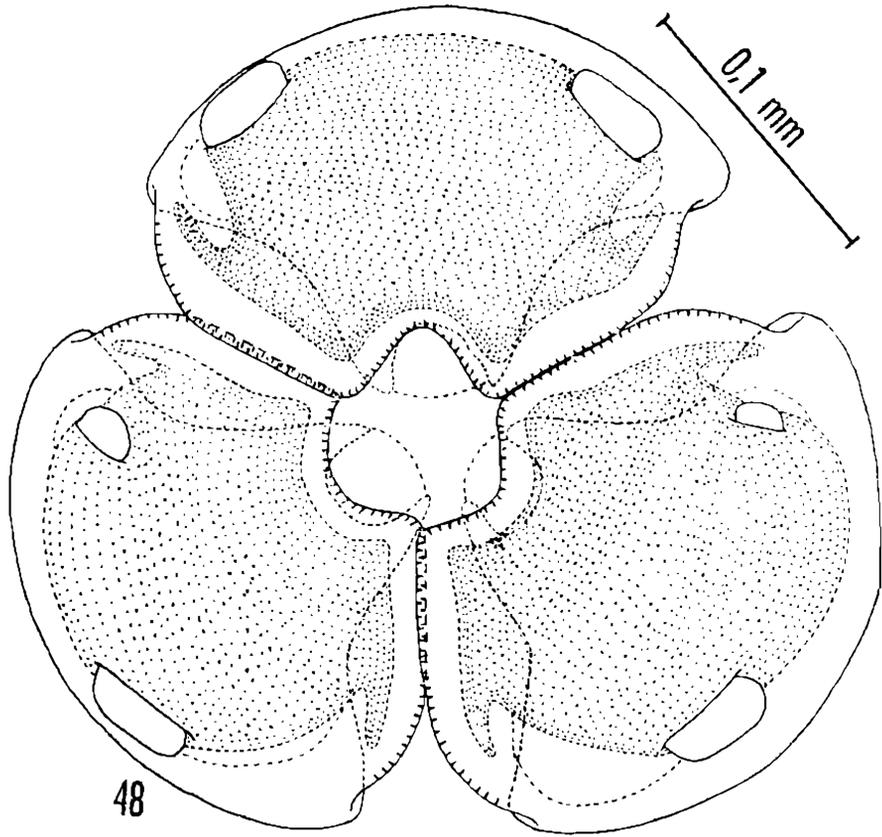
Figura 49 — Corte transversal de um espículo (Col. Helm. I. O. C. n.º 19 126 d).

Figuras originais.

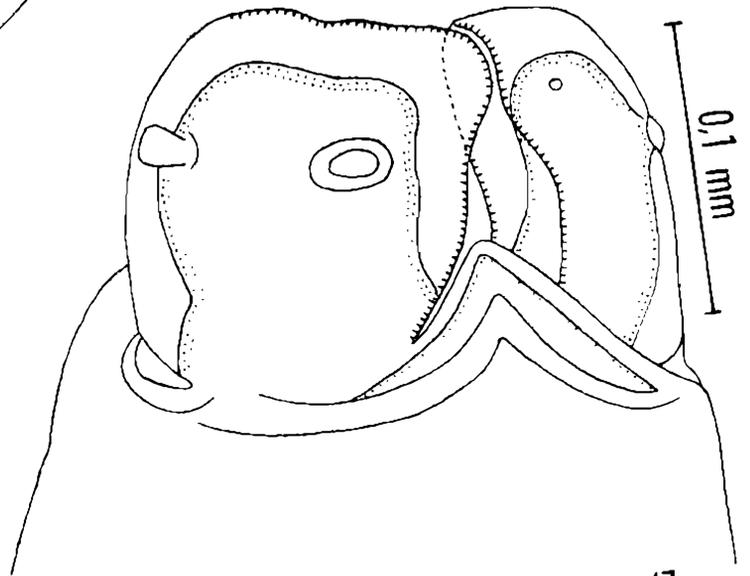
Ophidascaris baylisi Robinson, 1934, segundo ROBINSON, 1934

Figura 50 — Lábio dorsal da fêmea.

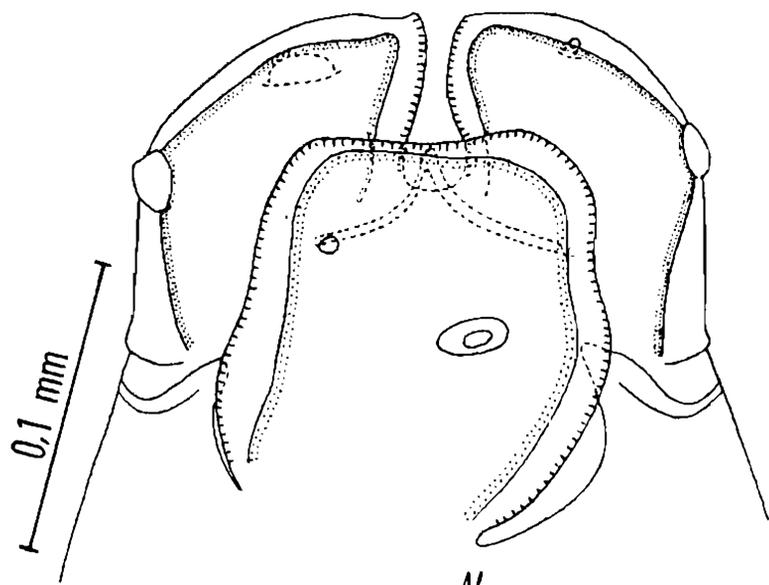
Figura 51 — Cauda do macho, vista lateral.



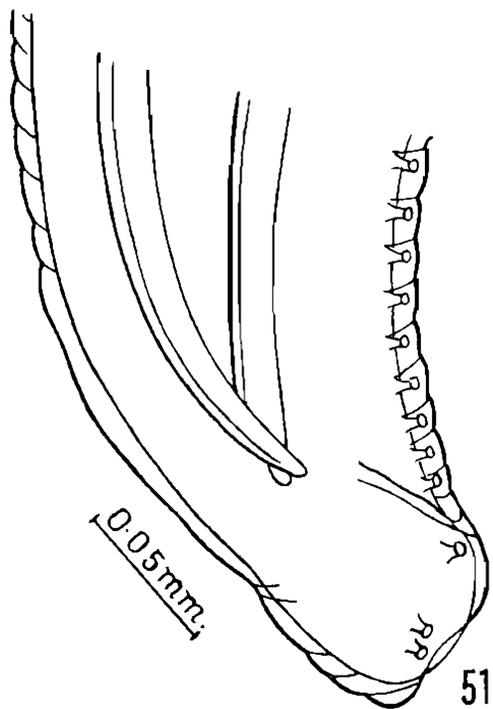
48



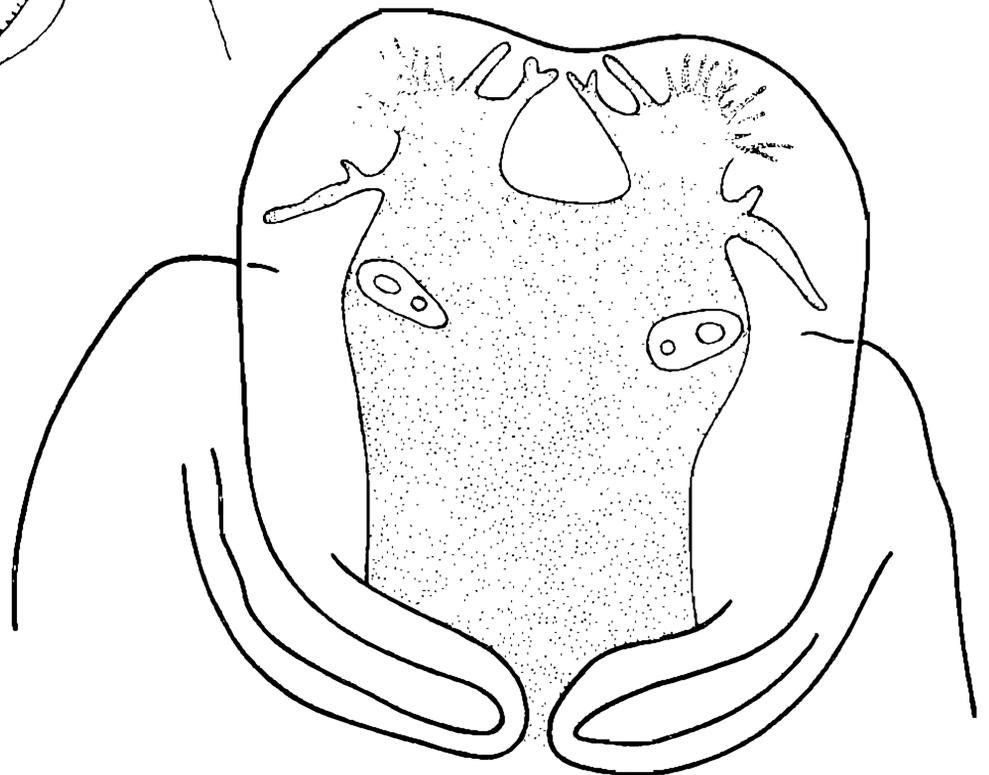
47



46



51



50

ESTAMPA 9

Ophidascaris natricis Yamaguti, 1935, segundo YAMAGUTI, 1935

Figura 52 — Extremidade anterior do macho, vista lateral (d.l. — lábio dorsal; pap. — papila; s.v.l. — lábio ventro-lateral).

Figura 53 — Extremidade posterior do macho, vista lateral (an. — ânus; pap. — papila; r. sp. — espículo direito; t.t. — ápice caudal).

Ophidascaris trichuriformis Vaz, 1935, segundo VAZ, 1935

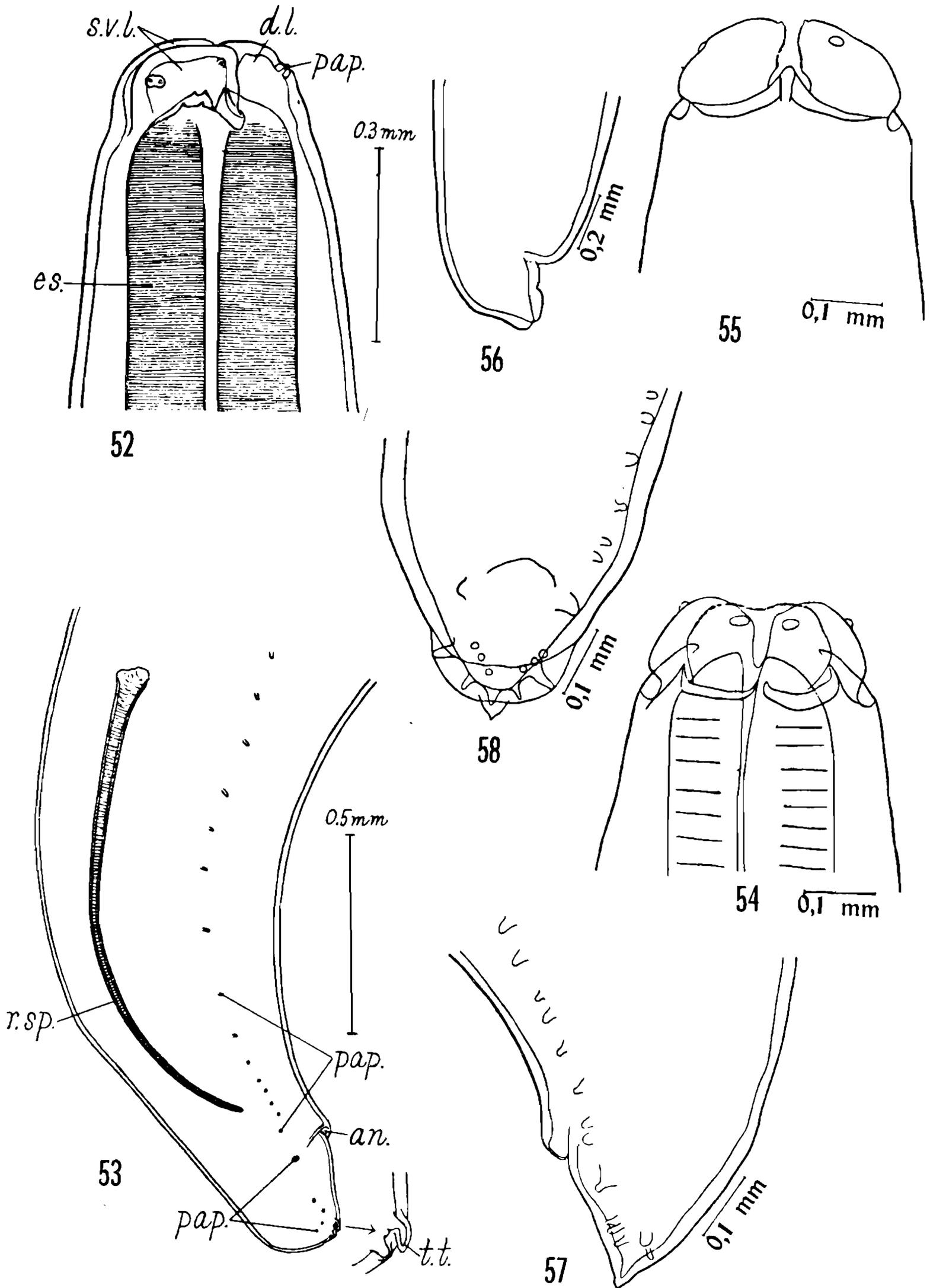
Figura 54 — Extremidade anterior, lábio dorsal.

Figura 55 — Extremidade anterior, interlábio.

Figura 56 — Cauda da fêmea, vista lateral.

Figura 57 — Cauda do macho, vista lateral.

Figura 58 — Cauda do macho, vista ventral.



FREITAS: Gênero *Ophidascaris* Baylis

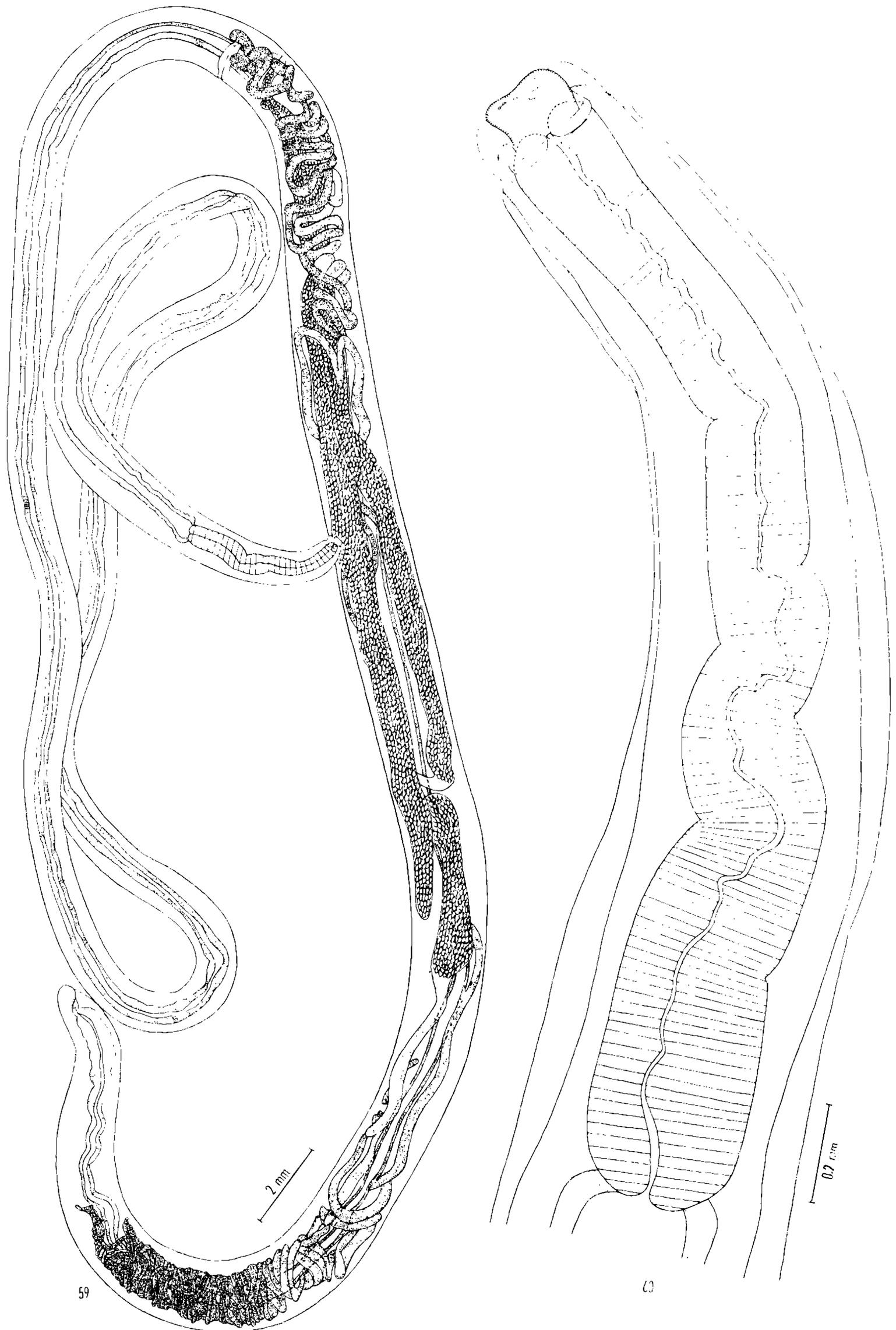
ESTAMPA 10

Ophidascaris trichuriformis Vaz, 1935

Figura 59 — Fêmea (Col. Helm. I. O. C. n.º 19 128 c).

Figura 60 — Extremidade anterior da fêmea (Col. Helm. I. O. C. n.º 19 128 g).

Figuras originais.

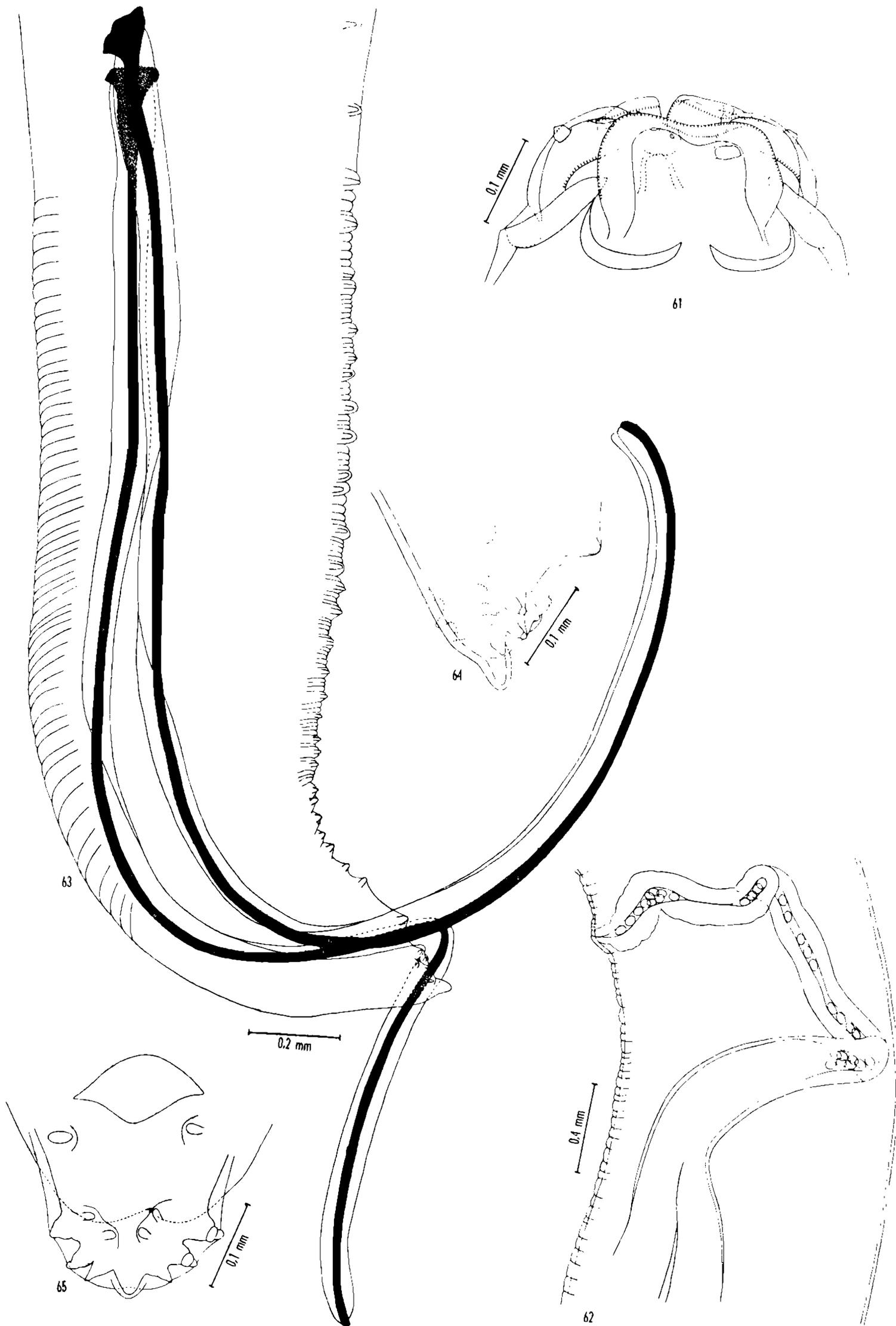


FREITAS: Gênero *Ophidascaris* Baylis

ESTAMPA 11

Ophidascaris trichuriformis Vaz, 1935

- Figura 61 — Extremidade cefálica do macho (Col. Helm. I. O. C. n.º 19 128 b).
Figura 62 — Ovejeter (Col. Helm. I. O. C. n.º 19 128 c).
Figura 63 — Extremidade posterior do macho, vista lateral (Col. Helm. I. O. C. n.º 19 128 a).
Figura 64 — Cauda do macho, vista semi-lateral (Col. Helm. I. O. C. n.º 19 128 a).
Figura 65 — Cauda do macho, vista ventral (Col. Helm. I. O. C. n.º 19 128 e).
Figuras originais.



FREITAS: Gênero *Ophidascaris* Baylis

ESTAMPA 12

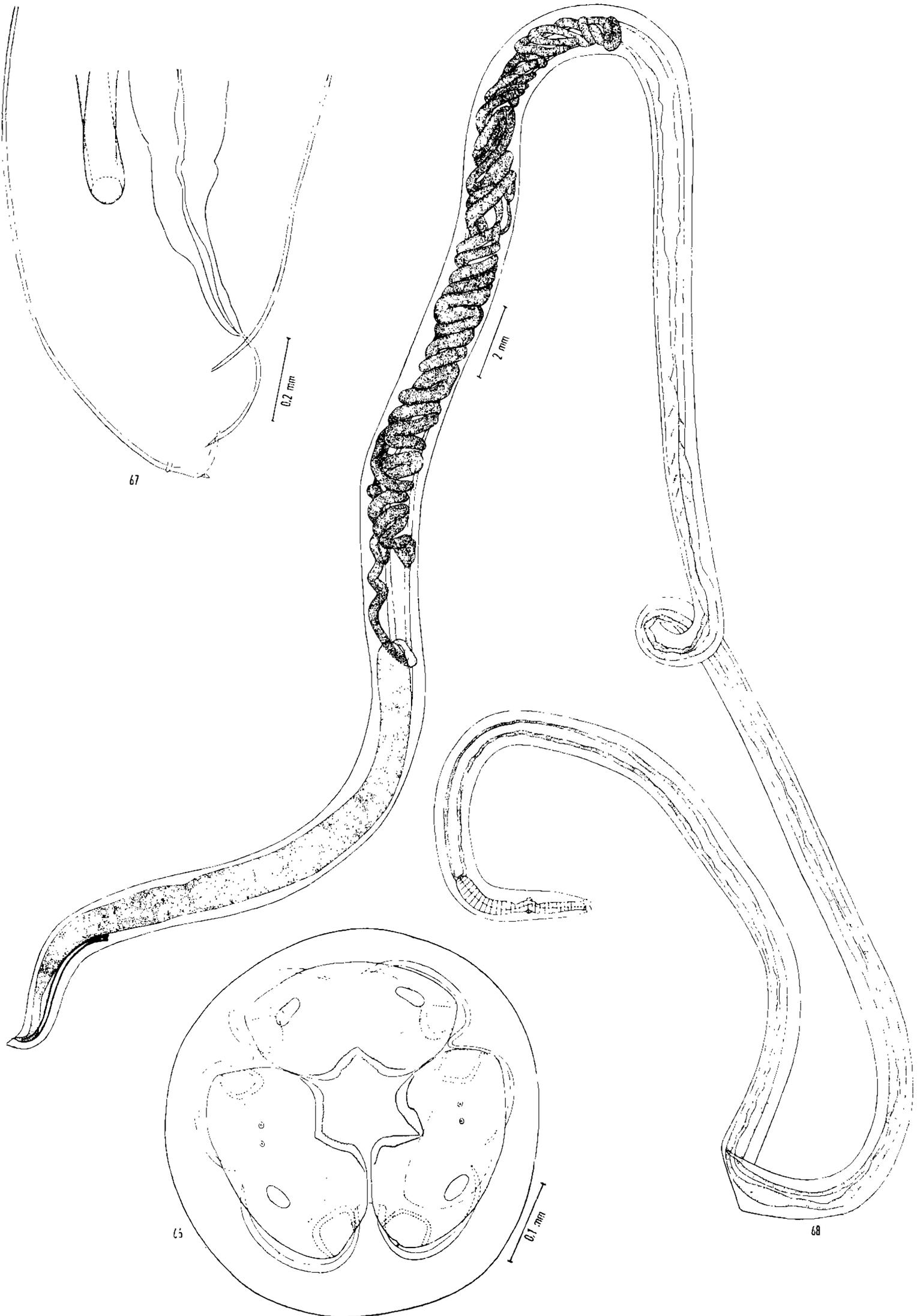
Ophidascaris trichuriformis Vaz, 1935

Figura 66 — Extremidade cefálica do macho, vista de frente (Col. Helm. I. O. C. n.º 19 128 f).

Figura 67 — Cauda da fêmea (Col. Helm. I. O. C. n.º 19 128 d).

Figura 68 — Macho (Col. Helm. I. O. C. n.º 19 128 b).

Figuras originais.



FREITAS: Gênero *Ophidascaris* Baylis

ESTAMPA 13

Ophidascaris amucronata Schuurmans-Stekhoven, 1937,
segundo SCHUURMANS-STEKHOVEN, 1937

Figura 69 — Extremidade cefálica da fêmea, vista lateral (A — ânfide; I.L. — interlábio; PAP. — papila; S.V. — lábio ventro-lateral).

Figura 70 — Extremidade cefálica da fêmea, vista quase de frente (A — ânfide; D — lábio dorsal; I.L. — interlábio; PAP. — papila).

Figura 71 — Extremidade anterior do macho, vista lateral.

Figura 72 — Cauda da fêmea.

Figura 73 — Aparelho genital feminino (OVAR. — ovário; OVID. — oviduto; UTERI — úteros).

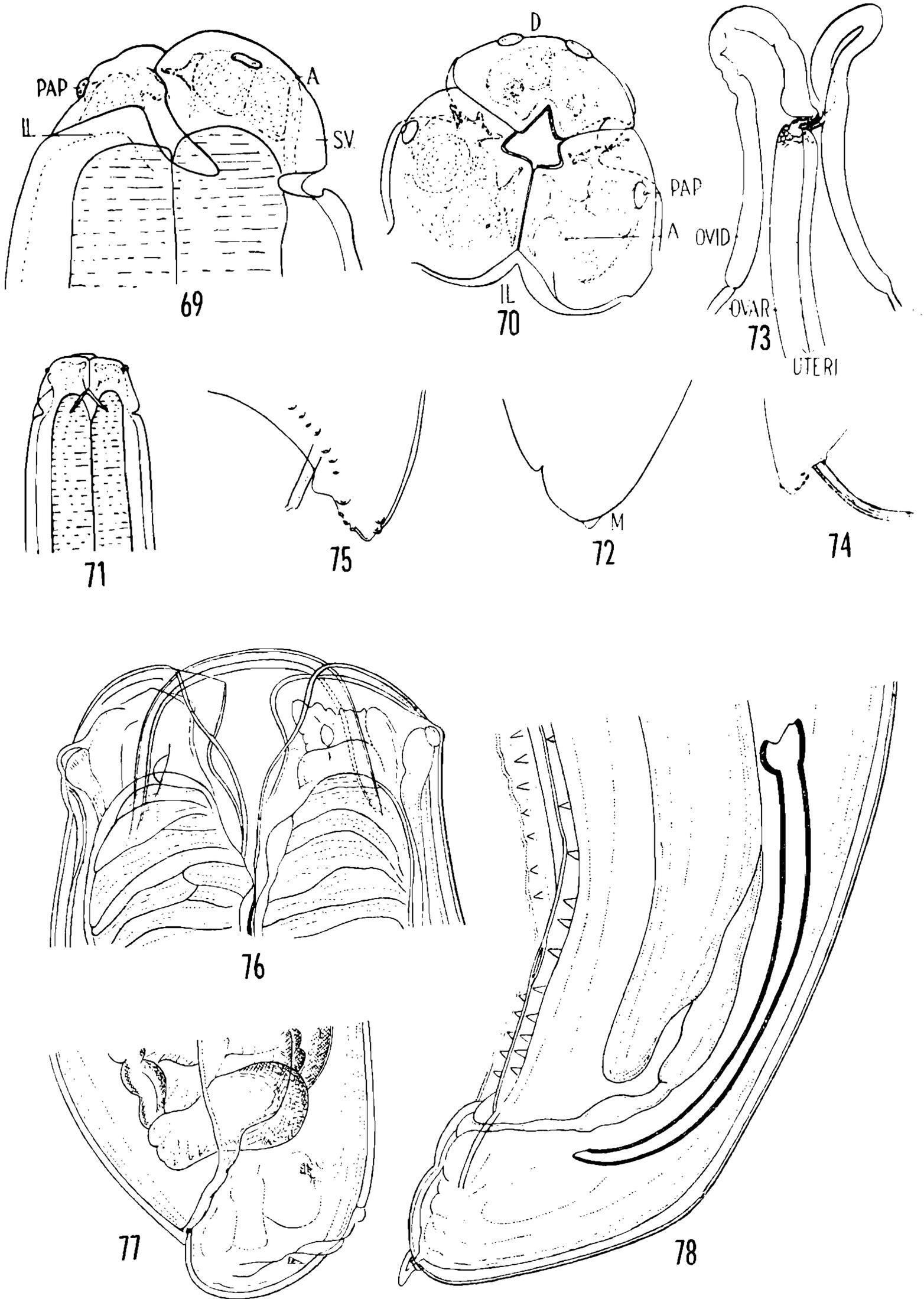
Figuras 74 e 75 — Cauda do macho.

Ophidascaris microspicula Kreis, 1938, segundo KREIS, 1938

Figura 76 — Extremidade cefálica da fêmea.

Figura 77 — Extremidade posterior da fêmea.

Figura 78 — Extremidade posterior do macho.



ESTAMPA 14

Ophidascaris genoheteromegala Kreis, 1938, segundo KREIS, 1938

Figura 79 — Extremidade cefálica da fêmea.

Figura 80 — Extremidade posterior da fêmea.

Figura 81 — Extremidade posterior do macho.

Ophidascaris travassosi Vaz, 1938, segundo VAZ, 1938

Figura 82 — Extremidade anterior, lábio ventro-lateral.

Figura 83 — Extremidade anterior, interlábio.

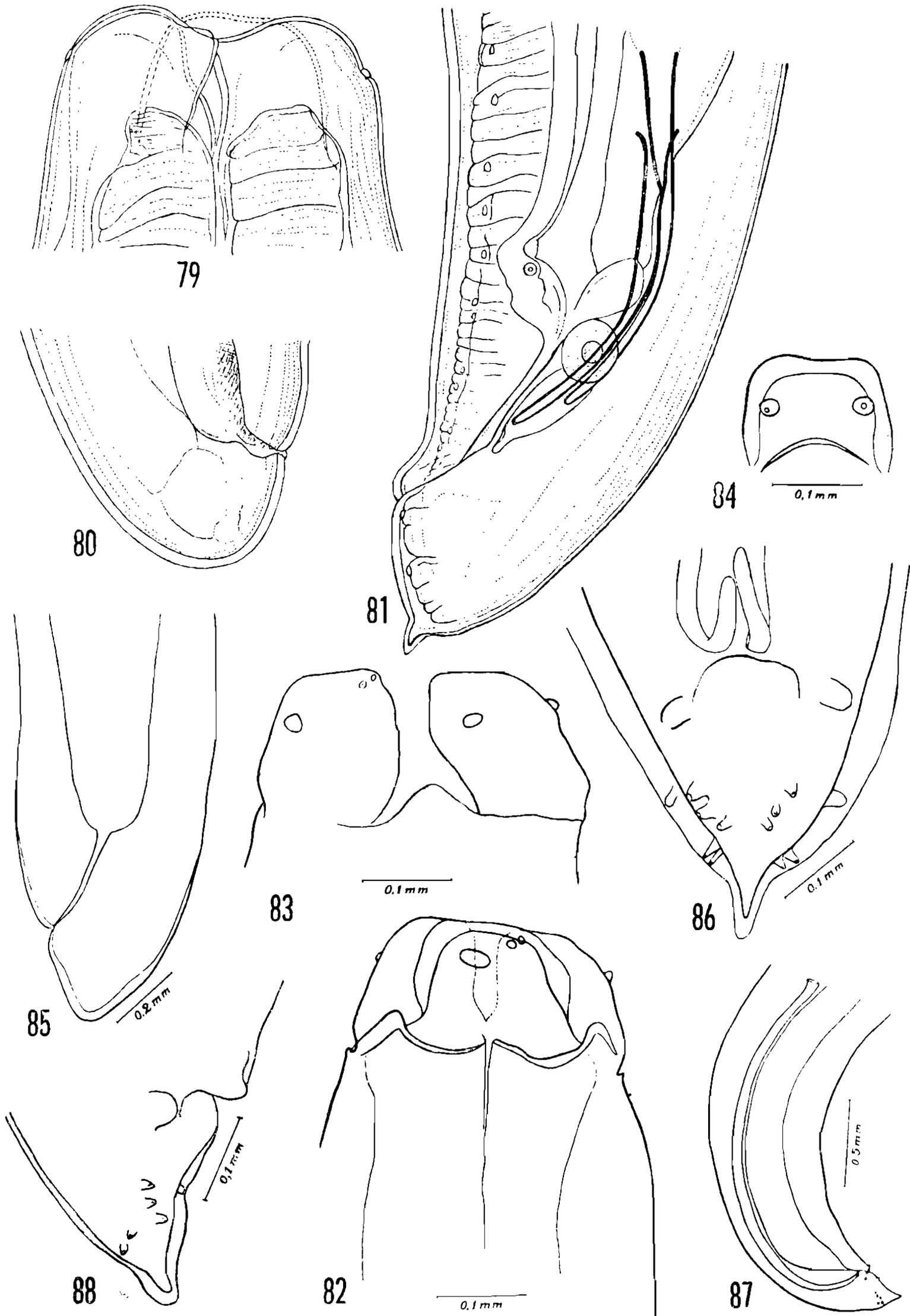
Figura 84 — Lábio dorsal.

Figura 85 — Extremidade posterior da fêmea, vista lateral.

Figura 86 — Cauda do macho, vista ventral.

Figura 87 — Extremidade posterior do macho, vista lateral.

Figura 88 — Cauda do macho, vista lateral.



FREITAS: Gênero *Ophidascaris* Baylis

ESTAMPA 15

Figura 89 — *Ophidascaris ochoterenai* Caballero, 1939: Extremidade anterior da fêmea, segundo CABALLERO, 1939.

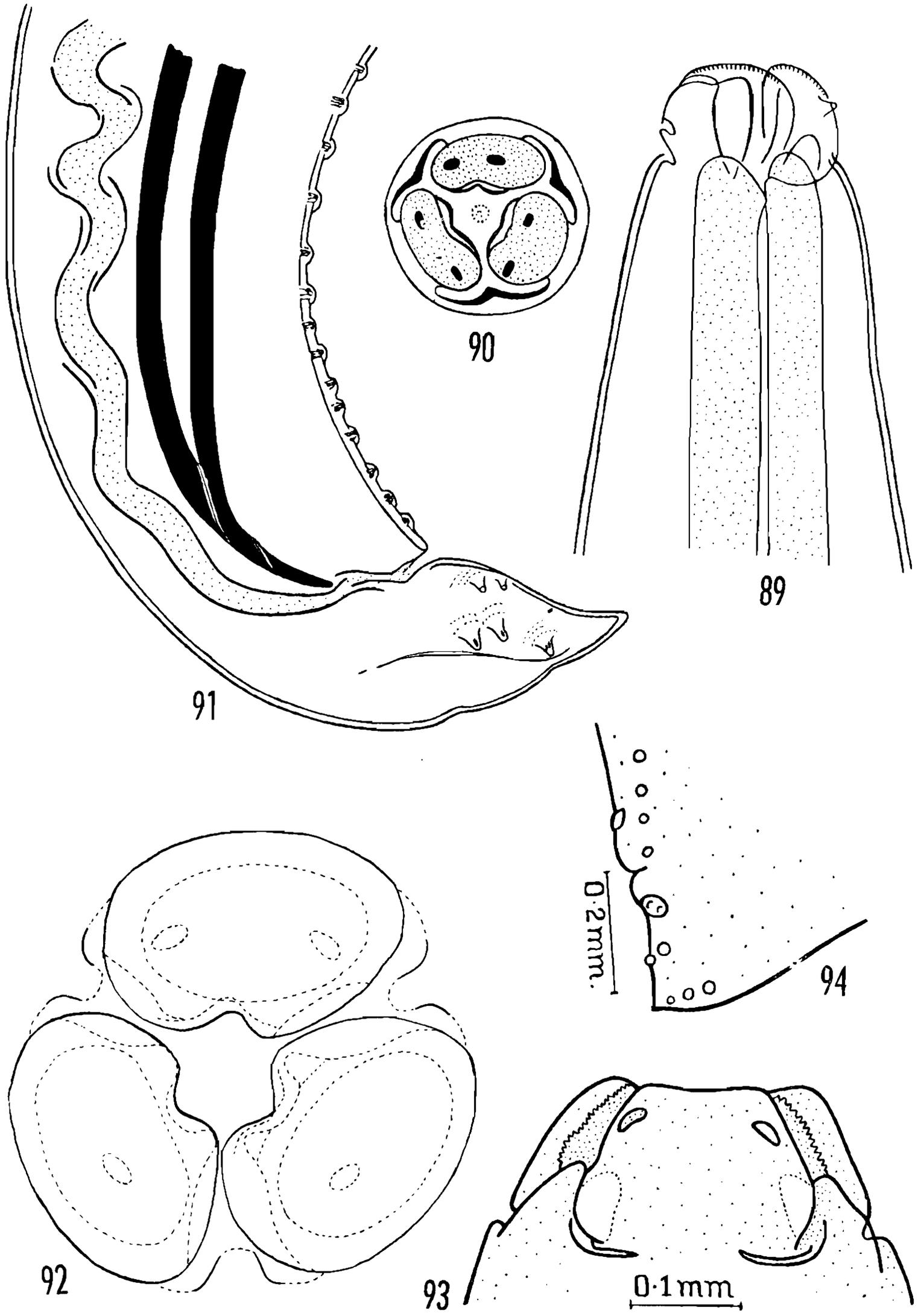
Figura 90 — *Ophidascaris ochoterenai* Caballero, 1939: Extremidade cefálica, vista de frente, segundo CABALLERO, 1939.

Figura 91 — *Ophidascaris ochoterenai* Caballero, 1939: Extremidade posterior do macho, vista lateral, segundo CABALLERO, 1939.

Figura 92 — *Ophidascaris pyrrhus* Johnston & Mawson, 1942 (sin.: *Ascaris* sp. McAlpine, 1891). Extremidade cefálica da fêmea, vista de frente, segundo McALPINE, 1891.

Figura 93 — *Ophidascaris pyrrhus* Johnston & Mawson, 1942: Extremidade cefálica de fêmea jovem, segundo JOHNSTON & MAWSON, 1942.

Figura 94 — *Ophidascaris pyrrhus* Johnston & Mawson, 1942: Cauda do macho, segundo JOHNSTON & MAWSON, 1942.



FREITAS: Gênero *Ophidascaris* Baylis

ESTAMPA 16

Ophidascaris crassilabiata Schuurmans-Stekhoven, 1950,
segundo SCHUURMANS-STEKHOVEN, 1950

Figura 95 — Extremidade cefálica, vista ventral.

Figura 96 — Extremidade cefálica, vista lateral.

Figura 97 — Extremidade cefálica, vista de frente (mesmo exemplar da figura anterior).

Figuras 98 e 99 — Cauda da fêmea.

Figura 100 — Ôvo.

Figuras 101 e 102 — Cauda do macho.

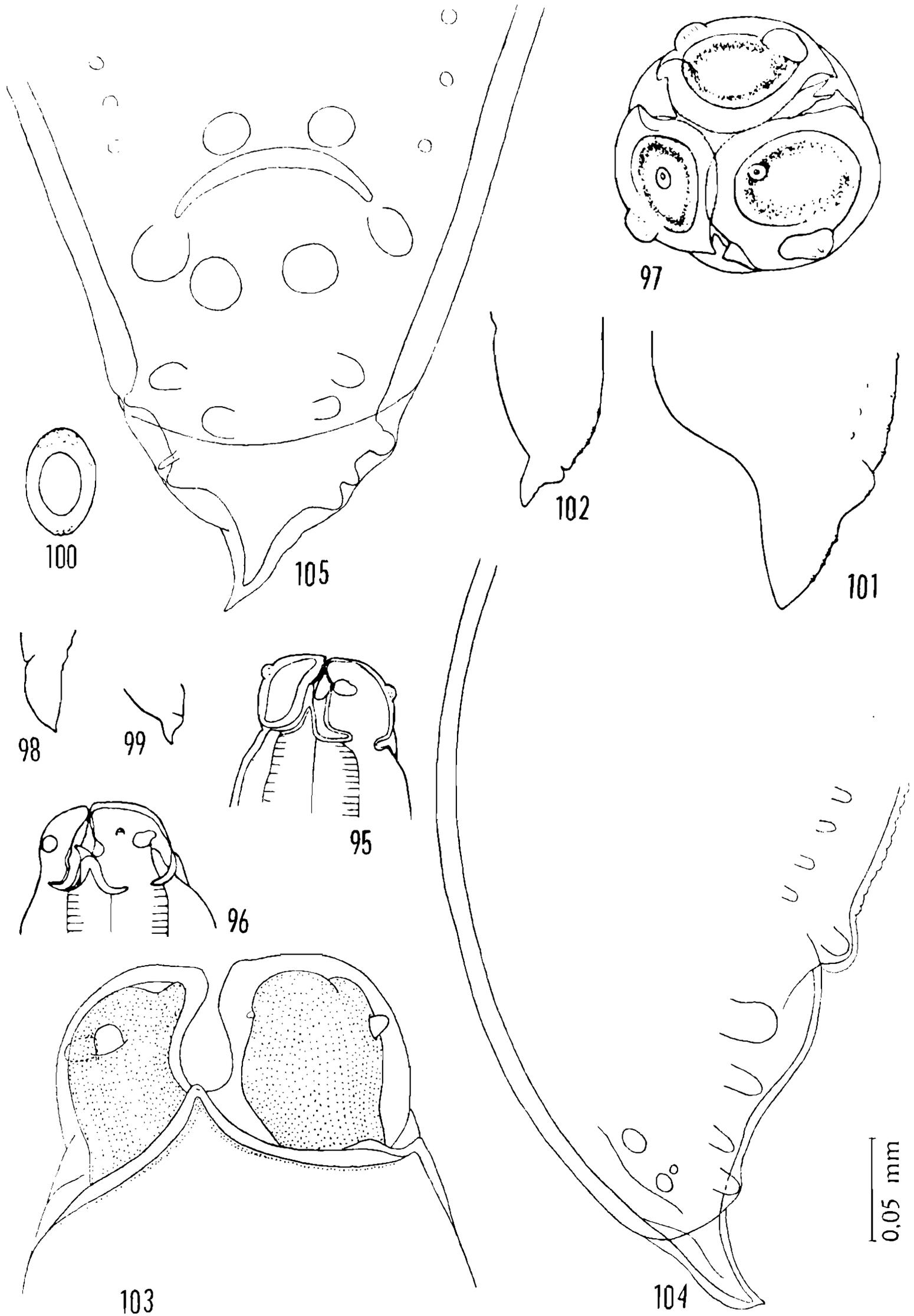
Ophidascaris sicki Freitas, 1951, segundo FREITAS, 1951

Figura 103 — Extremidade cefálica, vista lateral (Col. Helm. I.O.C. n.º 19 123 a, parátipo).

Figura 104 — Cauda do macho, vista lateral (holótipo).

Figura 105 — Cauda do macho, vista ventral (mesmo espécime da figura 103).

Figuras 103 a 105 na mesma escala.



FREITAS: Gênero *Ophidascaris* Baylis

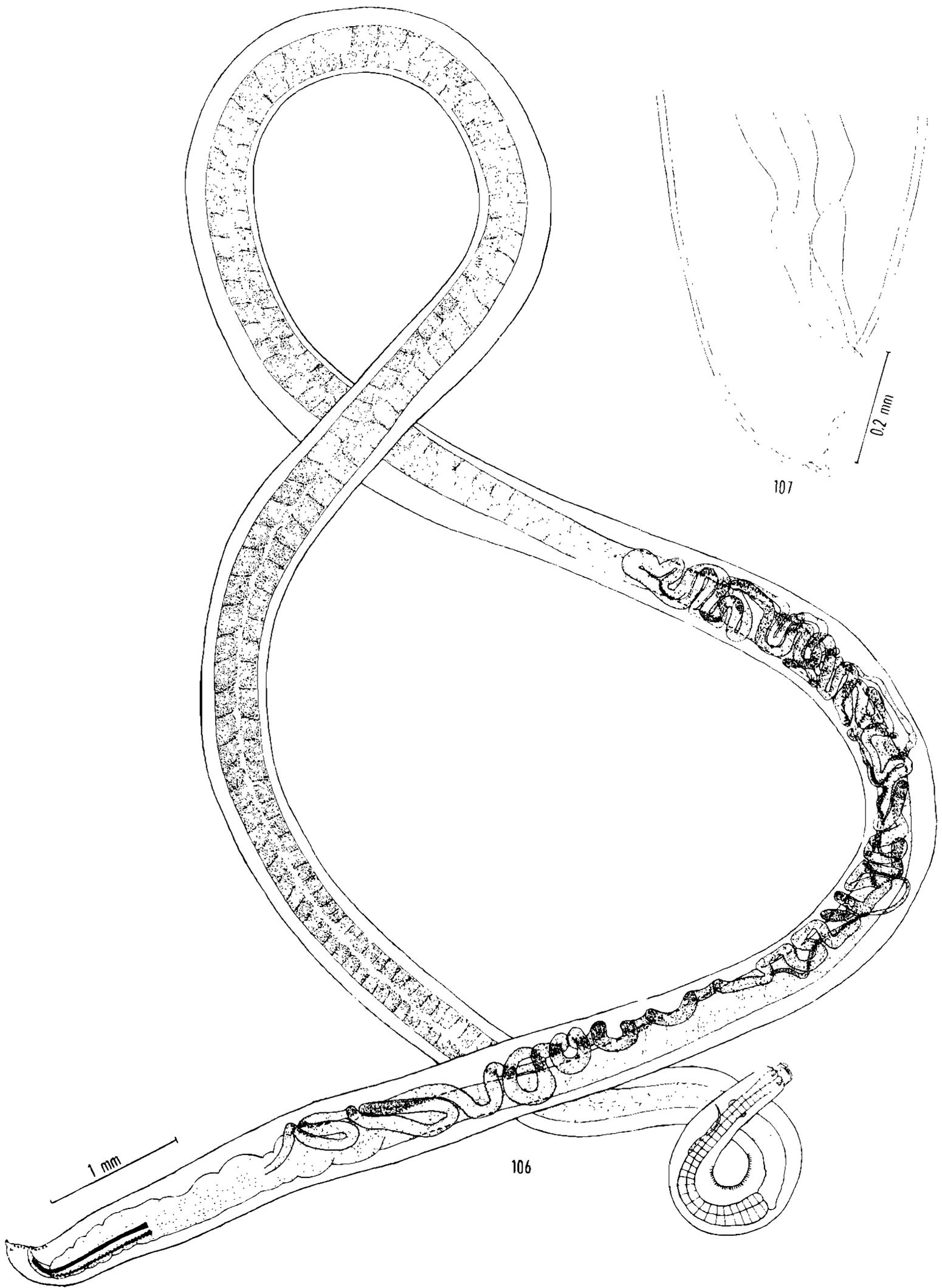
ESTAMPA 17

Ophidascaris sicki Freitas, 1951

Figura 106 — Macho holótipo.

Figura 107 — Extremidade posterior da fêmea (Col. Helm. I.O.C. n.º 19 122, parátipo).

Figuras originais.



FREITAS: Gênero *Ophidascaris* Baylis

ESTAMPA 18

Ophidascaris sicki Freitas, 1951

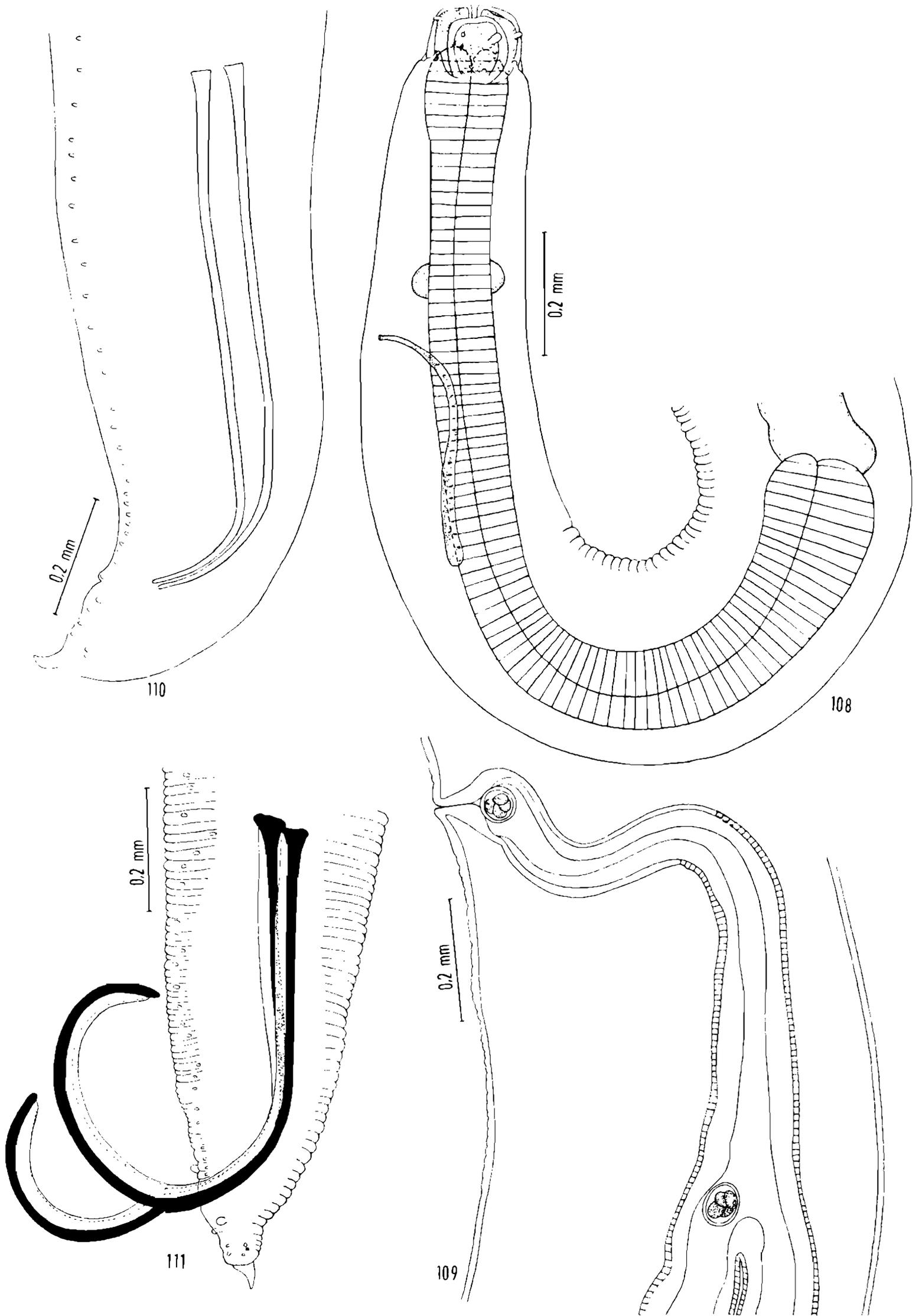
Figura 108 — Extremidade anterior do holótipo.

Figura 109 — Ovejeter do alótipo.

Figura 110 — Extremidade posterior do holótipo, vista lateral.

Figura 111 — Extremidade posterior do macho, vista lateral (espécime parasito de *Xenodon severus* (L.); Col. Helm. I. O. C. n.º 19 124 a).

Figuras originais.



ESTAMPA 19

Ophidascaris aigaris Khera, 1954, segundo KHERA, 1954

Figura 112 — Extremidade cefálica, vista dorsal (d pap. — papila do lábio dorsal; dors. lip — lábio dorsal; pap. — papila; pulp — polpa labial).

Figura 113 — Extremidade cefálica, vista de frente (dent. ridge — serrilha de dentes labiais; Dors. lip — lábio dorsal; mth. — bôca; pap. — papila; Vent. l. lip — lábio ventro-lateral).

Figura 114 — Cauda do macho (d. pap. — papila dupla; pap. — papila; Spic. — espículos).

Ophidascaris macrospicula Mozgovoi & Romanova, 1956, segundo MOZGOVOI & ROMANOVA, 1956

Figura 115 — Lábio dorsal.

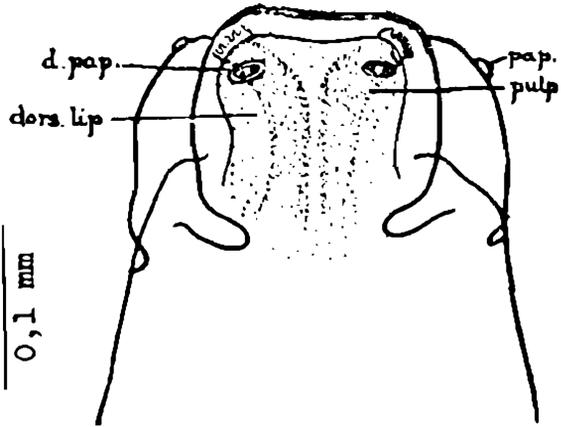
Figura 116 — Lábio ventro-lateral.

Figura 117 — Extremidade proximal de um espículo.

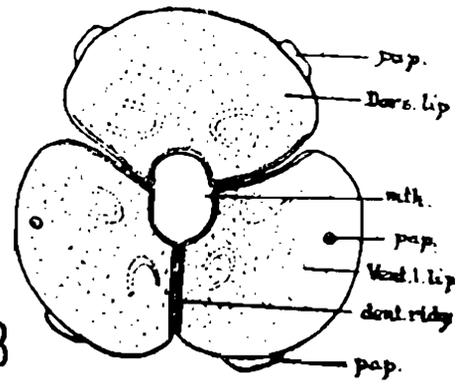
Figura 118 — Extremidade distal de um espículo (na mesma escala da figura anterior).

Figura 119 — Extremidade posterior do macho.

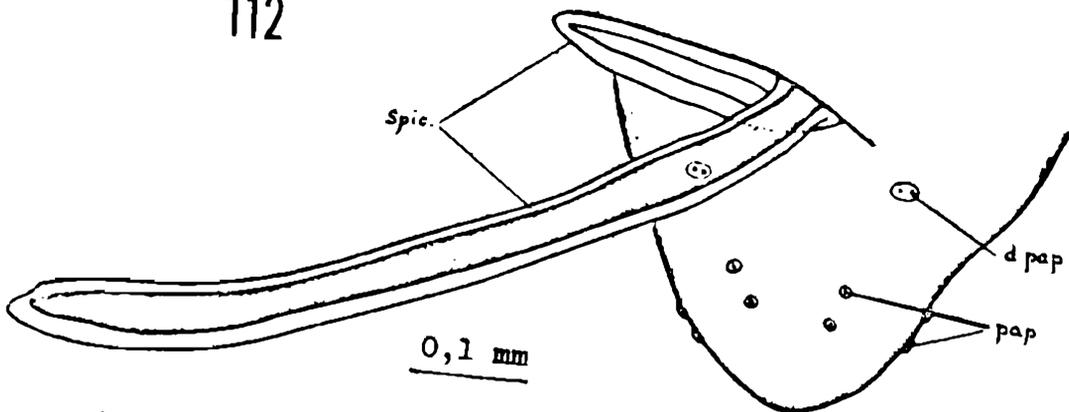
Figura 120 — Cauda do macho, vista ventral.



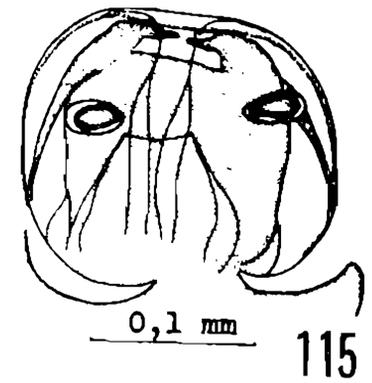
112



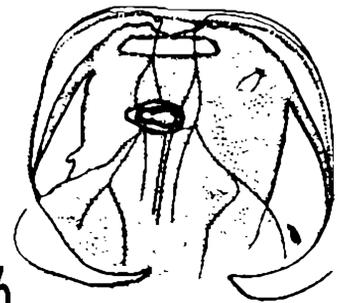
113



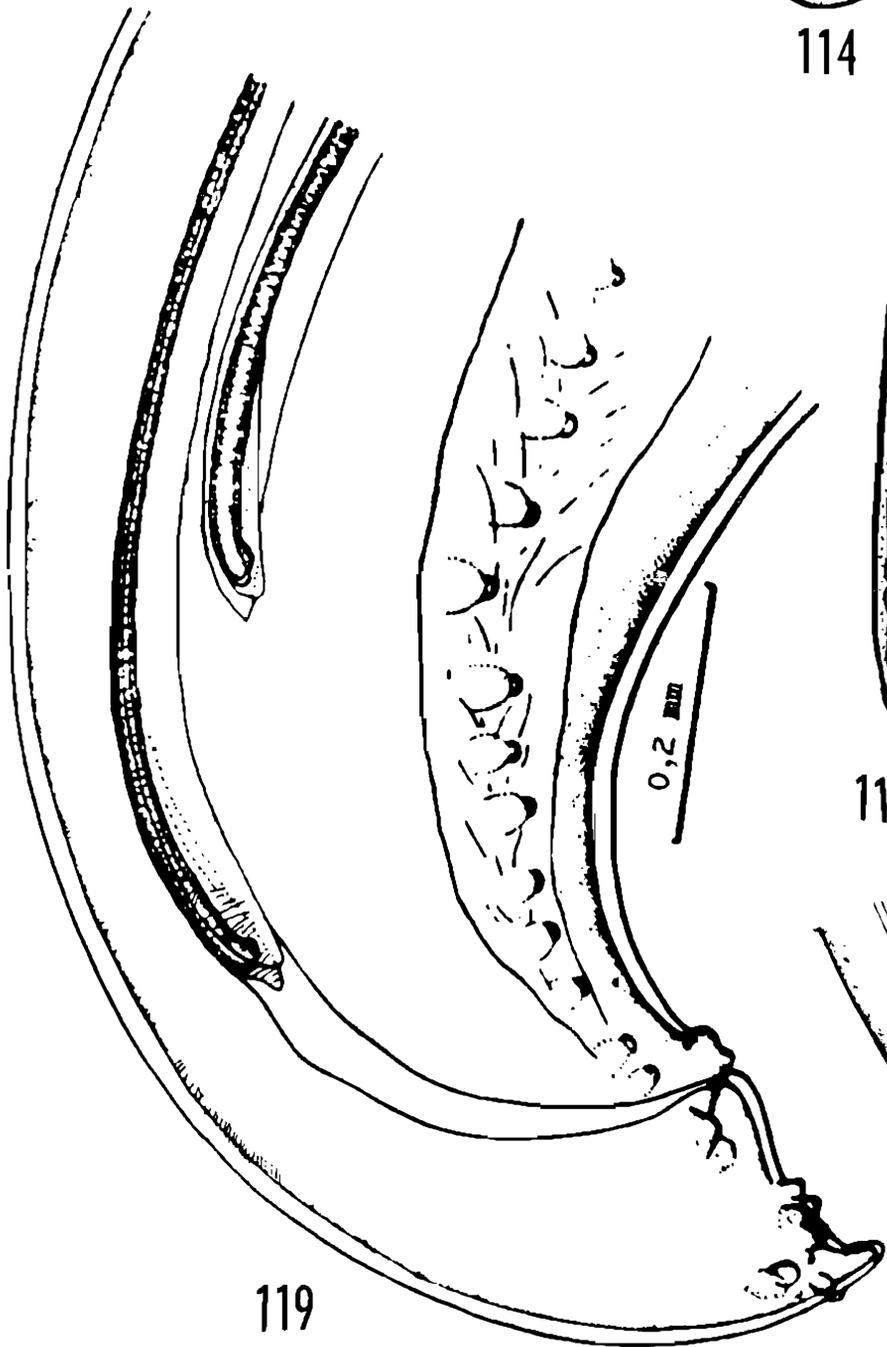
114



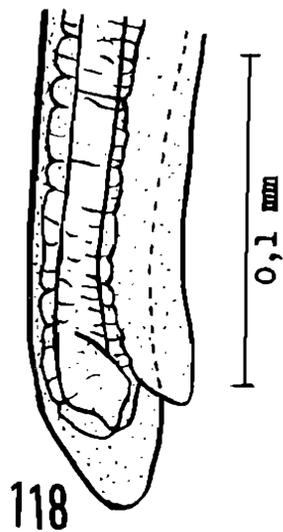
115



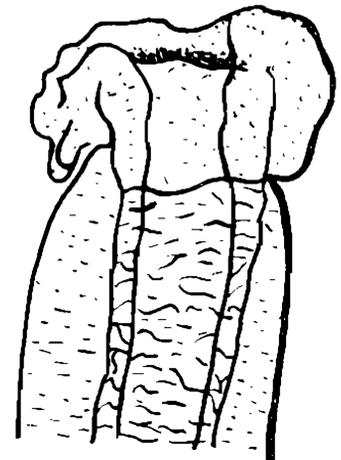
116



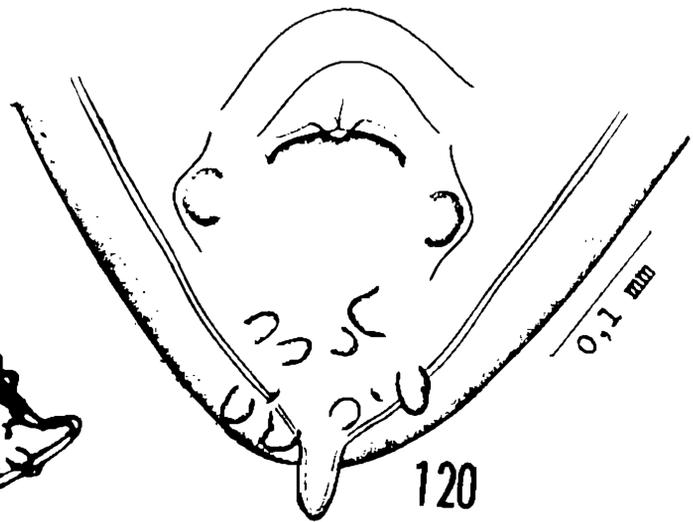
119



118



117

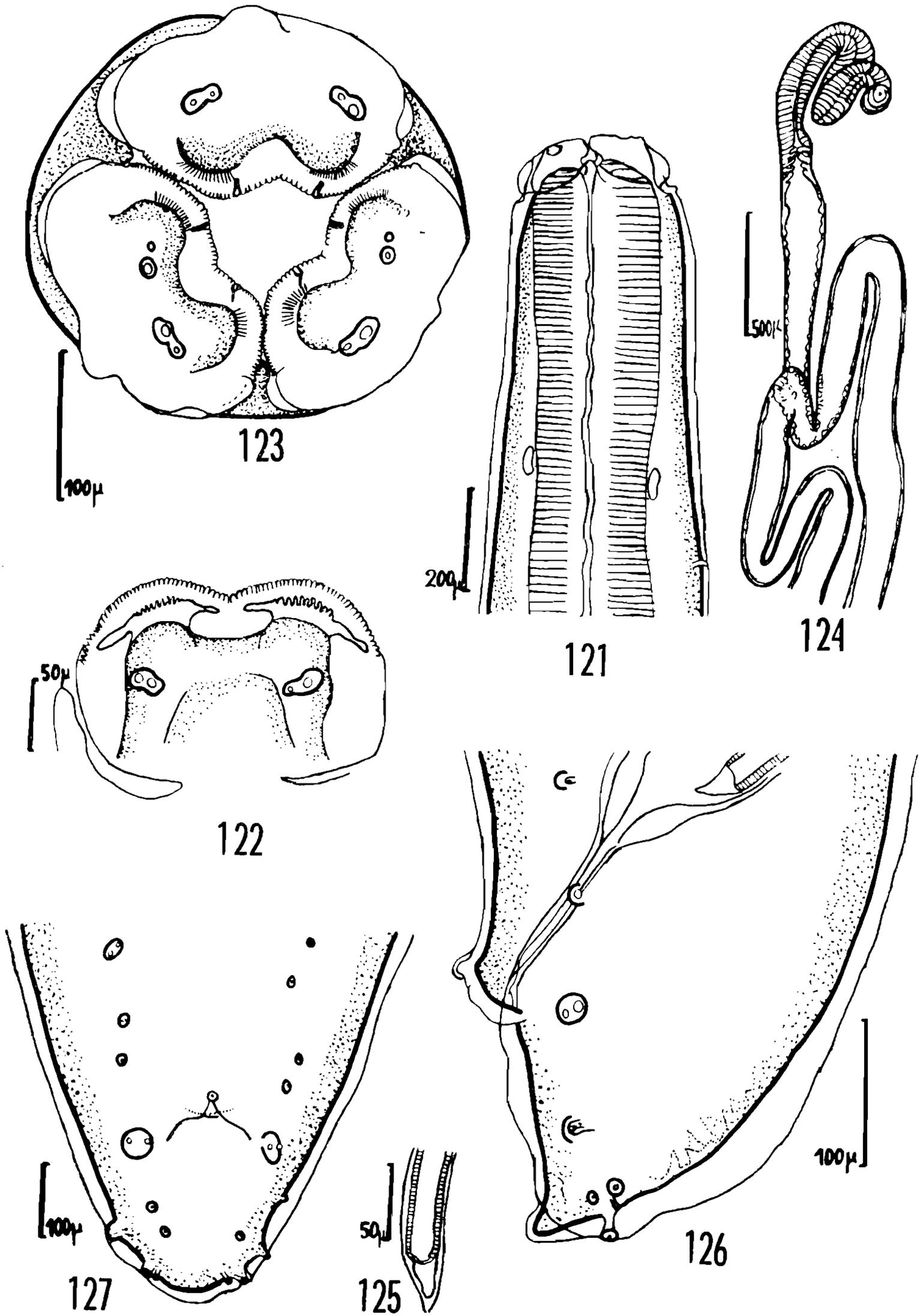


120

ESTAMPA 20

Ophidascaris solenopoion Chabaud, 1960, segundo CHABAUD, 1960

- Figura 121 — Extremidade anterior do macho, vista lateral.
- Figura 122 — Lábio dorsal do macho.
- Figura 123 — Extremidade cefálica do macho, vista de frente.
- Figura 124 — Ovejeter de fêmea jovem.
- Figura 125 — Extremidade distal de um espículo.
- Figura 126 — Extremidade posterior do macho, vista lateral.
- Figura 127 — Extremidade posterior do macho, vista ventral.



ESTAMPA 21

Figura 128 — *Ophidascaris daubaylisi* Freitas, 1967 (sin.: *Ophidascaris naiae* Baylis & Daubney, 1923, nec Gedoelst, 1916): Lábio dorsal da fêmea, segundo BAYLIS & DAUBNEY, 1923.

Figura 129 — *Ophidascaris daubaylisi* Freitas, 1967 (sin.: *Ophidascaris naiae* Baylis & Daubney, 1923, nec Gedoelst, 1916): Cauda do macho, vista ventral, segundo BAYLIS & DAUBNEY, 1923.

Figura 130 — *Ophidascaris wui* Freitas, 1967 (sin.: *Ophidascaris filaria* Wu & Hu, 1938, nec Dujardin, 1845): Lábio dorsal, segundo WU & HU, 1938 (in MOZGOVoi, 1953).

Figura 131 — *Ophidascaris wui* Freitas, 1967 (sin.: *Ophidascaris filaria* Wu & Hu, 1938, nec Dujardin, 1845): Extremidade cefálica, vista de frente, segundo WU & HU, 1938 (in MOZGOVoi, 1953).

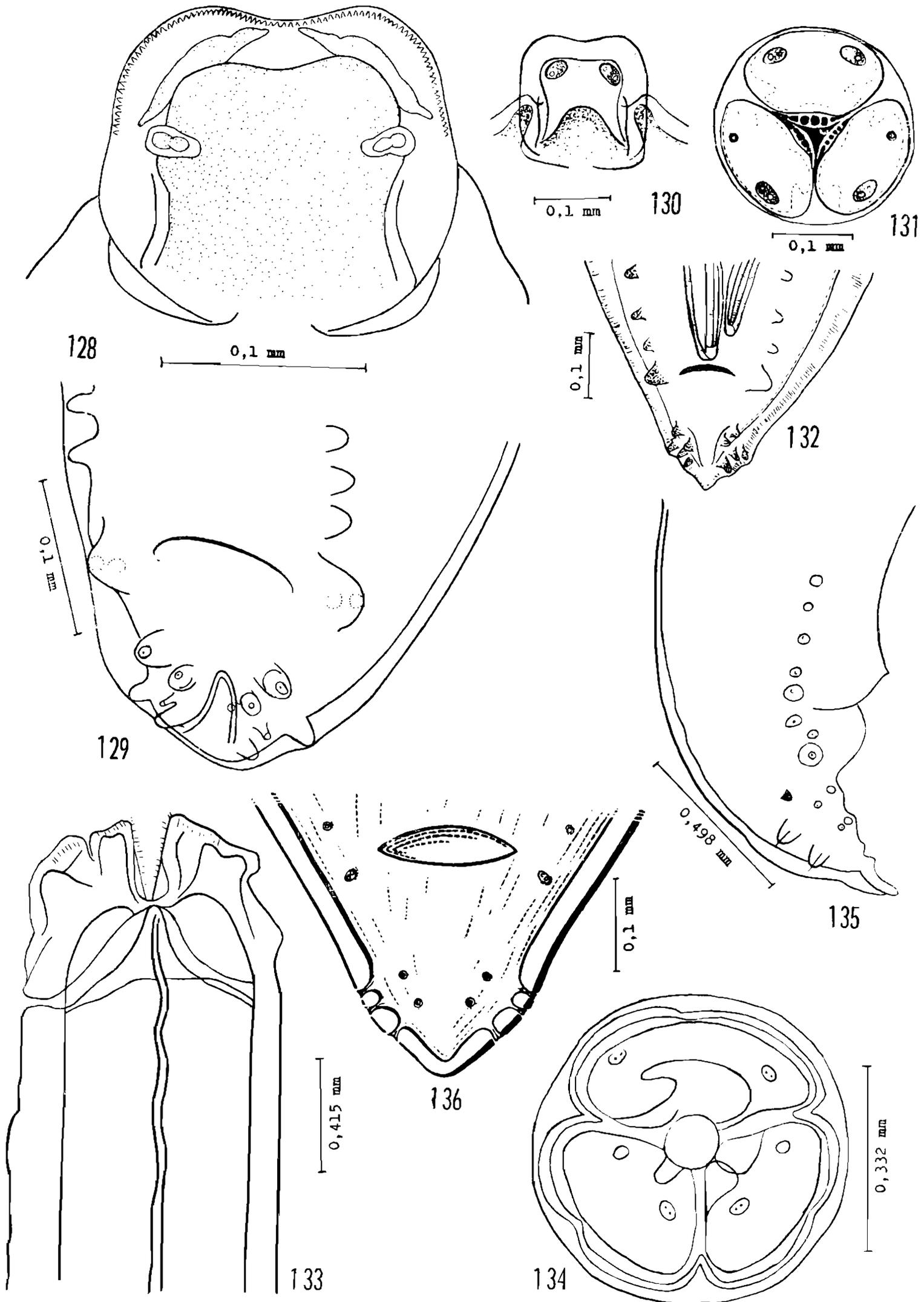
Figura 132 — *Ophidascaris wui* Freitas, 1967 (sin.: *Ophidascaris filaria* Wu & Hu, 1938, nec Dujardin, 1845): Cauda do macho, vista ventral, segundo WU & HU, 1938 (in MOZGOVoi, 1953).

Figura 133 — *Ophidascaris caballeroi* Freitas, 1967 (sin.: *Ophidascaris trichuriformis* Caballero, 1952, nec Vaz, 1935): Extremidade anterior da fêmea, segundo CABALLERO, 1952.

Figura 134 — *Ophidascaris caballeroi* Freitas, 1967 (sin.: *Ophidascaris trichuriformis* Caballero, 1952, nec Vaz, 1935): Extremidade cefálica da fêmea, vista de frente, segundo CABALLERO, 1952.

Figura 135 — *Ophidascaris caballeroi* Freitas, 1967 (sin.: *Ophidascaris trichuriformis* Caballero, 1952, nec Vaz, 1935): Cauda do macho, vista lateral, segundo CABALLERO, 1952.

Figura 136 — *Ophidascaris hsuei* Freitas, 1967 (sin.: *Ophidascaris filaria* Hsü & Hoeppli, 1931, nec Dujardin, 1845): Cauda do macho, vista ventral, segundo HSÜ & HOEPPLI, 1931.

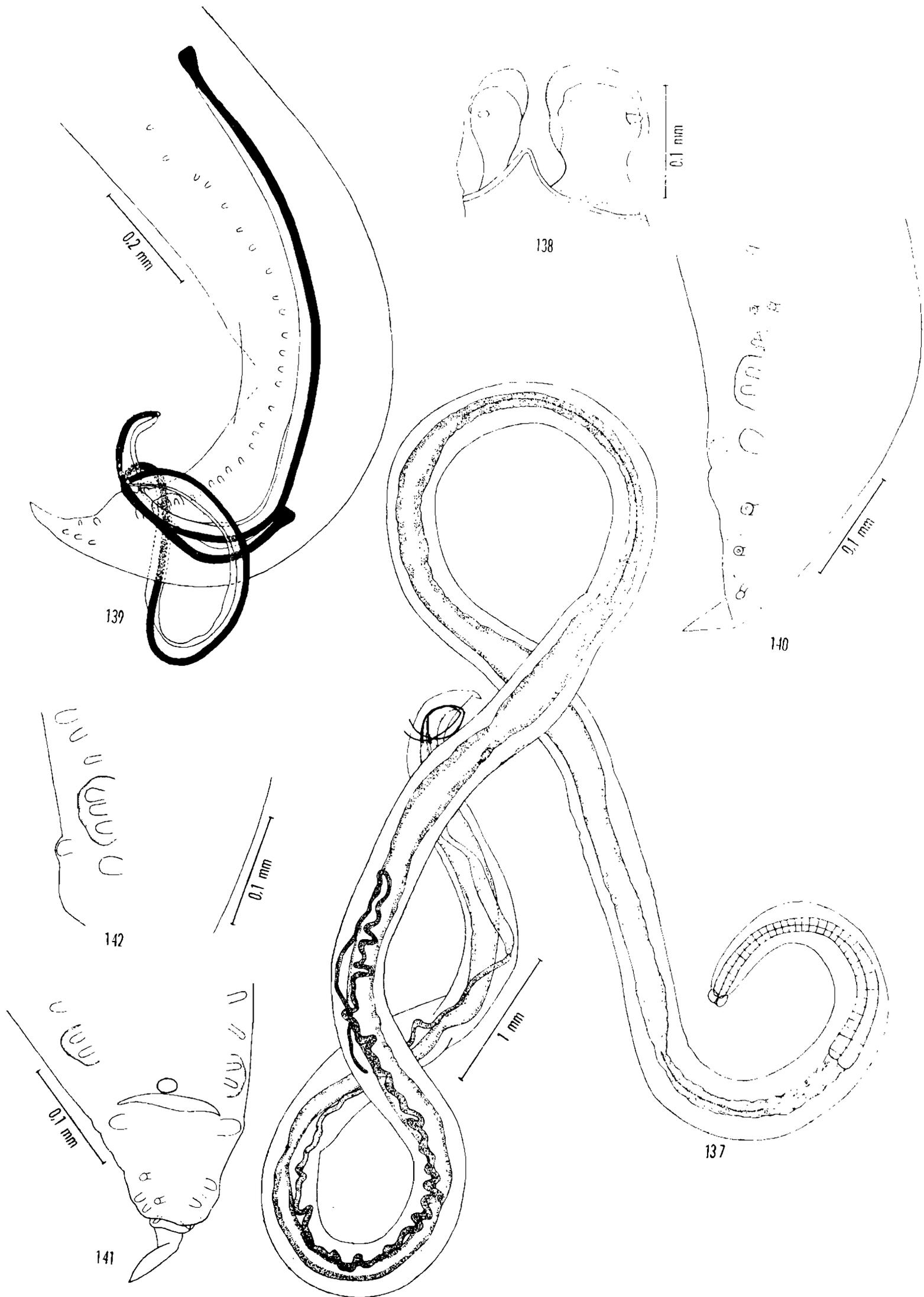


FREITAS: Gênero *Ophidascaris* Baylis

ESTAMPA 22

Ophidascaris cretinorum sp. n.

- Figura 137 — Holótipo.
Figura 138 — Extremidade cefálica do holótipo, vista lateral.
Figura 139 — Extremidade posterior do parátipo n.º 30 269 a.
Figura 140 — Cauda do holótipo, vista lateral.
Figura 141 — Cauda do parátipo n.º 30 269 b, vista ventral.
Figura 142 — Porção da cauda do parátipo n.º 30 269 a, vista lateral.



FREITAS: Gênero *Ophidascaris* Baylis

ESTAMPA 23

Ophidascaris sp. Thomas, 1959, segundo THOMAS, 1959

Figura 143 — Extremidade cefálica, vista sub-lateral.

Figura 144 — Extremidade cefálica, vista dorsal.

Figura 145 — Cauda do macho, vista lateral.

Ophidascaris sp.

(sin.: *Ophidascaris labiatopapillosa* Ash & Beaver, 1962, nec Walton, 1927),
segundo ASH & BEAVER, 1963

Figura 146 — Extremidade cefálica, vista ventral.

Figura 147 — Lábio dorsal

Figura 148 — Extremidade cefálica, vista de frente.

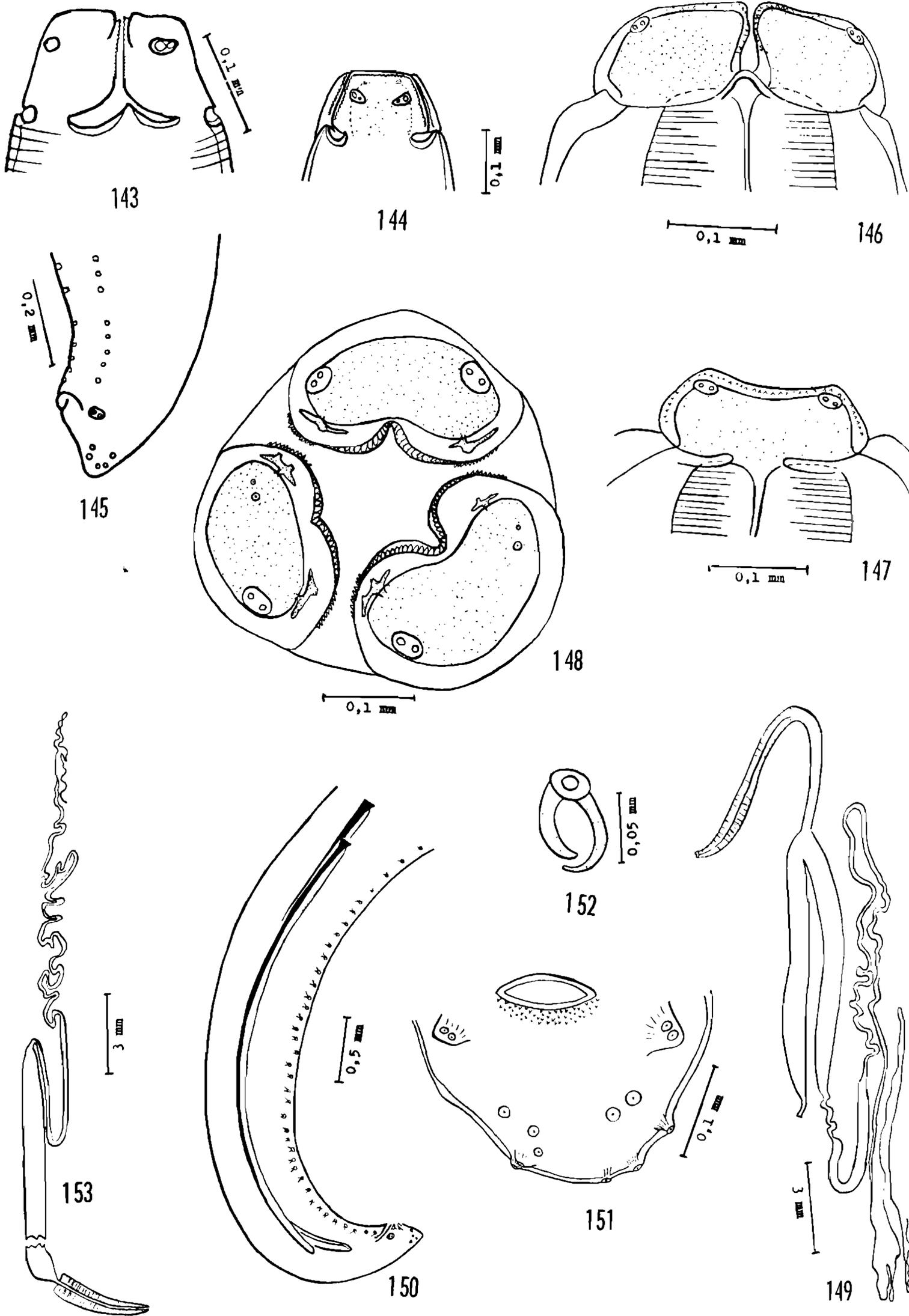
Figura 149 — Aparelho genital feminino.

Figura 150 — Extremidade posterior do macho, vista lateral.

Figura 151 — Cauda do macho, vista ventral.

Figura 152 — Corte transversal de um espículo.

Figura 153 — Aparelho genital masculino.



FREITAS: Gênero *Ophidascaris* Baylis